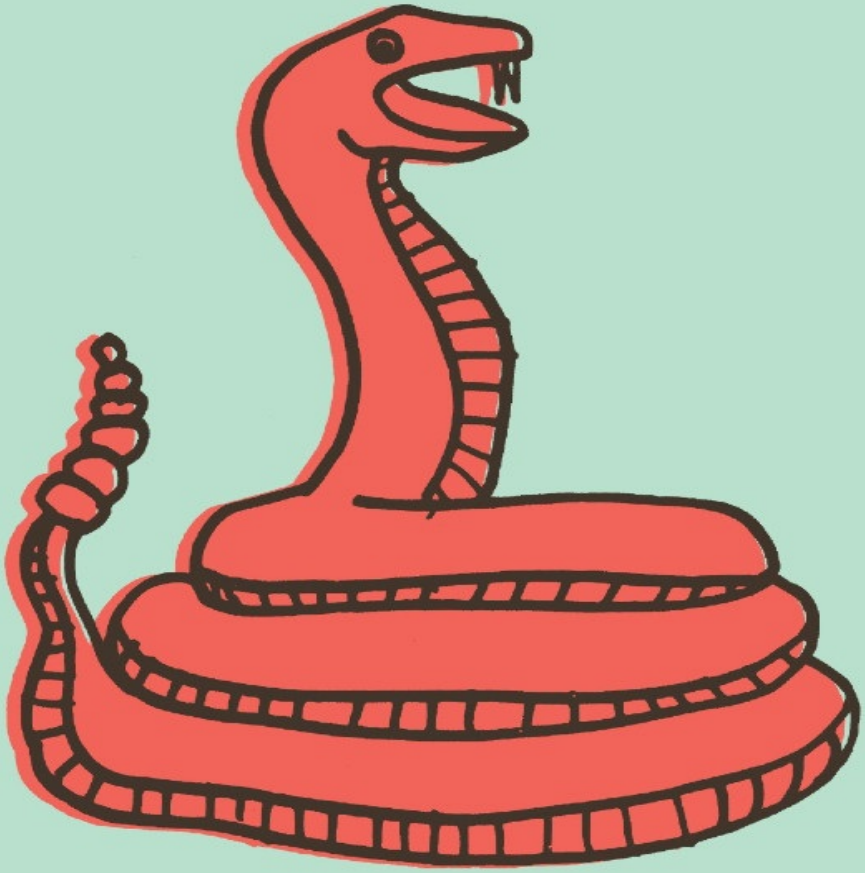
KURT

VONNEGUT



GALÁPAGOS

KURT

VONNEGUT

GALÁPAGOS

Tradução

José Antônio Pinto Arantes

BERTRAND BRASIL

Título original: *Galápagos*

Copyright © 1985 by Kurt Vonnegut
Publicado mediante contrato com Dell Publishing Co., Inc.,
New York, N.Y., U.S.A.

Composição: Typelaser Desenvolvimento Editorial Ltda.

1987

Todos os direitos desta tradução reservados à:
EDITORA BERTRAND BRASIL S.A.
Rua Benjamin Constant, 142 — Glória
20 241 — R. Janeiro — RJ
Tels.: (021) 221-1132 e (021) 221-1162

Não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da editora.

Em memória de Hillis L. Howie
(1903-1982), naturalista amador
— um bom homem que
levou a mim e ao meu melhor amigo, Ben Hitz,
e mais uns outros rapazes
de Indianápolis, Indiana,
até o oeste selvagem americano,
no verão de 1938.

O Sr. Howie nos apresentou a índios autênticos,
nos fez dormir ao relento todas as noites
e enterrar nosso excremento,
nos ensinou a montar cavalos,
nos revelou os nomes de várias plantas e animais
e o que precisavam fazer
para sobreviver
e se reproduzir.

Certa noite, o Sr. Howie quase nos matou de medo
de propósito,
urrando como lince perto do nosso acampamento.
Um lince de verdade urrou em resposta.

Apesar de tudo, ainda acredito que, no íntimo, o homem é bom.

— Anne Frank (1929-1944)

LIVRO UM

Era
Assim

1

Era assim:

Há um milhão de anos, em 1986 d.C., Guaiaquil era o principal porto marítimo da pequena república sul-americana do Equador, cuja capital, Quito, ficava no alto das montanhas da Cordilheira dos Andes. Guaiaquil situava-se a dois graus ao sul do Equador, o círculo imaginário da esfera terrestre do qual o país tomou o nome. Era sempre muito quente, lá, e úmido, também, porque a cidade fora construída na zona das calmas equatoriais — num pântano abundante em nascentes através do qual fluíam as águas de vários rios que drenavam as montanhas.

Este porto marítimo estava localizado a vários quilômetros do alto-mar. Massas de vegetais flutuantes amiúde obstruíam as águas caudalosas, engolfando encalhes e amarras de âncoras.

• • •

Naquela época, os seres humanos possuíam cérebros bem maiores que os de hoje e, por isso, deixavam-se iludir por mistérios. Um desses mistérios, em 1986, referia-se a como tantas criaturas incapazes de vencer a nado longas distâncias haviam chegado às Ilhas Galápagos, um arquipélago de elevações vulcânicas a oeste de Guaiaquil — separado do continente por mil quilômetros de água bastante profunda, uma água bastante fria, vinda do Antártico. Quando os seres humanos descobriram essas ilhas, já existiam gecos, iguanas, ratos, lagartos, aranhas, formigas, escaravelhos, cigarras, ácaros e carrapatos, para não falar nas enormes tartarugas.

Que tipo de transporte teriam usado?

Muita gente contentou seus cérebros gigantes com a seguinte resposta: chegaram em balsas naturais.

• • •

Algumas pessoas sustentavam que tais balsas, uma vez saturadas de água, apodreceram e se desfizeram tão rapidamente que não poderiam ser notadas por ninguém em terra firme, e que a corrente que fluir entre as ilhas e o continente carregaria para o norte, e não para oeste, uma embarcação assim tão rústica.

Afirmavam, também, que todas aquelas primitivas criaturas terrestres haviam caminhado a pé enxuto por uma ponte natural ou nadado pequenas distâncias entre pedras, e que uma ou outra formação havia, desde então, desaparecido sob as ondas. Mas os cientistas, usando seus cérebros gigantes e engenhosos instrumentos, elaboraram, em 1986, mapas do fundo do mar. Não se detectara um só traço, diziam, da participação de qualquer espécie de massa de terra.

• • •

Algumas pessoas, naquela era de cérebros gigantes e mirabolantes raciocínios, afirmavam que, no passado, as ilhas fizeram parte do continente, tendo-se separado por efeito de prodigiosa catástrofe.

Entretanto, nada nas ilhas indicava que haviam se separado de alguma coisa. O que existia, claramente, eram vulcões jovens, vomitados ali mesmo onde se encontravam. Muitos deles tão recentes que davam a impressão de que explodiriam de novo a qualquer momento. Como, em 1986, ainda não haviam propiciado o surgimento de grandes quantidades de corais, inexistiam lagoas azuis e praias de areia branca, encantos que muitos seres humanos costumavam considerar como prenúncio de uma vida futura ideal.

Agora, um milhão de anos depois, existem de fato praias de areia branca e lagoas azuis. Mas na época em que esta história começa, elas não passavam de horríveis montículos, domos, cones e cúspides de lava, quebradiços e abrasivos, cujas fendas, cavidades, concavidades e vales se enchiam, não de um fértil solo arável ou de água doce, mas da mais pura e mais seca cinza vulcânica.

• • •

Outra teoria então formulada dizia que Deus Todo-Poderoso criara todas aquelas criaturas ali onde os exploradores as encontraram, não necessitando, por isso, de transporte.

• • •

Outra teoria afirmava que elas haviam sido despejadas para terra firme aos pares — descendo a rampa da arca de Noé.

Se de fato existiu a arca de Noé — como deve ter existido —, eu poderia intitular minha história: “A segunda arca de Noé.”

2

Há um milhão de anos, nenhum mistério envolvia o modo como um americano de 35 anos, chamado James Wait, que, como nadador, não sabia dar nem uma braçada, pretendia sair do continente sul-americano e chegar às Ilhas Galápagos. Sem dúvida, ele não iria se acocorar numa balsa natural de vegetais e esperar pelo melhor. Simplesmente comprou uma passagem, em seu hotel no centro de Guaiaquil, para um cruzeiro de duas semanas, que seria a primeira viagem do navio de passageiros *Bahía de Darwin*, equivalente espanhol de *Baía de Darwin.* A primeira excursão do navio a Galápagos, o qual desfraldava a bandeira do Equador, fora divulgada e anunciada no mundo inteiro, durante o ano de 1985, como o "Cruzeiro Natural do Século".

Wait viajava sozinho. Com uma calvície prematura, era atarracado, tinha uma cor de pele pálida, como a casca de uma torta exposta numa cafeteria ordinária, e usava óculos, de modo que seria plausível dizer-se entrado na casa dos 50 anos, caso ele visse alguma vantagem em dizer isso. Ele queria dar a impressão de ser inofensivo e tímido.

Ele era, agora, o único hóspede no bar do Hotel El Dorado, na larga Calle Diez de Agosto, onde alugara um quarto. E o garçom do bar, um rapaz de 20 anos, descendente de orgulhosos nobres incaicos, de nome Jesús Ortiz, pressentiu que aquele homem abatido e desamparado, que se dizia canadense, tinha a alma ferida por alguma injustiça ou tragédia terrível. Wait queria que todos que o visem tivessem esse pressentimento.

Jesús Ortiz, que é uma das pessoas mais interessantes da minha história, sentiu pena, e não desprezo, por aquele solitário turista. Achava triste — como Wait esperava que ele achasse — que Wait tivesse gasto uma fortuna na loja do hotel, comprando chapéu de palha, sandálias de corda, calças curtas amarelas e uma camisa de algodão com desenhos em branco, azul e vermelho, que naquele momento ele usava. Wait aparentava grande respeitabilidade, pensou Ortiz, quando chegou do aeroporto vestindo terno de executivo. Mas agora, e com muito custo, ele se transformara num palhaço, numa caricatura do turista americano nos trópicos.

A etiqueta de preço ainda estava pregada na bainha da camisa nova de Wait, e Ortiz, muito polidamente e falando um bom inglês, informou-o disso.

Ele sabia que a etiqueta estava lá, e lá queria que ficasse. Mas começou a fingir que se sentia embaraçado, dando a impressão de que tiraria a etiqueta. No entanto, como que dominado por uma tristeza da qual tentava se livrar, pareceu esquecer o pequeno problema.

• • •

Wait era pescador, e a etiqueta de preço, sua isca, uma maneira de encorajar estranhos a conversar com ele, a dizer, de um jeito ou de outro, o que Ortiz lhe dissera:

— Me desculpe, *Señor*, mas não tinha como não notar...

Wait registrara-se no hotel com o nome que estava no passaporte falso canadense, que era Willard Flemming. Ele era um vigarista extremamente bem-sucedido.

Ortiz não corria nenhum risco com ele, mas uma mulher desacompanhada que desse a impressão de ter algum dinheirinho, sem marido e sem filho, certamente correria. Até então, Wait havia cortejado e desposado dezessete mulheres desse tipo — limpara suas caixas de joias, os cofres bancários com valores, as contas correntes, e desaparecera.

Ele tinha alcançado tanto sucesso em tudo o que fez, que acabou ficando milionário, com juros de depósitos a prazos fixos sob vários nomes em bancos por toda a América do Norte, sem nunca ter sido preso por qualquer coisa. Ele sabia que ninguém tentaria pegá-lo. Quanto às causas policiais, pensava ele, era apenas um dos dezessete maridos infiéis, cada um com um nome diferente, em vez de apenas um único criminoso comum cujo nome real era James Wait.

• • •

É difícil acreditar hoje em dia que as pessoas pudessem ter sido tão brilhantemente ardilosas como James Wait — mas então me lembro de que quase todos os seres humanos adultos daquela época tinham um cérebro que pesava cerca de três quilos! Não havia limites para os planos malignos que uma máquina pensante de tamanho extragrande pudesse imaginar e realizar.

Assim, faço a seguinte pergunta, embora não haja ninguém à minha volta para respondê-la: Há alguma dúvida de que cérebros de três quilos foram, outrora, quase falhas fatais na evolução da raça humana?

Uma segunda pergunta: Naquela época, qual era a fonte, exceto o nosso aperfeiçoado circuito nervoso, dos males que víamos e ouvíamos por toda parte?

Minha resposta: Não havia nenhuma outra fonte. Este planeta era muito inocente, salvo para aqueles cérebros gigantes.

3

O Hotel El Dorado era um edifício novo de cinco andares, para turistas — um bloco de cimento sem ornamentos. Tinhas as proporções e a disposição de uma estante envidraçada, alto, largo e raso. Cada quarto com uma parede de vidro que ia do chão ao teto, voltada para o lado oeste — em direção à zona portuária, destinada a navios de grande calado que ficavam no delta, a uma distância de três quilômetros.

No passado, essa parte da cidade fervilhava com atividades comerciais, e navios do mundo inteiro traziam carne, cereais, verduras, frutas, veículos, roupas, maquinaria, aparelhos domésticos, e assim por diante, e levavam, numa troca legítima, produtos equatorianos como cacau, açúcar, petróleo e ouro, além de arte e artesanato indígenas, inclusive chapéus panamá, que sempre foram fabricados no Equador, e não no Panamá.

Agora, porém, havia apenas dois navios lá, enquanto James Wait estava sentado no bar, embalando seu rum com Coca-Cola. Ele não era, de fato, um bebedor, já que vivia de expedientes e não podia permitir que o álcool causasse um curto-circuito nos delicados comutadores do enorme computador alojado em seu crânio. Seu drinque era um acessório teatral — como a etiqueta de preço grudada em sua camisa ridícula.

Ele não tinha condições de dizer se o movimento da zona portuária era normal ou não. Até dois dias antes, nunca ouvira falar em Guaiaquil, e pela primeira vez na vida descia abaixo da linha do Equador. Para ele, o El Dorado era igualzinho aos outros hotéis despersonalizados que usara no passado como esconderijos — em Moose Jaw, Saskatchewan; San Ignacio, México; Watervliet, Nova Iorque; e assim por diante.

Ele pegara o nome do hotel em que estava agora no balcão de informações de embarque e desembarque do Aeroporto Internacional Kennedy, na cidade de Nova Iorque. Tinha acabado de empobrecer e abandonar sua décima sétima esposa — uma viúva de setenta anos de Skokie, em Illinois, próximo de Chicago. Guaiaquil lhe pareceu o último lugar em que ela pensaria em procurá-lo.

Essa mulher era tão feia e estúpida que, provavelmente, nunca deveria ter nascido. No entanto, Wait fora o segundo homem a esposá-la.

E, depois, ele não ficaria muito tempo hospedado no El Dorado, uma vez que havia comprado uma passagem para o “Cruzeiro Natural do Século” de um agente de viagens no saguão do hotel. A tarde chegava ao fim, agora, e lá fora fazia um calor infernal. Nenhuma brisa soprava, mas isso não o incomodava, já que ele estava dentro do hotel — que tinha ar condicionado — e, de qualquer modo, logo partiria. Seu navio, o *Bahía de Darwin*, zarparia ao meio-dia do dia seguinte, que era sexta-feira, 28 de novembro de 1986 — um milhão de anos atrás.

• • •

A baía para a qual o meio de transporte de Wait fora designado abria-se em leque ao sul das Ilhas Galápagos de Genovesa. Wait nunca ouvira falar, até então, nas Ilhas Galápagos. Esperava que parecessem com as ilhas do Havaí, onde certa vez passara uma lua de mel, ou Guam, onde uma vez se refugiara — com enormes praias de areia branca e lagoas azuis, palmeiras agitando-se ao vento e garotas nativas bronzeadas.

O agente de viagem lhe dera um folheto que descrevia o cruzeiro, mas Wait nem sequer passara os olhos por ele. Largara-o sobre o balcão a sua frente. O folheto dizia a verdade sobre as ilhas, a maior parte delas proibida, e alertava os possíveis passageiros, como o agente de viagem não alertara Wait, de que seria melhor estarem em condições físicas razoavelmente boas e usarem botas resistentes e roupas rústicas, já que precisariam, quase sempre, andar na água e escalar superfícies de rochas como uma infantaria anfíbia.

• • •

A Baía de Darwin recebeu este nome em homenagem ao grande cientista inglês Charles Darwin, que visitara Genovesa e várias ilhas vizinhas durante cinco semanas, em 1835 — quando não passava de um rapazinho de 26 anos de idade, nove anos mais jovem que Wait. Darwin era, naquela época, um naturalista voluntário a bordo do navio *Beagle*, de Sua Majestade, numa expedição de levantamento cartográfico que o levaria a uma volta completa ao mundo e duraria cinco anos.

O folheto sobre o cruzeiro, concebido mais para satisfazer os amantes da natureza do que os aventureiros, reproduzia a descrição de Darwin das Ilhas Galápagos, extraída de seu primeiro livro, *A viagem do Beagle*:

“Nada poderia ser menos convidativo do que o aspecto inicial. Um campo irregular de lava basáltica preta, lançada contra ondas fortíssimas, e marcada

com grandes fendas, aparece coberto, em toda parte, por uma mata mirrada e queimada pelo sol, não apresentando nenhum sinal de vida. A superfície árida e crestada, ao ser aquecida pelo sol do meio-dia, dava à atmosfera uma sensação de opressão e abafamento, como um forno: se nos afigurava que as moitas exalavam um cheiro desagradável."

Darwin prosseguia: "Toda a superfície (...) parece ter sido saturada, como uma peneira, pelos vapores subterrâneos: aqui e ali, a lava, embora temperada, formava grandes bolhas; em outras partes, os cumes de cavernas de formação similar desabaram, deixando porções circulares com faces escarpadas." Lembrava-se vivamente, escreveu ele, "(...) dos lugares de Staffordshire, onde são numerosas as grandes fundições de ferro".

• • •

Havia um retrato de Darwin atrás do bar do El Dorado, emoldurado por prateleiras e garrafas — uma reprodução ampliada de uma gravura em aço, representando-o, não como um jovem nas ilhas, mas como um digno homem de família de volta à Inglaterra, com uma barba tão exuberante quanto a coroa de espinhos de Cristo. Aquele mesmo retrato fora estampado no peito das camisetas que estavam à venda na loja, e Wait comprara duas. Darwin tinha esse aspecto quando finalmente se deixou convencer por amigos e parentes de que devia registrar no papel suas ideias sobre a formação da vida no mundo inteiro, inclusive como ele mesmo, os amigos, os parentes, e mesmo sua rainha, se tornaram no que eram no século XIX. Por isso ele escreveu o livro científico de maior influência produzido durante toda a era dos cérebros gigantes. Mais do que qualquer outro, esse livro contribuiu para estabilizar as voláteis opiniões das pessoas sobre como identificar o sucesso ou o fracasso. Dá para imaginar? E o título do livro resumia seu implacável conteúdo: *Origem das espécies por meio da seleção natural, ou a preservação das raças mais aptas à luta pela vida.*

• • •

Wait nunca lera esse livro, muito menos o nome de Darwin significava alguma coisa para ele, embora de vez em quando se fizesse passar, com sucesso, por homem culto. Durante o "Cruzeiro Natural do Século", ele pretendia ser um engenheiro mecânico de Moose Jaw, Saskatchewan, cuja esposa morrera de câncer recentemente.

De fato, sua instrução terminara depois de estudar durante dois anos conserto e manutenção de automóveis, no colégio vocacional de sua cidade natal,

Midland, em Ohio. Ele vivia, então, no quinto de uma série de lares de adoção, essencialmente um órfão, já que era o produto de uma relação incestuosa entre um pai e uma filha que fugiram da cidade, juntos e para sempre, logo após seu nascimento.

Quando ele próprio estava bastante crescido para fugir, viajou de carona para a ilha de Manhattan. Lá, um cafetão o amparou e o ensinou a ser um bem-sucedido prostituto homossexual, deixar etiquetas de preço nas roupas, realmente ter prazer com amantes sempre que possível, e assim por diante. Outrora Wait fora bem bonito.

Quando sua beleza começou a fenecer, tornou-se professor de dança de salão numa escola. Era dançarino nato, e soube, em Midland, que seus pais também haviam sido excelentes dançarinos. Provavelmente, tinha herdado sua noção de ritmo. E foi na escola de dança que ele conheceu, cortejou e esposou a primeira de suas dezessete mulheres até então.

• • •

Durante toda sua infância, Wait foi severamente maltratado pelos pais adotivos, por tudo e por nada. Temiam que, devido a sua paternidade endógama, ele se transformasse num monstro moral.

Assim, ali estava o monstro — no Hotel El Dorado —, feliz, rico e saudável, tanto quanto sabia, e pronto para a próxima prova de habilidade para sobrevivência.

• • •

A propósito, tal como James Wait, eu também fui, outrora, um adolescente fugitivo.

4

O anglo-saxão Charles Darwin, discreto e distinto, impessoal e assexuado, atônito observador em seus escritos, era um herói na produtiva, apaixonada e poliglota Guaiaquil, porque motivara um boom turístico. Não fosse Darwin, não haveria um Hotel El Dorado ou um *Bahía de Darwin* para acomodar James Wait. Não haveria uma butique para vesti-lo tão comicamente.

Se Charles Darwin não tivesse afirmado que as Ilhas Galápagos eram maravilhosamente instrutivas, Guaiaquil não passaria de uma quente e imunda cidade portuária, e as ilhas seriam tão importantes para o Equador quanto os cúmulos de lava escoriácea de Staffordshire.

Darwin não mudou as ilhas, apenas a opinião das pessoas sobre elas. Isso porque simples opiniões eram importantíssimas na era dos cérebros gigantes.

Simples opiniões, de fato, tinham o poder de governar as ações das pessoas, assim como as evidências incontestáveis, e estavam sujeitas a inversões assim como evidências incontestáveis jamais estariam. Desse modo, as Ilhas Galápagos pareciam o inferno, num momento, e o céu, num outro; Júlio César parecia um estadista num momento e um açougueiro num outro; a moeda equatoriana podia ser usada para se obter alimentos, guarida e roupas num momento, e num outro nem uma agulha; e o mundo parecia criado por Deus Todo-Poderoso num momento, e por uma tremenda explosão num outro — e assim por diante.

Graças à redução de sua capacidade cerebral, as pessoas não se deixam mais distrair das questões principais da vida pelo espectro das opiniões.

• • •

Os brancos descobriram as Ilhas Galápagos em 1535, quando um navio espanhol deu com elas após se desviar de sua rota em consequência de uma tormenta. Ninguém as habitava, nem havia vestígios de povoamento humano.

Esse desventurado navio não tinha outro objetivo senão transportar o bispo de Panamá até o Peru, jamais se afastando da costa do continente sul-americano. Houve então a tormenta, que rudemente o arrastou para oeste, sempre para oeste,

onde a opinião humana predominante insistia na existência de água e apenas água.

Mas então a tormenta se dissipou e os espanhóis descobriram que haviam introduzido o bispo num pesadelo de marinheiro, onde os trechos de terra eram uma piada, sem ancoradouros seguros, sombra, água doce, frutos pendentes, ou seres humanos de qualquer espécie. O navio parara forçado pela calmaria, e estavam sem água nem alimentos. O mar parecia um espelho. Baixaram um bote e, junto com seu líder espiritual, mandaram-se de lá.

Não reivindicaram as ilhas para a Espanha, assim como não reivindicariam senão o inferno para a Espanha. E, por três séculos, após uma revisão da opinião humana propiciar o surgimento do arquipélago nos mapas, nenhuma nação desejou possuí-lo. Mas, em 1832, um dos menores e mais pobres países do mundo, o Equador, pediu aos povos de todo o mundo que partilhassem com ele dessa opinião: as ilhas pertenciam ao Equador.

Ninguém fez a menor objeção. Naquela época, não passava de opinião cômica e, inclusive, inofensiva. Era como se o Equador, num espasmo de demência imperialista, tivesse anexado ao seu território uma passageira nuvem de asteroides.

Foi então que o jovem Charles Darwin, apenas três anos depois, começou a convencer seus semelhantes de que os extravagantes animais e plantas sobreviventes das ilhas tinham um grande valor, desde que as pessoas os vissem do jeito que ele os viu — de um ponto de vista científico.

Há apenas uma palavra capaz de descrever adequadamente sua transformação das ilhas do imprestável para o inestimável: *mágica.*

• • •

Sim, e antes da chegada de James Wait a Guaiaquil, esteve lá muita gente interessada em história natural, a caminho das ilhas para ver o que viu Darwin, sentir o que sentiu Darwin, e por isso três navios tinham ali seu porto de base, sendo o mais novo deles o *Bahía de Darwin.* Havia vários hotéis modernos para turistas, sendo o mais novo deles o El Dorado, e havia várias lojinhas, butiques e restaurantes para turistas, todos espalhados pela Calle Diez de Agosto.

A situação, porém, era a seguinte: Quando James Wait chegou lá, uma crise financeira mundial, uma inesperada revisão das opiniões humanas sobre o valor do dinheiro, das ações, debêntures, hipotecas, e assim por diante — papéis —, arruinaram o negócio turístico, não apenas no Equador, mas no mundo inteiro. Assim, o El Dorado era o único hotel ainda em funcionamento em Guaiaquil, e o *Bahía de Darwin,* o único navio de cruzeiro ainda preparado para zarpar.

O El Dorado estava aberto apenas para servir de ponto de encontro para as pessoas com passagens para o “Cruzeiro Natural do Século”, já que ele pertencia à mesma empresa equatoriana a que pertencia o navio. Mas agora, menos de vinte e quatro horas antes de ter início o cruzeiro, havia apenas seis hóspedes, incluindo James Wait, no hotel de duzentos quartos. Os outros cinco hóspedes eram:

*Zenji Hiroguchi, 29, um gênio japonês da computação;

Hisako Hiroguchi, 26, sua esposa grávida, professora de ikebana, a arte japonesa de arranjos florais;

*Andrew MacIntosh, 55, um financista e aventureiro americano de grande riqueza herdada, um viúvo;

Selena MacIntosh, 18, sua filha cega de nascença;

E Mary Hepburn, 51, uma viúva americana de Ilium, Nova Iorque, que praticamente ninguém no hotel viu, porque ela permaneceu em seu quarto no quinto andar, fazendo lá todas as refeições, desde que chegara sozinha na noite anterior.

As duas pessoas com asterisco junto aos nomes morreriam antes do pôr do sol. A propósito, esta convenção para destacar certos nomes continuará sendo utilizada durante o desenrolar da minha história, alertando os leitores para o fato de que algumas das personagens em breve enfrentarão o definitivo teste darwiniano de força e vontade.

• • •

Eu também estava lá, mas perfeitamente invisível.

5

O *Bahía de Darwin* também estava condenado, embora ainda não preparado, a ter um asterisco junto ao nome. Suas máquinas não parariam de funcionar antes de cinco poentes, e ele não afundaria antes que se passassem dez anos. Não se tratava apenas do navio de cruzeiro mais novo, maior, mais rápido e mais luxuoso baseado em Guaiaquil. Ele era o único reservado, exclusivamente, para o negócio turístico de Galápagos, cujo destino, a partir do momento em que desaparecesse no horizonte, era ir direto para as ilhas e voltar, ir e mais uma vez voltar.

Fora construído em Malmö, na Suécia, onde eu mesmo trabalhei nele. Segundo uma diminuta tripulação de suecos e equatorianos que o levaram de Malmö a Guaiaquil, a tempestade que o surpreendeu no Atlântico Norte seria a última de sua vida.

Ele continha restaurante, sala de conferência, boate e acomodações para cem passageiros pagantes. Dispunha de radar, sonar e de um navegador eletrônico que lhe dava, ininterruptamente, a posição em relação à terra, até centenas de metros. Era tão automatizado, que apenas uma pessoa na ponte de comando, sem ninguém na sala de máquinas ou no convés, podia ligá-lo, levantar âncora, engrená-lo e dirigi-lo, como um automóvel de família. Possuía oitenta e cinco vasos sanitários com descarga, doze bidês e telefones nos camarotes e na ponte de comando, os quais, via satélite, comunicavam-se com outros telefones em qualquer parte do mundo.

Tinha televisão, de modo que as pessoas ficavam atualizadas com as notícias do dia.

Seus proprietários, dois velhos irmãos alemães de Quito, orgulhavam-se do fato de que seu navio jamais ficaria incomunicável por um instante. Mal sabiam eles.

• • •

Tinha setenta metros de comprimento.

O navio em que Charles Darwin era naturalista voluntário, o *Beagle*, media apenas vinte e oito metros de comprimento.

Quando o *Bahía de Darwin* foi lançado ao mar, em Malmö, mil e cem toneladas métricas de água salgada precisaram ocupar outro espaço. Na época, eu estava morto.

Quando o *Beagle* foi lançado ao mar, em Falmouth, na Inglaterra, apenas duzentas e quinze toneladas métricas de água salgada precisaram ocupar outro espaço.

O *Bahía de Darwin* era um navio a motor de metal.

O *Beagle* era um barco a vela de madeira e carregava dez canhões para rechaçar piratas e selvagens.

• • •

Os dois antigos navios de cruzeiro com os quais o *Bahía de Darwin* devia concorrer foram retirados de serviço antes que a disputa começasse. A lotação de ambos já havia sido preenchida para vários meses, mas então, devido à crise financeira, houve muitos cancelamentos. Foram ancorados nas águas estagnadas dos pântanos, longe da cidade, e de qualquer estrada ou casa. Seus proprietários tiraram-lhes os equipamentos eletrônicos e outras coisas valiosas — prevendo um longo período de inatividade.

O Equador, afinal, assim como as Ilhas Galápagos, era principalmente lava e cinza, e por isso não podia alimentar seus nove milhões de habitantes. Estava falido, não podia mais comprar alimentos de países com solos férteis, e então o porto de Guaiaquil andava ocioso, e as pessoas começavam a morrer de fome.

Negócio é negócio.

• • •

Os vizinhos Peru e Colômbia estavam falidos, também. Afora o *Bahía de Darwin*, o único navio na zona portuária de Guaiaquil era um cargueiro colombiano enferrujado, o *San Mateo*, encalhado por falta de recursos para a compra de alimento e combustível. Estava há tanto tempo ancorado ao largo, que uma enorme quantidade de material vegetal acumulou-se em torno da linha de âncora. Um filhote de elefante seria capaz de chegar às Ilhas Galápagos num material flutuante daquele tamanho.

México, Chile, Brasil e Argentina estavam também falidos — assim como Indonésia, Filipinas, Paquistão, Índia, Tailândia, Itália, Iraque, Bélgica e Turquia. Nações inteiras viram-se, de repente, na mesma situação do *San Mateo*, impossibilitadas de comprar com seu dinheiro, ou com promessas de pagamento a prazo, até mesmo artigos de primeira necessidade. Pessoas com produtos

alimentícios para vender, cidadãos ou estrangeiros, recusavam-se a trocar mercadorias por dinheiro. De repente, estavam dizendo às pessoas que detinham o poder da riqueza: “Acordem, idiotas! O que os fez pensar que o papel-moeda é tão valioso?”

• • •

Havia ainda abundância de alimento, combustível, etcétera, para todos os seres humanos do planeta, por mais numerosos que fossem, mas agora milhões e milhões começavam a morrer de inanição. Os mais saudáveis conseguiriam sobreviver sem comida por cerca de quatro dias apenas, e depois, então, morreriam.

E essa escassez de víveres era puramente um produto de cérebros demasiado grandes, tal como a “Nona Sinfonia” de Beethoven.

Acontecia dentro da cabeça de todo mundo. As pessoas haviam simplesmente mudado de opinião sobre a riqueza monetária, mas, a despeito dos propósitos práticos, o planeta também poderia ser deslocado de sua órbita por um meteoro do tamanho de Luxemburgo.

6

A crise financeira, impossível de ocorrer nos dias de hoje, era, simplesmente, a última de uma série de catástrofes homicidas do século XX, originadas no cérebro humano. As pessoas praticavam tanta violência contra si mesmas e as outras, e, a propósito, contra todos os seres vivos, que um visitante extraterrestre concluiria que o meio ambiente achava-se completamente desequilibrado, e as pessoas, enlouquecidas, porque a Natureza estava prestes a matar todas elas.

Há um milhão de anos, porém, o planeta era tão úmido e fértil como hoje — e, quanto a isso, único em toda a Via Láctea. O que mudara mesmo era a opinião das pessoas sobre o lugar.

Para fazer justiça à humanidade, tal como era então: mais e mais, as pessoas diziam que seu cérebro era irresponsável, falível, hediondamente perigoso, completamente irrealista — simplesmente, imperfeito.

No microcosmo do Hotel El Dorado, por exemplo, a viúva Mary Hepburn, que fazia todas as refeições em seu quarto, amaldiçoava seu próprio cérebro em voz baixa por causa do conselho que ele lhe dava: suicide-se.

— Você é meu inimigo — murmurava ela. — Por que quereria eu carregar dentro de mim um inimigo tão terrível?

Durante um quarto de século, ela lecionara biologia no colégio público de Ilium, Nova Iorque, agora extinto, e conhecia muito bem a estranha história da evolução de uma criatura, então extinta, que os seres humanos chamaram de “alce irlandês”.

— Se eu pudesse escolher entre um cérebro como você e os chifres de um alce irlandês — disse ela para seu sistema nervoso central —, eu ficaria com os chifres do alce irlandês.

Os chifres desses animais costumavam ser do tamanho de um lustre de salão de baile. Eles eram um ótimo exemplo, dizia ela a seus alunos, do grau de tolerância da natureza em relação a equívocos claramente ridículos pela evolução. Os alces irlandeses sobreviveram dois milhões e meio de anos, apesar do fato de seus chifres serem inadequados para a luta ou autodefesa, impedindo-os de buscar alimento em bosques densos e matas cerradas.

• • •

Mary ensinara também que o cérebro humano era o dispositivo de sobrevivência mais admirável já criado na evolução. Agora, porém, seu próprio cérebro gigante a instigava a tirar o protetor de polietileno que envolvia o vestido de gala vermelho no guarda-roupa, ali em Guaiaquil, e enrolá-lo na cabeça, privando de oxigênio suas células.

• • •

Antes disso, seu maravilhoso cérebro havia entregue aos cuidados de um ladrão, no aeroporto, uma mala de mão contendo seus artigos de toalete e roupas que seriam úteis no hotel. Essa era sua bagagem de mão num voo de Quito a Guaiaquil. Pelo menos ainda possuía as coisas da mala de mão que preferira registrar, entre as quais o vestido de gala no guarda-roupa, destinado às festas a bordo do *Bahía de Darwin*. Ela possuía também uma roupa de mergulho, nadadeiras e máscara, dois maiôs, um par de botas surradas e um conjunto de uniforme do corpo de fuzileiros navais dos EUA, para excursões em terra firme, e que ela estava usando naquele momento. Quanto às calças que vestia no voo de Quito: seu cérebro gigante a persuadiu a mandá-las para a lavanderia do hotel, a acreditar no gerente de olhos tristes quando ele lhe disse que, sem dúvida, ela as teria de volta pela manhã, a tempo de tomar o café. Contudo, para o constrangimento do gerente do hotel, também as calças haviam desaparecido.

Mas a pior coisa que seu cérebro lhe fez, além de lhe recomendar suicídio, foi insistir em que ela viajasse para Guaiaquil, apesar das notícias sobre a crise financeira mundial, apesar de quase certo que o “Cruzeiro Natural do Século”, completamente lotado um mês antes, seria cancelado por falta de passageiros.

Sua colossal máquina pensante também sabia ser fútil. Proibiu-a de descer vestindo o uniforme, pretextando que todo mundo, embora praticamente não houvesse ninguém no hotel, a acharia ridícula naquele traje. Seu cérebro lhe disse: “Rirão de você por detrás, pensarão que você é louca, digna de piedade, e, de qualquer maneira, sua vida acabou. Perdeu seu marido, seu emprego de professora, e não tem filhos nem ninguém a quem se dedicar, por isso ponha um fim ao seu sofrimento com o protetor de plástico. O que seria mais fácil? O que poderia ser mais indolor? O que seria mais razoável?”

• • •

Dar ao cérebro o que é dele: não era ele o único responsável pelo fato de que 1986 fora, de fato, um ano horrível. O ano havia sido muito promissor no início, também, com o marido de Mary, Roy, gozando de uma saúde aparentemente

perfeita, num emprego seguro como encarregado da manutenção da maquinaria da GEFFCo, a mais importante indústria de Ilium; com os Kiwanis oferecendo-lhe um banquete e uma condecoração comemorando seus vinte e cinco anos de notável magistério; e com os alunos elegendo-a a professora mais popular em doze anos consecutivos.

No início de 1986, ela disse:

— Oh, Roy... devemos agradecer por tanta coisa: temos tanta sorte, em comparação com outras pessoas. A felicidade me dá vontade de chorar.

E ele disse, abraçando-a:

— Pois então, vá em frente e chore.

Ela tinha 51 anos de idade, ele, 59, e ambos amavam as atividades ao ar livre — caminhar, esquiar, escalar montanhas, andar de canoa, correr, andar de bicicleta e nadar, e por isso ambos tinham corpos joviais e esbeltos. Não bebiam nem fumavam, e ambos comiam quase que só frutas e verduras frescas, e, de vez em quando, um pouquinho de peixe.

E ambos também administraram bem seu dinheiro, dando às economias, em termos financeiros, a mesma espécie de alimentação e exercício sensatos que davam a si mesmos.

A história de sabedoria fiscal que Mary tinha para contar a respeito dela e Roy, naturalmente, despertaria sensações fortes em James Wait.

• • •

Ah, sim, Wait, aquele eviscerador de viúvas, especulava sobre Mary Hepburn, enquanto estava no bar do El Dorado, embora ainda não a tivesse conhecido nem soubesse ao certo até que ponto ela fosse bem-situada. Vira apenas seu nome no livro de registros do hotel e perguntara a seu respeito ao jovem gerente.

Wait gostou do pouco que o gerente pôde lhe contar. Aquela solitária e reservada professora, embora mais jovem do que as esposas que ele até então arruinara, parecia-lhe uma presa natural. Ele a caçaria tranquilamente durante o “Cruzeiro Natural do Século”.

• • •

Se me permitem, acrescento uma observação pessoal a este ponto: quando eu estava vivo, vira e mexe recebia conselhos do meu próprio cérebro gigante que, em termos de minha sobrevivência, ou da sobrevivência da raça humana, podem ser generosamente considerados questionáveis. Exemplo: ele me fez alistar-me no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos e lutar no Vietnã.

Obrigadão, cérebro gigante.

7

As moedas nacionais dos seis hóspedes do El Dorado — os quatro americanos, um se passando por canadense, e os dois japoneses — ainda valiam tanto como o ouro em todas as partes do mundo. De novo: o valor de seu dinheiro era imaginário. Como a natureza do próprio universo, a vantagem dos dólares americanos e ienes estava na cabeça das pessoas.

E se Wait, que nem ao menos desconfiava da crise financeira, tivesse levado longe o disfarce de canadense, a ponto de introduzir dólares canadenses no Equador, ele não teria sido tão bem recebido. Embora o Canadá não estivesse falido, a imaginação das pessoas em mais e mais lugares, inclusive no próprio Canadá, frustrava-as por não poderem mais trocar algo realmente útil por dólares canadenses.

A mesma queda de valor imaginado acontecia com a libra esterlina, os francos suíço e francês e com o marco alemão. Nesse ínterim, o sucre do Equador, nome dado em homenagem a Antonio José de Sucre (1795-1830), herói nacional, valia menos que uma casca de banana.

• • •

Em seu quarto, Mary Hepburn perguntava-se se não tinha um tumor cerebral, se não era por isso que seu cérebro vivia lhe dando os piores conselhos possíveis. Uma suspeita bastante natural, uma vez que, apenas três meses antes, seu marido Roy morrera por causa de um tumor cerebral. Tampouco o tumor se contentou apenas em matá-lo. Primeiro ele perturbou sua memória e destruiu sua razão.

Ela também se perguntava a partir de que momento o tumor começara a fazer isso com ele — se não fora ele, o tumor, que o obrigara a reservar passagens para o “Cruzeiro Natural do Século”, no promissor mês de janeiro daquele ano terrível.

• • •

Eis como Mary descobriu que Roy havia comprado as passagens para o cruzeiro: Uma tarde ela chegou em casa, vindo do trabalho, esperando que Roy ainda estivesse na GEFFCo. Ele saíra do trabalho uma hora depois que ela. Mas lá

estava Roy, que deixara o emprego ao meio-dia. Era um homem que adorava trabalhar com as máquinas, que nunca ficara longe de seu emprego mais que uma hora durante os vinte e nove anos de GEFFCo — nem por doença, já que nunca adoecera, nem por nada.

Ela lhe perguntou se ele estava doente, e ele respondeu que nunca se sentira melhor em toda a vida. Orgulhava-se de si mesmo de tal modo que Mary o julgou um adolescente cansado de ser visto como bom rapaz o tempo todo. Aquele homem falava poucas e boas palavras, nunca se comportava de maneira estúpida ou imatura. Agora, porém, dizia uma coisa inacreditável, com uma expressão vazia inescrutável, como se ela fosse sua mãe repressora:

— Andei vadiando.

Somente o tumor podia ter dito aquilo, pensava Mary em Guaiaquil. E o tumor não poderia ter escolhido um dia pior para aquela vadiagem despreocupada, pois na noite anterior caíra uma tempestade de granizo e durante o dia inteiro nevara e chovera. Mas Roy subira e descera a Clinton Street, a rua principal de Ilium, parando de loja em loja e contando para os vendedores que ele estava vadiando.

Então Mary tentou sentir-se feliz com aquela história, dizendo com sinceridade que era tempo de ele trabalhar menos e divertir-se mais — embora os dois sempre tivessem se divertido nos fins de semana e nas férias, e no trabalho também, tanto quanto possível. Mas um miasma cobria aquela escapada imprevista. E o próprio Roy, durante o jantar, no final da tarde, parecia intrigado. Então era assim. Ele não sabia que tornaria a fazê-lo, e ambos podiam esquecer o incidente, menos rir dele, talvez, de vez em quando.

Mas então, bem antes da hora de dormir, enquanto ambos contemplavam as brasas incandescentes sobre o piso de pedras da lareira que Roy construíra com suas próprias mãos calosas, Roy disse:

— Tem mais.

— Tem mais o quê? — perguntou Mary.

— Sobre esta tarde — respondeu ele. — Entre outros lugares, fui à agência de viagens.

Havia apenas uma agência de viagens em Ilium, e que não ia muito bem.

— E daí?

— Fiz uma reserva — disse ele. Era como se se lembrasse de um sonho. — Está tudo pago. Tudo foi providenciado. Acertei tudo. Em novembro, você e eu iremos de avião para o Equador, e lá faremos o “Cruzeiro Natural do Século”.

• • •

Roy e Mary Hepburn foram as primeiras pessoas a responder ao anúncio e ao folheto publicitário para a viagem inaugural do *Bahía de Darwin,* um navio que, na época, não passava de uma quilha e de um projeto em Malmö, Suécia. O agente de viagem de Ilium tinha acabado de receber um cartaz anunciando o cruzeiro. Ele estava grudando o cartaz na parede com fita adesiva quando Roy Hepburn entrou.

• • •

Se me permitem, faço um aparte: Eu mesmo trabalhei como soldador em Malmö durante cerca de um ano, mas o *Bahía de Darwin* ainda não se materializara o suficiente para requerer meus serviços. Eu só perderia literalmente minha cabeça por aquela coisinha de aço quando chegasse a primavera. Pergunta: Quem nunca perdeu a cabeça na primavera?

• • •

Mas continuando:

O cartaz de viagem em Ilium representava um pássaro estranhíssimo parado na borda de uma ilha vulcânica, observando um belíssimo navio branco a motor passando em frente. Era um pássaro preto, aparentemente do tamanho de um pato enorme, mas com um pescoço tão comprido e flexível quanto uma cobra. O mais esquisito, porém, era que ele não possuía asas, e havia muito de real nisso. Essa espécie de pássaro, típica das Ilhas Galápagos, existia apenas lá, não tendo sido encontrada em parte alguma do planeta. Suas asas eram pequeníssimas, coladas junto ao corpo, de modo que ele podia nadar com a mesma velocidade e profundidade de um peixe. Tratava-se de uma excelente maneira de pescar, melhor mesmo, como faziam muitos pássaros que se alimentavam de peixe, do que esperar que o peixe subisse à superfície para atacá-los com seus bicos escancarados. Estes bem-sucedidos pássaros receberam o nome de “cormorões incapazes de voar”. Iam aonde estava os peixes. Não precisavam aguardar que os peixes cometessem um erro fatal.

Em algum momento na linha de evolução, os ancestrais dessas aves devem ter começado a duvidar da utilidade das asas, assim como, em 1986, os seres humanos começaram a questionar seriamente a conveniência de cérebros gigantes.

Se Darwin estava certo a respeito da lei da seleção natural, os cormorões dotados de pequenas asas, apenas afastando-se das praias como barcos pesqueiros, devem ter pescado mais peixes do que os maiores de seus colegas

aviadores. Desse modo, acasalaram-se e os filhotes dotados de asas ainda menores tornaram-se pescadores ainda mais eficientes, e assim por diante.

• • •

E então o mesmo tipo de coisa aconteceu com as pessoas, mas não em relação às suas asas, é claro, posto que nunca tiveram asas, mas em relação às suas mãos e cérebros. E as pessoas não precisam mais esperar que os peixes venham morder as iscas ou cair nas redes, ou por aí afora. Hoje em dia, quem quer peixe sai atrás dele como um tubarão no fundo do oceano azul.

Hoje em dia é tão fácil!

8

Mesmo naquele mês de janeiro, havia uma série de razões para que Roy Hepburn não comprasse as passagens para o cruzeiro. Na época, não havia evidências de que a crise econômica mundial era iminente e de que o povo do Equador estaria na miséria no período em que o navio iria zarpar. Mas havia a questão do emprego de Mary. Ela ainda não sabia que estava prestes a ser despedida, obrigada a se aposentar antes do tempo. Assim, não via como, em sã consciência, afastar-se do serviço por três semanas, do final de novembro ao começo de dezembro, bem no meio de um semestre.

Além disso, embora nunca tivesse estado lá, ela não suportava as Ilhas Galápagos. Havia uma quantidade tão grande de filmes, slides, livros e artigos sobre as ilhas, que ela usara várias vezes em seus cursos, que não conseguia imaginar que o lugar pudesse lhe oferecer qualquer surpresa. Mal sabia ela.

Mary e Roy nunca saíram dos Estados Unidos durante o tempo em que foram casados. Se tivessem mesmo que se mexer e fazer uma viagem realmente encantadora, pensou ela, era preferível ir para a África, onde a vida selvagem proporcionava mais emoções e as formas de sobrevivência se apresentavam mais perigosas. Depois que tudo estava dito e sabido, as criaturas das Ilhas Galápagos não passavam de um bando bonitinho e apático, quando comparados aos rinocerontes, hipopótamos, leões, elefantes, girafas, etc.

O folheto da viagem, de fato, levou-a a confessar para um amigo pessoal:

— De repente sinto que não vou querer ver um mergulhão de patas azuis pelo resto da minha vida!

Mal sabia ela.

• • •

No entanto, Mary nada comentou sobre suas dúvidas a respeito da viagem ao conversar com Roy, certa de que ele mesmo perceberia que fora vítima de uma pequena disfunção cerebral. Em março, porém, Roy parou de trabalhar e Mary tomou conhecimento de que em junho seria afastada. De qualquer forma, o período do cruzeiro tornou-se viável. E o cruzeiro agigantou-se na imaginação

progressivamente extravagante de Roy como “a única coisa boa que devemos aguardar com ansiedade”.

• • •

Eis o que aconteceu com seus respectivos empregos: A GEFFCo concedeu licença para quase toda sua força de trabalho, tanto para os operários como para o pessoal de escritório, a fim de modernizar o funcionamento da Ilium. Uma empresa japonesa, a Matsumoto, encarregara-se da tarefa. A Matsumoto estava também automatizando o *Bahía de Darwin.* Era a mesma empresa que havia contratado *Zenji Hiroguchi, o jovem gênio da computação que se hospedaria com a esposa no Hotel El Dorado quando Mary estava lá.

Depois que a Matsumoto Corporation instalasse computadores e robôs, doze seres humanos bastariam para controlar tudo. Desse modo, jovens já preparados para ter filhos, ou pelo menos sonhos ambiciosos para o futuro, abandonaram a cidade aos grupos. Como Mary Hepburn diria em seu 81º aniversário, duas semanas antes de ser comida por um enorme tubarão branco, “era como se um furacão tivesse varrido a cidade”. De um instante para outro, praticamente não havia crianças para educar, e a cidade ficou sem recursos por causa da ausência de contribuintes do imposto de renda. Assim, o Colégio Ilium formaria sua última turma em junho.

• • •

Em abril, ao ser diagnosticado, Roy soube que tinha um tumor cerebral inoperável. Por isso o “Cruzeiro Natural do Século” converteu-se na sua única razão para viver.

— Pelo menos conseguirei sobreviver até lá, Mary. Novembro... não é muito tempo, é?

— Não — disse ela.

— Conseguirei sobreviver até lá.

— Talvez você viva anos, Roy — disse ela.

— Deixe-me fazer esse cruzeiro — disse ele. — Deixe-me ver pinguins no Equador — disse ele. — Isso me fará tão bem.

• • •

Embora se enganasse mais e mais a respeito das coisas, Roy estava certo quanto a existirem pinguins nas Ilhas Galápagos. Eram seres magérrimos por debaixo de

seus uniformes de *maître-d'hôtel*. Só podiam ser. Se tivessem recebido uma camada de gordura, como seus parentes nas banquisas do sul, quase meio mundo abaixo, morreriam torrados na lava, quando fossem dar à praia para pôr ovos e criar seus filhotes.

• • •

Sobre aquele entusiasmo mistificador de há um milhão de anos, de confiar às máquinas todas as atividades humanas possíveis: o que poderia ter sido isso senão outro atestado de que os cérebros das pessoas não era coisa que prestava?

9

Enquanto Roy Hepburn agonizava, e, a propósito, enquanto toda a cidade de Ilium agonizava, e enquanto tanto o homem como a cidade eram assassinados pelo progresso hostil a uma humanidade sadia e feliz, o cérebro gigante de Roy o convenceu de que ele fora um marinheiro que participou dos testes atômicos americanos no Atol de Biquíni, equatorial como Guaiaquil, em 1946. Processaria seu próprio governo em milhões de dólares, disse ele, porque a radiação absorvida lá, primeiro, o impediu e a Mary de ter filhos, e segundo, causou seu câncer cerebral.

Roy prestara o serviço militar na Marinha, mas seu processo contra os Estados Unidos da América não tinha consistência, pois ele nascera em 1932 e os advogados do governo não encontrariam dificuldade alguma em provar isso. Assim, ele teria quatorze anos de idade quando de sua suposta exposição à radiação.

Esse anacronismo não o impediu de ter vívidas lembranças das coisas terríveis que o governo o obrigou a fazer com os chamados “animais inferiores”. Segundo ele, praticamente trabalhou sozinho, primeiro fincando estacas no solo por todo o atol e depois amarrando diferentes espécies de animais às estacas. “Acho que me escolheram”, disse, “porque os animais sempre confiaram em mim.”

O que era a pura verdade: Os animais sempre confiaram em Roy. Embora não tivesse tido educação formal além do colegial, exceto o programa de aprendizado na GEFFCo, e embora Mary tivesse mestrado em zoologia pela Universidade de Indiana, Roy relacionava-se com os animais melhor que Mary. Sabia conversar com os pássaros usando a linguagem deles, por exemplo, coisa que ela nunca fez, já que seus antepassados, sabidamente, não tinham ouvido musical, em ambos os lados da família. Não havia cão ou animal na fazenda, nem mesmo um cão de guarda na GEFFCo ou uma porca com porquinhos, por mais selvagens que fossem, que Roy não pudesse, em cinco minutos ou menos, transformar em amigo.

Desse modo, era compreensível que Roy derramasse lágrimas ao se lembrar de que havia amarrado animais àquelas estacas. Essa experiência cruel foi feita, naturalmente, com animais — ovelhas, porcos, vacas, cavalos, macacos, patos,

galinhas e gansos —, mas, sem dúvida, não com um zoológico completo, como Roy contara. Segundo seu relato, ele acorrentou às estacas pavões, leopardos, gorilas, crocodilos e albatrozes. Dentro de seu cérebro gigante, Biquíni tornou-se o oposto exato da arca de Noé. Cada par de várias espécies animais fora levado lá para ser destruído pela bomba atômica.

• • •

O detalhe mais maluco dessa história, que para ele, naturalmente, não era nem um pouco maluco, é o seguinte:

— Donald estava lá.

Donald era um excelente cão de caça que perambulava pelas vizinhanças de Ilium naquele exato momento, provavelmente, talvez bem em frente à casa dos Hepburn, e tinha apenas quatro anos de idade.

— Nada era fácil — Roy dizia — mas a parte mais difícil foi amarrar Donald a uma das estacas. Tentei protelar até a hora em que eu não podia mais protelar. Amarrar Donald a uma estaca era a última coisa que eu faria. Ele deixou que eu o amarrasse e depois disso me lambeu a mão e abanou o rabo. E eu lhe disse, e não tenho vergonha de dizer que chorei: “Adeus, meu amigo. Agora você vai para um mundo diferente deste. Sem dúvida, um mundo melhor, já que nenhum mundo pode ser pior do que este.”

• • •

Enquanto Roy representava esse papel, Mary continuava lecionando diariamente, ainda garantindo aos poucos e últimos alunos que eles deviam agradecer a Deus pelo enorme cérebro que possuíam. “Vocês prefeririam ter o pescoço de uma girafa, a camuflagem de um camaleão, a pele de um rinoceronte ou os chifres de um alce irlandês?”, perguntava ela, e assim por diante.

Ela continuava com a mesma e velha arenga.

Sim, e então ela ia para casa encontrar Roy, com suas demonstrações de como um cérebro pode ser enganador. Ele nunca fora hospitalizado, salvo ocasionalmente, para testes. E era dócil. Estava proibido de dirigir carro, mas compreendia isso e parecia não se ofender quando Mary escondia as chaves da caminhonete Jeep. Chegou a sugerir que a vendessem, pois talvez deixassem de acampar. Então Mary não precisou contratar uma enfermeira que cuidasse de Roy enquanto ela trabalhava. Vizinhos aposentados aceitaram de bom grado alguns dólares, fazendo-lhe companhia e evitando que ele se machucasse de algum modo.

Sem dúvida, ele não lhes causava problemas. Assistia à televisão o tempo todo e gostava de se entreter durante horas, sempre no quintal, em companhia de Donald, o excelente cão de caça que, supostamente, morreu no Atol de Biquíni.

• • •

Quando Mary dava sua última aula sobre as Ilhas Galápagos, porém, ela interrompeu-se no meio de uma frase por cinco segundos, tomada por uma dúvida que, se expressa em palavras, seria enunciada mais ou menos assim: “Talvez eu seja uma mulher louca que, desviando-se da calçada, entrou nesta sala de aula e começou a explicar os mistérios da vida para esses jovens. E eles acreditam em mim, embora eu esteja completamente equivocada a respeito de tudo.”

Devia duvidar também de todos os pretensos grandes professores do passado, que, embora com cérebros perfeitos, revelaram-se tão equivocados como Roy a respeito do que realmente estava acontecendo.

10

Quantas ilhas existiam naquele arquipélago há um milhão de anos? Bom, havia treze grandes, dezessete pequenas e trezentos e dezoito minúsculas, algumas delas meras pontinhas de rocha, a um metro ou dois acima da superfície do oceano.

Hoje, existem quatorze grandes, sete pequenas e trezentos e vinte e seis minúsculas. Ainda há um bocado de atividade vulcânica por lá. Uma piadinha: Os deuses continuam zangados.

E a ilha mais afastada, bem ao norte ao arquipélago, completamente separada das demais, ainda é Santa Rosalia.

• • •

Há um milhão de anos, em 3 de agosto de 1986, um homem chamado *Roy Hepburn se encontrava em seu leito de morte, em sua pequena, pequeníssima casinha de Ilium, em Nova Iorque. No final de sua vida, o que mais lamentava era o fato de ele e a esposa, Mary, nunca terem tido filhos. Nem podia pedir a ela que tivesse filhos com outro homem após sua morte, já que Mary não estava mais ovulando.

— Nós, os Hepburn, estamos em vias de extinção, como os dinossauros — lamentava-se, arrolando nomes de diversas outras criaturas que já haviam se tornado ramos desfolhados e secos na árvore da evolução. — O alce irlandês — continuou. — O pica-pau de bico de marfim — disse. — *Tyrannosaurus rex* — disse, e assim por diante.

Até o fim, porém, seu pobre senso de humor surgia inesperadamente. Fez dois acréscimos jocosos à lúgubre relação de nomes, os quais, de fato, não possuíam descendentes.

— Varíola — disse. E, finalizando: — George Washington.

• • •

Acreditou piamente, até o fim da vida, que o governo de seu país fora o responsável por sua morte, contaminando-o com radiação atômica. Disse a Mary,

ao médico e à enfermeira, que estavam presentes porque a morte chegaria a qualquer momento:

— Se ao menos fosse Deus Todo-Poderoso quem tivesse me abatido!

Mary supôs que eram aquelas as últimas palavras. Depois dessa fala, certamente parecia morto.

Mas então, dez segundos depois, seus lábios azulados se moveram de novo. Mary aproximou-se bastante para poder ouvir suas palavras. E ficaria feliz para o resto da vida por não tê-las perdido.

— Vou-lhe dizer o que é a alma humana, Mary — sussurrou ele, os olhos fechados. — Os animais não têm alma. É ela a parte de você que sabe quando o cérebro não está funcionando direito. Eu sempre soube, Mary. Não podia fazer nada a respeito, mas sempre soube.

Pregou, então, um tremendo susto em Mary e nos outros ali no quarto, sentando-se ereto na cama, os olhos arregalados e injetados.

— Vá buscar a Bíblia! — ordenou, com uma voz que ecoou pela casa inteira.

Durante todo o tempo que durara sua doença, essa foi a única vez em que mencionou algo ligado à religião. Ele e Mary nunca iam à igreja; nunca rezavam, nem mesmo em circunstâncias adversas. Em algum lugar da casa, porém, havia uma Bíblia. Mary não lembrava bem onde.

— Vá buscar a Bíblia — repetiu ele. — Mulher, vá buscar a Bíblia! — Nunca a chamara de “mulher” antes.

Então Mary foi procurá-la. Encontrou-a no quarto de hóspedes, ao lado de *A viagem do Beagle,* de Charles Darwin, e *A história de duas cidades,* de Charles Dickens.

*Roy, sentado na cama, de novo chamou Mary de “mulher”.

— Mulher... — ordenou — ponha sua mão direita sobre a Bíblia e repita comigo: eu, Mary Hepburn, faço duas promessas solenes ao meu amado marido, em seu leito de morte.

E ela repetiu. Achava, e na verdade esperava, que as duas promessas seriam tão bizarras, algo assim como processar o governo, que não haveria nenhuma possibilidade de cumprir nem mesmo uma delas. Mas não teve essa sorte.

A primeira promessa era que ela fizesse todo o possível para se casar de novo o quanto antes, e não perdesse tempo em ficar se lamentando e sentindo pena de si mesma.

A segunda era que ela fosse para Guaiaquil, em novembro, e fizesse o “Cruzeiro Natural do Século” pelos dois.

— Meu espírito a acompanhará em cada passo da viagem — completou ele. E morreu.

• • •

Desse modo, ali estava ela, em Guaiaquil, suspeitando de que ela própria estivesse com um tumor cerebral. Seu cérebro gigante, naquele momento, a acompanhava ao armário embutido, de onde ela tiraria o protetor de plástico que envolvia o vestido de baile vermelho, o “vestido de Jackie”. Deu-lhe esse apelido porque uma de suas colegas no cruzeiro seria Jacqueline Kennedy Onassis, e Mary queria estar bem bonita para ela.

Mas ali, ante o guarda-roupa do quarto do hotel, Mary sabia que a viúva Onassis decerto não era tão louca a ponto de ir até Guaiaquil — não com todos aqueles soldados patrulhando ruas e telhados, abrindo trincheiras e buracos para montar metralhadoras nos parques.

Enquanto tirava rapidamente o protetor de plástico, o vestido escorregou do cabide e caiu no chão. E ali ficou como uma poça vermelha.

Ela não o pegou, uma vez que achava que coisas materiais não lhe seriam mais úteis. Ainda não estava pronta, porém, para receber um asterisco antes do nome. De fato, viveria ainda mais trinta anos. Além disso, faria algumas experiências com certos materiais vitais que a tornariam, sem sombra de dúvida, a mais importante pesquisadora da história da raça humana.

11

Se Mary Hepburn estivesse a fim de escutar em vez de se suicidar, poderia ter encostado o ouvido no fundo do armário embutido e escutado os sussurros no quarto ao lado. Não fazia a menor ideia de quem eram seus vizinhos, já que fora a primeira hóspede a chegar, na noite anterior, e desde então não saíra de seu quarto.

Os sussurros provinham de *Zenji Hiroguchi, o gênio da computação, e de sua esposa grávida, Hisako, professora de ikebana, a arte japonesa de arranjos florais.

E os vizinhos do outro quarto eram Selena MacIntosh, uma adolescente cega, filha de *Andrew MacIntosh, e Kazakh, sua cadela de estimação. Mary não ouvira nenhum latido, porque Kazakh nunca latia.

Kazakh nunca latia nem brincava com outros cachorros, nem investigava odores ou ruídos curiosos, nem caçava os animais que foram as presas naturais de seus ancestrais porque, quando ainda filhotinha, os humanos de cérebros gigantes detestavam quando ela fazia essas coisas e por isso não lhe davam comida. Deixaram bem claro para ela, desde o princípio, que era aquele o tipo de mundo em que se encontrava: ali, as atividades naturais dos cães eram contra a lei — todas elas.

Chegaram a lhe arrancar os órgãos sexuais, para que nunca se perturbasse com os instintos sexuais. E eu já ia quase dizendo que o elenco de minha história logo seria reduzido a apenas um macho e a uma porção de fêmeas, incluindo uma cadela. Mas Kazakh, graças à cirurgia, não podia mais ser considerava uma fêmea. Assim como Mary Hepburn, ela estava fora do jogo evolucionário. Não deixaria seus genes de herança para ninguém.

• • •

Além do quarto de Selena e Kazakh, ligado ao dela por uma porta interior, ficava o do robusto pai de Selena, o financista e aventureiro *Andrew MacIntosh. Ele era viúvo. Ele e a viúva Mary Hepburn poderiam ter se dado muito bem, visto serem duas pessoas apaixonadas pela vida do campo. Mas nunca iriam se

encontrar. Como eu já disse, *Andrew MacIntosh e *Zenji Hiroguchi estariam mortos antes do pôr do sol.

A propósito, James Wait conseguira um quarto só para si, no segundo andar, o mais afastado possível dos outros hóspedes. Seu cérebro gigante estava lhe dando congratulações por parecer um sujeito simples e inofensivo. Mas estava enganado. O gerente do hotel desconfiou que Wait era uma espécie de malandro assim que lhe deitou os olhos.

• • •

O gerente, cujo nome era *Siegfried von Kleist, era um tipo lúgubre de meia-idade, oriundo da velha e próspera colônia alemã do Equador. Tinha dois tios em Quito que eram donos do hotel e também do *Bahía de Darwin*, e haviam-no encarregado de administrar o hotel por apenas duas semanas, período este que estava chegando ao fim, para que supervisionasse a recepção dos passageiros do "Cruzeiro Natural do Século". Não passava de um preguiçoso, herdeiro de uma fortuna considerável, mas seus tios o forçaram a, digamos, "contribuir com sua parte" naquele empreendimento familiar.

Era solteiro e jamais reproduzira, sendo por isso insignificante do ponto de vista evolucionário. Também poderia ser considerado um bom partido para Mary Hepburn. Mas ele também estava condenado. *Siegfried von Kleist sobreviveria ao pôr do sol, mas três horas depois morreria afogado em uma onda gigantesca.

Eram agora quatro horas da tarde. Este bárbaro nativo do Equador, com seus olhos azuis-claros e seu bigodinho curvado parecia saber que morreria naquela noite, mas ele podia predizer o futuro tanto quanto eu. Naquela tarde, ambos pressentíamos que o planeta estava balançando em seu eixo, e que qualquer coisa poderia acontecer.

*Zenji Hiroguchi e *Andrew MacIntosh, aliás, morreriam por causa de ferimentos a bala.

• • •

*Siegfried von Kleist não é importante para minha história, mas seu único parente, o irmão Adolf, três anos mais velho que ele e também solteiro, certamente é. Adolf von Kleist, o capitão do *Bahía de Darwin*, de fato viria a se tornar o ancestral de todo ser humano na face da Terra hoje.

Com a ajuda de Mary Hepburn, ele se transformaria num novo Adão, digamos assim. A professora de biologia de Ilium, contudo, já que cessara de

ovular, não seria, não poderia ser, sua Eva. Assim, em vez disso, ela foi mais uma deusa.

E este extremamente importante irmão do insignificante gerente do El Dorado estava, naquele momento, chegando ao Aeroporto Internacional de Guaiaquil, a bordo de um avião de transporte quase vazio, procedente de Nova Iorque, onde estivera fazendo a publicidade do “Cruzeiro Natural do Século”.

• • •

Se Mary tivesse ouvido a conversa entre os Hiroguchi através da parede do armário embutido, não teria entendido o que é que os estava perturbando, já que emitiam sussurros em japonês, a única língua em que eram fluentes. *Zenji sabia um pouco de inglês e de russo. Hisako sabia um pouco de chinês. Nenhum deles, no entanto, sabia um pouco de espanhol, alemão, quíchua ou português, os quatro idiomas mais comuns no Equador.

Eles também estavam desapontados com o que seus supostamente maravilhosos cérebros haviam aprontado para eles. Sentiam-se como dois verdadeiros imbecis por terem se deixado arrastar para o interior de um pesadelo daqueles, e isso quando se considerava *Zenji um dos homens mais inteligentes do mundo. E fora por culpa dele, não de sua esposa, que os dois se tornaram prisioneiros do dinâmico *Andrew MacIntosh.

Eis como isso aconteceu: *MacIntosh visitara o Japão, junto com a filha e a cadela, cerca de um ano antes, conhecera *Zenji e vira o maravilhoso trabalho que ele fazia, como assalariado, para a Matsumoto. Tecnologicamente falando, *Zenji, embora tivesse apenas 29 anos, já era avô. Havia inventado um computador de bolso capaz de traduzir vários idiomas ao mesmo tempo, e o batizara de “Gokubi”. E então, quando da visita de *MacIntosh ao Japão, *Zenji aperfeiçoara um modelo-piloto para uma nova geração de tradutores simultâneos, e o denominou “Mandarax”.

Então, *Andrew MacIntosh, cujo banco de investimentos angariara dinheiro através da venda de ações e títulos, chamou o jovem *Zenji à parte e lhe disse que era um imbecil por se contentar em ser assalariado, que podia ajudá-lo a montar seu próprio negócio, o qual o transformaria, quase que de uma hora para outra, em bilionário, em dólares, e trilionário, em ienes.

*Zenji, então, disse-lhe que precisava de tempo para pensar.

Esta conversa tivera lugar em Tóquio, num restaurante sushi. Sushi consistia num peixe cru enrolado com arroz frio, um prato muito popular há um milhão de anos. Naquele tempo, ninguém poderia imaginar que em breve a humanidade não comeria outra coisa senão peixe cru.

O espalhafatoso e arrojado empresário americano e o reservado e relativamente embonecado inventor japonês comunicavam-se utilizando um Gokubi, pois nenhum deles falava muito bem a língua do outro. Existiam, naquela época, milhares e milhares de Gokubis em uso em todo o mundo. Os dois não podiam se utilizar de um Mandarax, já que o único modelo existente se encontrava sob forte vigilância no escritório de *Zenji, na Matsumoto. Assim, o cérebro gigante de *Zenji começou a brincar com a ideia de se tornar tão rico quanto o homem mais rico de seu país, ou seja, o Imperador do Japão.

Poucos meses depois, em janeiro, o mesmo janeiro em que Roy e Mary Hepburn pensavam que seriam gratos por muita coisa, *Zenji recebeu uma carta de *MacIntosh, convidando-o, com dez meses de antecedência, a hospedar-se em sua mansão, em Iucatã, no México, e também para acompanhá-lo na viagem inaugural de um navio de luxo equatoriano chamado *Bahía de Darwin*, do qual ele era um dos financiadores.

Na carta, *MacIntosh escreveu em inglês, que teve de ser traduzido para *Zenji: *Vamos aproveitar esta oportunidade para realmente nos conhecermos melhor.*

• • •

O que ele queria conseguir de *Zenji, provavelmente em Mérida, ou durante o “Cruzeiro Natural do Século”, era a assinatura dele num contrato que estipulava que *Zenji seria o dirigente de uma nova empresa cujo capital seria controlado por *MacIntosh.

Tal como James Wait, ele era um pescador de oportunidades. Vivia de olho nos investidores, usando como isca não uma etiqueta de preço pregada à sua camisa, mas um japonês, gênio em computadores.

Ocorreu-me agora que a história que tenho de contar, e que abrange um milhão de anos, não mudou tanto assim, desde o início até o fim. No começo, assim como no fim, me vejo falando a respeito de seres humanos, seja lá qual for o tamanho de seus cérebros, como pescadores.

• • •

Assim, chegou o mês de novembro e os Hiroguchi se encontravam em Guaiaquil. A conselho de *MacIntosh, *Zenji mentira para seus patrões a respeito de para onde estava indo. Fizera-os crer que a criação do Mandarax o deixara fatigado, e que ele e Hisako queriam dois meses de férias para ficarem sozinhos, longe de qualquer coisa que lembrasse trabalho, e incomunicáveis. Ele

pôs esta informação falsa nos cérebros gigantes de seus patrões: contratara um iate, com tripulação e tudo, cujo nome não desejava revelar, partiria de um porto qualquer do México, cujo nome também não desejava revelar, e faria um cruzeiro pelas ilhas do Caribe.

Embora a lista original dos passageiros do “Cruzeiro Natural do Século” tivesse sido amplamente divulgada, os patrões de *Zenji nunca descobriram que seu mais produtivo empregado e a esposa deste também deveriam estar a bordo. Tal como James Wait, eles viajavam sob identidades falsas.

E, mais uma vez, como James Wait, desapareceram!

Qualquer pessoa que os procurasse não os encontraria em parte alguma. Qualquer busca feita por um cérebro gigante não começaria nem mesmo no continente certo.

12

Em seu quarto de hotel, ao lado do de Mary Hepburn, os Hiroguchi sussurravam que *Andrew MacIntosh era um verdadeiro maníaco. O que não passava de exagero. *MacIntosh era, sem dúvida, intempestivo, ganancioso e rude, mas não louco. A maioria das coisas que seu cérebro gigante achava que estava acontecendo, estava acontecendo mesmo. Quando veio de Iucatã em seu jato particular, pilotado por ele mesmo, trazendo Selena, Kazakh e os Hiroguchi, ele sabia que Guaiaquil encontrava-se sob lei marcial, ou algo parecido; que todas as lojas estariam fechadas; que haveria um número crescente de pessoas famintas a perambular pela cidade e que, muito provavelmente, o *Bahía de Darwin* não zarparia segundo o planejado, e assim por diante.

Os meios de comunicação de que dispunha em sua mansão de Iucatã o deixara a par de tudo quanto se passava no Equador, ou em qualquer outro lugar que o interessasse por alguma razão. E ele mantivera segredo para os Hiroguchi, mas não para sua filha cega, Selena, sobre o que os esperava lá.

O verdadeiro propósito de sua ida a Guaiaquil, e que, mais uma vez, revelara somente à filha, mas não aos Hiroguchi, era comprar a preço de banana o máximo de patrimônios globais equatorianos que pudesse, incluindo até mesmo, se possível, o El Dorado e o *Bahía de Darwin* — além de minas de ouro, campos de petróleo, e assim por diante. Pretendia, também, ligar para sempre *Zenji Hiroguchi a ele, dividindo com ele oportunidades desses negócios e emprestando-lhe dinheiro, de modo que também ele pudesse vir a se tornar um importante proprietário no Equador.

• • •

*MacIntosh dissera aos Hiroguchi que ficassem em seu quarto, no El Dorado — porque logo traria notícias maravilhosas para ambos. Estivera grudado no telefone a tarde toda, falando com banqueiros e financistas locais, e as boas notícias a que se referia eram quantas propriedades passariam a ser deles, dali a um ou dois dias.

E, então, arrematariа com esta frase: “Dane-se o ‘Cruzeiro Natural do Século’!”

• • •

Os Hiroguchi já não esperavam nenhuma boa notícia para eles que pudesse partir de *Andrew MacIntosh. Acreditavam, sinceramente, que o homem era um louco. Ironicamente, fora a própria criação de *Zenji, Mandarax, que lhes incutira esse equívoco. Havia, então, dez instrumentos como aquele em todo o mundo: nove em Tóquio e um que *Zenji trouxera consigo para o cruzeiro. Ao contrário de Gokubi, Mandarax não era apenas um tradutor. Podia diagnosticar, com respeitável exatidão, mil das doenças mais comuns que atacavam o *Homo sapiens*, inclusive doze variedades de esgotamento nervoso.

Na verdade, o que Mandarax fazia no campo médico era bastante simples. Estava preparado para fazer aquilo que um médico de verdade faria, ou seja, uma série de perguntas, cada resposta sugerindo a pergunta seguinte, tais como: “Como está seu apetite?”, ou então: “Seus intestinos estão funcionando bem?”, e, talvez: “Como estão saindo suas fezes?”, e assim por diante.

Em Iucatã, os Hiroguchi seguiram essa eficaz cadeia de perguntas e respostas, descrevendo para Mandarax o comportamento de *Andrew MacIntosh. E finalmente apareceram estas palavras em japonês, na pequena tela do Mandarax, a qual era quase do tamanho de uma carta de baralho: *Personalidade patológica.*

• • •

Infelizmente para os Hiroguchi, mas não para o Mandarax, que não sentia nada nem se importava com nada, o computador não estava preparado para dizer-lhes que aquela era uma doença amena comparada com outras, que as pessoas que dela sofriam raramente eram hospitalizadas, e que essas pessoas, inclusive, estavam entre as mais felizes do mundo — que seu comportamento causava dor apenas aos que as cercavam, e quase nunca a elas próprias. Um médico de verdade lhes teria dito que milhões de pessoas que andam pelas ruas todos os dias perdiam a lucidez, sendo muito difícil diagnosticar, com precisão absoluta, se todas essas pessoas tinham ou não personalidades patológicas.

Os Hiroguchi, porém, nada sabiam a respeito de questões médicas, e por isso concluíram, a partir do diagnóstico, que se tratava de uma doença das mais perigosas. Portanto, de uma maneira ou de outra, queriam fugir de *Andrew MacIntosh e voltar para Tóquio. No entanto, continuavam dependentes dele, tanto quanto não o desejavam. Por intermédio do lúgubre gerente do hotel, com quem conversaram através do Mandarax, souberam que todos os voos

comerciais para fora de Guaiaquil haviam sido cancelados e que nenhuma companhia de táxi aéreo respondia às chamadas telefônicas.

Assim, a situação deixou os petrificados Hiroguchi com apenas duas possibilidades de sair de Guaiaquil: ou no *Learjet* de *MacIntosh, ou a bordo do *Bahía de Darwin*, caso este realmente zarpasse no dia seguinte, o que estava ficando cada vez mais difícil de se acreditar.

13

*Zenji Hiroguchi criara Gokubi um milhão e cinco anos atrás, e depois, há um milhão de anos, este jovem gênio criara Mandarax. Sim, e na época em que criou Mandarax, sua mulher estava a ponto de dar à luz seu primeiro filho humano.

Havia uma certa preocupação a respeito dos genes que a mulher, Hisako, teria transmitido ao feto, pois sua própria mãe havia sido exposta à radiação quando os Estados Unidos da América jogaram a bomba atômica sobre Hiroxima, no Japão. Por isso, uma amostra do fluido amniótico de Hisako foi submetido a testes em Tóquio, para se descobrir algum indício de que a criança nascesse anormal. A propósito, este fluido era idêntico, em salinidade, àquele do oceano dentro do qual o *Bahía de Darwin* afundaria.

Os testes confirmaram que o feto era normal.

Eles também revelaram o segredo de seu sexo. Ele viria ao mundo como menina. Mais um personagem feminino nesta história.

• • •

Os testes, entretanto, mostraram-se incapazes de detectar quaisquer defeitos menos importantes que o feto pudesse apresentar, como, por exemplo, se poderia nascer sem ouvido para a música, como Mary Hepburn, coisa que não veio a acontecer — ou se poderia nascer coberta por uma fina e sedosa camada de pelos, tal como a pele de uma foca, coisa que, de fato, veio a acontecer.

O único ser humano criado por *Zenji Hiroguchi seria uma linda porém peluda menininha que ele jamais chegaria a conhecer.

Nasceria no extremo-norte das Ilhas Galápagos, em Santa Rosalia. Seu nome seria Akiko.

• • •

Quando Akiko tornou-se adulta, em Santa Rosalia, era muito parecida, interiormente, com sua mãe, só que com um tipo diferente de pele. A sequência evolucionária de Gokubi para Mandarax, ao contrário, determinou uma mudança radical nas peças do conjunto, mas pouquíssimas modificações perceptíveis no invólucro. Akiko estava protegida das queimaduras do sol, da água gélida do

oceano quando nadava e da abrasividade da lava, quando sentava ou deitava nela — ao passo que a pele nua de sua mãe era completamente desprotegida contra os perigos comuns da vida na ilha. Gokubi e Mandarax, porém, por mais diferentes que fossem interiormente, habitavam quase a mesma espécie de invólucro plástico negro de alta resistência, com doze centímetros de altura, oito de largura e dois de espessura.

Qualquer imbecil seria capaz de distinguir Akiko de Hisako, mas só um especialista seria capaz de distinguir Gokubi de Mandarax.

• • •

Tanto Gokubi como Mandarax dispunham de botões embutidos em sua face posterior, sensíveis ao mais leve toque, por intermédio dos quais uma pessoa poderia se comunicar com o que sua memória estivesse alimentada. Ambos tinham, também, telas idênticas, onde imagens podiam se formar e que também atuavam como células fotoelétricas, que recarregavam minúsculas baterias. E essas baterias também eram exatamente iguais, tanto em Gokubi quanto em Mandarax.

Ambos tinham um microfone embutido, do tamanho da cabeça de um alfinete, acoplado ao canto superior direito da tela. Através deste microfone de Gokubi e Mandarax a língua falada era registrada e, então, de acordo com as instruções transmitidas pelos botões, traduzida em palavras impressas nas telas.

Quem operasse qualquer um dos dois, precisava ter as mãos rápidas e hábeis de um mágico, caso quisesse manter uma conversação bilíngue com fluência natural. Se eu fosse uma pessoa que só falasse inglês e quisesse conversar com uma que só falasse português, por exemplo, teria de deixar o instrumento bem perto da boca do meu interlocutor, mas com a tela próxima o suficiente de meus olhos, para que pudesse ler a tradução inglesa do que ele estivesse falando. Em seguida eu teria que trazer rapidamente o instrumento para perto de minha boca, de modo que o instrumento me ouvisse e o interlocutor lesse na tela o que eu estivesse dizendo.

Nenhum ser vivo, hoje em dia, tem mãos bastante hábeis, ou um cérebro gigante o suficiente, para operar um Gokubi ou um Mandarax. Ninguém consegue nem enfiar uma linha no buraco de uma agulha — nem tocar piano, nem limpar o nariz, com a ponta do dedo, seja homem ou mulher.

• • •

Gokubi conseguia traduzir, no máximo, dez línguas. Mandarax conseguia traduzir cerca de mil. O usuário precisava informar Gokubi que língua ele estava ouvindo. Mandarax podia identificar qualquer uma das mil línguas depois de ouvir apenas duas ou três palavras, e então começava a traduzir essas palavras na língua do operador, sem que este lhe pedisse.

Ambos eram relógios de alta precisão e calendários perpétuos. O relógio do Mandarax de *Zenji Hiroguchi atrasou apenas oitenta e dois segundos desde que seu criador assinara o livro de registro no Hotel El Dorado até o dia em que, trinta e dois anos depois, Mary Hepburn e o instrumento foram devorados por um grande tubarão branco.

O relógio de um Gokubi era tão preciso quanto o de um Mandarax. Mas em tudo o mais Mandarax ultrapassava de muito seu ancestral. Mandarax não apenas dominava muito mais línguas que seu progenitor e diagnosticava corretamente mais doenças que a maioria dos médicos daquele tempo, como também podia mencionar, se solicitado, quaisquer eventos importantes ocorridos em qualquer ano. Se se teclasse *1802*, por exemplo, ano do nascimento de Charles Darwin, Mandarax informaria que Alexandre Dumas e Victor Hugo também haviam nascido naquele mesmo ano; que Beethoven completara sua “Segunda Sinfonia”; que a França sufocara uma rebelião de escravos negros em Santo Domingo; que Gottfried Treveranus cunhara o termo *biologia*; que o Ato de Saúde e Moral dos Aprendizes tornara-se lei na Inglaterra; e assim por diante. Esse também foi o ano em que Napoleão se tornou presidente da República Italiana.

Mandarax conhecia também as regras de mais de duzentos jogos, e podia ditar os princípios básicos de cinquenta tipos diferentes de artes e atividades manuais, estabelecidos pelos mestres. Ademais, podia citar, se solicitado, qualquer uma das vinte mil frases famosas extraídas da literatura. Assim, se alguém teclasse a palavra *Pôr do sol*, por exemplo, apareceriam estes sublimes sentimentos em sua tela:

> *Pôr do sol e estrela Vésper,*
> *E um claro chamado por meu nome!*
> *E não hajam lamentações na barra do porto*
> *Quando eu partir para o mar.*
>
> Alfred, Lord Tennyson (1809-1892)

• • •

O Mandarax de *Zenji Hiroguchi estava prestes a ficar insulado por trinta e um anos na ilha de Santa Rosalia, juntamente com a esposa grávida de seu criador, mais Mary Hepburn, a cega Selena MacIntosh, o capitão Adolf von Kleist e seis outras pessoas, todas mulheres. Mas, em face das circunstâncias, o instrumento não foi lá de muita ajuda para ninguém.

A inutilidade de todo o seu conhecimento irritaria de tal modo o capitão, que ele sempre ameaçava de atirá-lo no mar. No último dia de sua vida, quando contava 86 anos e Mary 81, o capitão levou mesmo a cabo a ameaça. Na qualidade de novo Adão, pode-se dizer, seu último ato sobre a Terra foi jogar a Maçã do Conhecimento dentro do profundo oceano azul.

• • •

Sob as condições peculiares a Santa Rosalia, os conselhos médicos do Mandarax estavam condenados a soar como gozação. Quando Hisako Hiroguchi entrou num estado de profunda depressão, que duraria até sua morte durante mais ou menos vinte anos, Mandarax lhe recomendou novos passatempos, uma mudança de ares e, talvez, de profissão. Receitou, também, lítio. Quando os rins de Selena MacIntosh começaram a funcionar mal, quando ela contava apenas 38 anos, Mandarax sugeriu que se encontrasse um doador, o mais rápido possível, para se fazer um transplante. Akiko, a filha peluda de Hisako, quando tinha seis anos, contraiu pneumonia, aparentemente contagiada por um filhote de foca, seu melhor amigo, e Mandarax receitou-lhe antibióticos. Na ocasião, Hisako e a cega Selena viviam juntas, criando Akiko, quase como marido e mulher.

E quando pediam a Mandarax que lhe mostrasse alguma citação da literatura universal que pudesse ser utilizada para comemorar algum acontecimento naquele amontoado de lava escoriácea, o computador sempre vinha com alguma bobagem. Quando Akiko, aos 24 anos, deu à luz sua própria filhinha peluda, primeiro membro da segunda geração de humanos a nascer na ilha, Mandarax saiu-se com as seguintes ideias:

> *Se eu fosse enforcado na colina mais alta,*
> *Minha mãe, ó, minha mãe!*
> *Eu saberia quem ainda me tinha amor,*
> *Minha mãe, ó, minha mãe!*
>
> Rudyard Kipling (1865-1936)

ou

No escuro útero em que surgi,
A vida de minha mãe fez de mim um homem.
Por todos os meses que engendram o nascimento
Sua beleza alimentou meu solo comum.
Não posso ver, respirar, ou me mover,
Sem que dela um pouco morra junto.

John Masefield (1878-1967)

ou

Senhor, que ordenaste a espécie humana,
Benigno esforço e cuidados ternos!
A Ti agradecemos pelos laços que unem
A mãe à criança que ela dá a luz.

William Cullen Bryant (1794-1878)

ou

Honra teu pai e tua mãe; que seus dias
possam ser longos sobre a terra que
o Senhor teu Deus te deu.

A Bíblia

O pai da filha de Akiko era o mais velho dos filhos do capitão, Kamikaze, de apenas treze anos de idade.

14

Haveria muitos nascimentos, mas nenhum casamento formal, para comemorar durante os primeiros quarenta e um anos da colônia em Santa Rosalia, da qual a humanidade atual descende. Desde o princípio, sem dúvida, formaram-se pares. Hisako e Selena ficaram juntas pelo resto de suas vidas. O capitão e Mary Hepburn ficaram juntos durante os primeiros dez anos — até Mary fazer algo que ele considerou totalmente imperdoável, ou seja, usou seu esperma sem autorização. E as outras seis mulheres, que sempre haviam vivido como uma família, também formaram pares no âmbito de uma irmandade já bastante íntima.

Quando o primeiro casamento foi realizado em Santa Rosalia, por Akiko e Kamikaze, no ano de 2027, todos os colonos originais já tinham, há muito tempo, desaparecido no sinuoso túnel azul que leva à vida após a morte, e Mandarax estava cravado de crustáceos no fundo do Pacífico Sul. Se ele ainda estivesse por ali, teria um bocado de coisas desagradáveis para dizer a respeito do casamento, tais como:

> *Casamento: comunhão que consiste em um senhor, uma ama e dois escravos, somando, ao todo, dois.*
>
> Ambrose Bierce (1842-?)

ou

> *Casamento do amor, como vinagre do vinho...*
> *Uma bebida triste, amarga e sóbria — com o tempo*
> *Perde todo seu sublime sabor celestial,*
> *Para adquirir um sabor caseiro e familiar.*
>
> Lord Byron (1788-1824)

e assim por diante.

O último casamento humano realizado nas Ilhas Galápagos, e portanto o último da face da Terra, se deu na Ilha Fernandina, no ano de 23011. Hoje em dia, ninguém tem a menor ideia do que seja um casamento. Sou forçado a dizer

que o cinismo do Mandarax a respeito dessa instituição, nos tempos de seu apogeu, era amplamente justificado. Meus pais sempre foram muito infelizes no casamento, e Mary Hepburn, quando já era uma velha senhora em Santa Rosalia, certa vez disse a Akiko que, muito provavelmente, ela e Roy foram o único casal feliz de toda a Ilium.

O que tornava os casamentos tão difíceis, naqueles tempos, era, uma vez mais, aquele instigador de tantas espécies de sofrimentos: o cérebro desmesurado. Esse computador pesadão era capaz de armazenar opiniões tão contraditórias a respeito de tantos assuntos diferentes, e mudava de opinião ou de assunto com tanta facilidade, que uma discussão entre marido e mulher sob tensão podia até terminar como uma luta entre pessoas vendadas sobre patins de rodas.

Os Hiroguchi, por exemplo, cujos sussurros Mary ouvira através do fundo do armário embutido, estavam mudando constantemente de opinião a respeito de si mesmos e do outro, do amor, do sexo, do trabalho, do mundo, e assim por diante, à velocidade da luz.

Num segundo Hisako achava que o marido era muito estúpido, que teria de deixá-lo, se ela e seu feto quisessem ser felizes. Mas então, no instante seguinte, achava que ele era mesmo tão brilhante quanto todo mundo dizia que era, que devia parar de se preocupar, que ele iria tirá-los daquela confusão, facilmente e em breve.

Num segundo *Zenji a maldizia intimamente por ser tão impotente, por ser um peso morto, e no instante seguinte jurava para si mesmo que seria capaz de morrer, se necessário, por aquela deusa e pela filha ainda não nascida.

Para que servia uma tal inconstância emocional, para não dizer loucura, na cabeça de animais que tinham de permanecer juntos o tempo suficiente, pelo menos, para criar um filho humano, o que poderia levar cerca de quatorze anos, ou coisa assim?

• • •

— Algo mais está perturbando você — disse *Zenji a Hisako, rompendo o silêncio.

Ele queria dizer que algo mais pessoal que a confusão geral em que haviam se metido a consumia, e a consumia há algum tempo.

— Não — disse ela.

Esse era outro problema em relação àqueles cérebros gigantes: para eles, era fácil fazer o que Mandarax jamais faria, ou seja, dizer uma mentira atrás da outra.

— Alguma coisa vem perturbando você desde a semana passada — continuou *Zenji. — Por que não me diz logo o que é? Diga-me o que é.

— Nada — disse ela. Quem gostaria de passar catorze anos de sua vida ao lado de um computador como aquele, sem nem ao menos ter certeza se estava dizendo a verdade ou não?

Os dois conversavam em japonês, não no inglês americano idiomático utilizado há um milhão de anos, e de que eu mesmo me utilizo para contar esta história. A propósito, *Zenji entretinha-se nervosamente com Mandarax, passando-o de uma mão para outra, e, sem querer, ligou-o, de modo que ele traduzia tudo o que diziam para o navajo.

• • •

— Bom... se você quer mesmo saber — disse Hisako, por fim —, lá em Iucatã, certa tarde, eu estava brincando com Mandarax, no convés do *Omoo*. — *Omoo* era o iate particular de *Andrew MacIntosh, de cem metros. — Você estava mergulhando, à procura de tesouros submersos.

Isso, de fato, fora algo que *MacIntosh obrigara *Zenji a fazer, embora ele mal soubesse nadar: descer ao fundo do oceano com equipamento de mergulho, a quase quarenta metros de profundidade, à procura de um galeão espanhol, e trazer de lá pratos quebrados e balas de canhão. *MacIntosh obrigava até a filha cega, Selena, a mergulhar, seu pulso direito amarrado ao tornozelo direito dele por uma corda de náilon de três metros.

— Por acaso descobri que Mandarax era capaz de fazer uma coisa que você esqueceu de me dizer que ele podia fazer — continuou Hisako. — Quer saber o quê?

— Não faço ideia do que seja — disse *Zenji. Era sua vez de mentir.

— Mandarax — disse ela — é um ótimo professor da arte de fazer arranjos de flores.

Isso era o que Hisako tinha orgulho de ser, naturalmente. Mas seu amor-próprio fora severamente abalado com a descoberta de que uma caixinha preta podia não apenas ensinar o que ela ensinava, mas também fazê-lo em mil línguas diferentes.

— Eu ia lhe contar. Juro que ia — disse *Zenji. Outra mentira. E o fato de Hisako saber que Mandarax era hábil em ikebana soava tão improvável quanto ela conhecer o segredo de uma caixa-forte de banco. Ela sempre relutara em aprender a operar Mandarax, e o faria até a morte. Mas vai se saber se ela realmente não andou apertando as teclas do instrumento lá no *Omoo*, e de repente, Mandarax começou a lhe dizer que os arranjos mais bonitos podiam ter

um, dois ou, no máximo, três elementos! Nos arranjos de três elementos, disse Mandarax, todos os três podiam ser iguais, ou dois deles podiam ser iguais, mas todos os três jamais deveriam ser diferentes. Mandarax lhe ensinara até as relações ideais entre as alturas dos elementos em arranjos com mais de um elemento, e entre os elementos, os diâmetros e as alturas dos vasos e gamelas — ou, às vezes, cestas.

Mandarax decodificara o ikebana tão facilmente quanto o fizera com a prática da medicina moderna.

• • •

*Zenji Hiroguchi não ensinara pessoalmente ao Mandarax o ikebana nem qualquer outra coisa que ele soubesse. Deixara essa tarefa a cargo de seus subordinados. O subordinado que ensinou Mandarax levou um gravador consigo a uma das famosas aulas de Hisako e depois passou o conteúdo da fita para a memória do Mandarax.

• • •

*Zenji jurou a Hisako que ensinara ikebana a Mandarax para fazer uma agradável surpresa à Sra. Onassis, a quem pretendia presentear o instrumento na última noite do “Cruzeiro Natural do Século”.

— Fiz isso por ela — disse ele —, porque sei que ela é amante da beleza.

Por acaso isso era verdade, mas Hisako não acreditou nele. As coisas chegaram a esse ponto, em 1986. Ninguém acreditava em mais ninguém, já que todo mundo mentia tanto.

— Oh, claro — disse Hisako. — Tenho certeza de que fez isso pela Sra. Onassis, e também pela honra de sua esposa. Me colocou entre os imortais! — Referia-se aos pensadores da pesada que Mandarax era capaz de citar.

Ficara realmente indignada agora, e queria tripudiar sobre as realizações do marido, tal como ele, na sua opinião, a tripudiara.

— Eu devo ser mesmo muito estúpida! — disse, uma afirmação que Mandarax fielmente traduziu para a escrita dos navajos. — Levei um tempão para entender quanta premeditação, quanto desprezo pelos outros existe no que você faz! Você, *Doutor Hiroguchi — continuou ela —, acha que todo mundo, exceto você, ocupa espaço demais neste planeta, que fazemos muito barulho, destruímos todos os recursos naturais, temos muitos filhos e jogamos lixo por aí. Portanto, este lugar seria bem mais agradável se os poucos e estúpidos serviços que sabemos prestar para pessoas como você pudessem ser feitos por máquinas.

Este maravilhoso Mandarax com o qual você está coçando a orelha: que é ele senão uma desculpa para um egomaníaco miserável nunca ter de pagar ou de agradecer a um ser humano com conhecimento de idiomas, matemática, história, medicina, literatura, ikebana, ou seja lá o que for?

• • •

Já dei minha opinião sobre a causa, naqueles tempos, da mania de ter máquinas que fizessem tudo o que os seres humanos faziam — e quero dizer tudo mesmo! Só quero acrescentar que meu pai, que era escritor de ficção científica, certa vez escreveu um romance a respeito de um homem que era ridicularizado por todo mundo porque estava construindo robôs atletas. Ele criara um robô para jogar golfe que nunca errava um buraco, e um outro, jogador de basquete, que nunca errava uma cesta, e um outro, jogador de tênis, que sempre ganhava um ponto com um único golpe, e assim por diante.

No início as pessoas não viam nenhuma utilidade para robôs como aqueles, e a mulher do inventor o abandonou, tal como a mãe de meu pai, aliás, o abandonou — e seus filhos tentaram interná-lo num manicômio. Mas então ele informou aos anunciantes que seus robôs poderiam anunciar automóveis, cervejas, lâminas de barbear, perfumes, relógios de pulso, o diabo. Acabou ficando rico porque, segundo meu pai, muitos entusiastas dos esportes queriam ser exatamente iguais àqueles robôs.

Não me perguntem por quê.

15

Enquanto isso, *Andrew MacIntosh se encontrava no quarto de sua filha, esperando o telefone tocar — e lhe trazer as boas notícias que ele dividiria com os Hiroguchi. Era fluente em espanhol e estivera falando ao telefone, durante toda a tarde, com seus escritórios na ilha de Manhattan e com apavorados financistas equatorianos. Falava do quarto de sua filha porque queria que ela ficasse a par de tudo o que ele fazia. Eram muito unidos, os dois. Selena nunca conhecera uma mãe, já que a sua morrera quando lhe deu à luz.

E eu, agora, fico pensando em Selena, com seus olhos verdes e inexpressivos, como se fossem uma experiência da Natureza — já que sua cegueira era hereditária e podia ser transmitida a seus descendentes. Contava 18 anos, ali em Guaiaquil, com seus melhores anos de reprodução ainda pela frente. Tinha apenas 28 anos quando Mary lhe perguntou se queria tomar parte em suas desautorizadas experiências em Santa Rosalia, com o esperma do capitão. Selena recusou. Mas se visse alguma vantagem na cegueira, talvez tivesse concordado.

• • •

Selena não fazia nem ideia, ali em Guaiaquil, enquanto ouvia o pai negociar ao telefone, que seu destino seria acasalar-se com Hisako Hiroguchi, que estava apenas a dois quartos adiante, e criar uma linda criança peluda.

Em Guaiaquil, vivia com o pai, que dava a impressão de ser o dono do mundo em que estavam, e que podia fazer o que quisesse, quando quisesse e onde bem quisesse. O cérebro gigante de Selena dizia que ela iria passar pela vida da forma mais segura e divertida possível, como se estivesse dentro de uma espécie de bolha eletromagnética criada pela personalidade indomável de seu pai que continuaria a protegê-la mesmo depois que ele morresse — mesmo depois que chegasse a hora de ele atravessar o túnel azul que conduzia ao além-túmulo.

• • •

Antes que eu me esqueça: Em Santa Rosalia, a cegueira de Selena lhe daria uma vantagem sobre os outros colonos, vantagem esta que lhe trazia grande alegria mas que, mesmo assim, não era digna de transmitir a outra geração:

Mais que qualquer outra pessoa na ilha, Selena gostava de acariciar os pelos de Akiko.

• • •

*Andrew MacIntosh dissera aos maiores financistas do Equador que estava preparado para transferir imediatamente cinquenta milhões de dólares americanos, tão valiosos quanto o ouro, para qualquer companhia fiduciária equatoriana. A maioria da suposta riqueza ainda mantida pelos bancos americanos, naqueles tempos, tornara-se tão hipotética, tão insignificante e impalpável que qualquer quantia em dólares podia ser transferida para o Equador o mais rápido possível, ou para qualquer outro lugar capaz de receber uma mensagem por telégrafo ou rádio.

*MacIntosh aguardava saber de Quito que propriedades os equatorianos estavam dispostos a passar para o seu nome, ou de sua filha, dos Hiroguchi, também imediatamente, em troca daquela quantia.

O dinheiro nem era dele. Ia tomá-lo emprestado, fosse lá quanto fosse, do Chase Manhattan Bank. E o banco levantou essa quantia, fosse lá quanto fosse, para emprestar a ele.

Sim, e se o negócio se concretizasse, o Equador poderia transmitir o milagre por telégrafo ou rádio a países férteis e conseguir, em troca, comida de verdade.

E a população engoliria toda a comida, *nham, nham, glup, glup*, e então toda essa comida não seria mais que excrementos e lembranças. O que aconteceria então ao pequeno Equador?

• • •

*MacIntosh esperava a chamada para as 17:30, em ponto. Tinha mais meia hora de espera pela frente e pedira dois raros filés mignons ao serviço de quarto. Ainda havia um bocado de coisas boas para se comer no Eldorado, armazenadas para os passageiros que chegariam para o “Cruzeiro Natural do Século”, especialmente para a Sra. Onassis. Naquele mesmo instante, soldados estavam cercando com arame farpado todo o quarteirão que o hotel ocupava — para proteger a comida.

O mesmo acontecia no porto. Estavam cercando o *Bahía de Darwin* com arame farpado porque, como todo mundo em Guaiaquil sabia, o navio fora abastecido para servir três diferentes refeições diárias, durante quatorze dias — para cem passageiros. Quem olhasse para aquele belo navio, e soubesse um pouquinho de matemática, poderia pensar o seguinte: “Estou com tanta fome,

minha mulher e meus filhos estão com tanta fome, meu pai e minha mãe estão com tanta fome e existem quatrocentos e vinte tipos deliciosos de comida aí dentro.”

• • •

O homem que trazia os dois pratos de filés mignons ao quarto de Selena também tivera este mesmo pensamento, e seu cérebro gigante continha todo um inventário das coisas gostosas que havia para se comer na despensa do hotel. Ele mesmo ainda não estava com fome, pois os funcionários do hotel continuavam recebendo sua refeição diária. Sua família — pequena em termos equatorianos, consistindo na esposa grávida, a mãe dela, seu pai e um sobrinho órfão que estavam criando — também estava bem alimentada, por enquanto. Como todos os outros funcionários, ele andava roubando comida do hotel para dar de comer à família.

Seu nome era Jesús Ortiz, um jovem barman de ascendência inca, que estava há pouco servindo James Wait no bar do hotel. Fora forçado a trabalhar como garçom no serviço de copa nos quartos por *Siegfried von Kleist, o gerente, que passara a atender no bar. O hotel, de repente, se via com falta de empregados. Os dois garçons do serviço de copa aparentemente haviam desaparecido. Não que fizessem muita falta, já que não se esperava uma grande demanda de serviços de quarto. Bem poderiam estar dormindo em algum lugar.

Então, o cérebro gigante de Ortiz pensava naqueles dois bifes — na cozinha, no elevador e no corredor que levava ao quarto de Selena. Os empregados do hotel nunca comiam ou roubavam comida daquela qualidade. E se orgulhavam disso. Ainda guardavam o melhor para aquela que chamavam de “*Señora* Kennedy”, na verdade Sra. Onassis, a expressão que usavam para todas as pessoas ricas e poderosas pessoas que, supunha-se, deveriam chegar.

O cérebro de Ortiz era tão grande que podia lhe mostrar cenas de filmes estrelados por ele próprio e por sua família, no papel de milionários. E este homem, pouco mais que um garoto, era tão ingênuo que acreditava realmente que este sonho pudesse se tornar realidade, uma vez que não tinha maus hábitos e pretendia trabalhar duro, desde que conseguisse algumas pistas de pessoas milionárias, para saber como haviam chegado até lá.

Tentara, sem muitos resultados, obter alguns conselhos sobre como viver bem de James Wait, lá no bar, o qual, embora pouco atraente e quase ridículo, tinha a carteira recheada com cartões de crédito e notas de vinte dólares americanos, conforme Ortiz, respeitosamente, observara.

Enquanto batia à porta do quarto de Selena, ele também pensou o seguinte a respeito dos dois bifes: Essas pessoas aí dentro os mereciam, e ele também os mereceria um dia, quando também fosse milionário. E ali estava um jovem muitíssimo inteligente e empreendedor. Trabalhando nos hotéis de Guaiaquil desde os 10 anos, aprendera a falar com fluência seis línguas, mais da metade das línguas que Gokubi sabia, seis vezes mais que as que James Wait e Mary Hepburn sabiam, três vezes mais que as que os Hiroguchi sabiam e duas vezes mais que as que os MacIntosh sabiam. Era bom cozinheiro e padeiro também. Fizera um curso de contabilidade e outro de advocacia trabalhista, ambos noturnos.

Sua tendência, portanto, era gostar de tudo que visse ou ouvisse dentro daquele quarto, quando Selena abriu-lhe a porta para entrar. Ele já sabia que os olhos verdes dela eram cegos. Do contrário, nem teria desconfiado. Selena não parecia uma cega, nem agia como tal. Ela era belíssima. O cérebro gigante de Ortiz fez com que ele se apaixonasse por ela.

• • •

*Andrew MacIntosh estava à janela, que ia do chão ao teto, olhando para o *Bahía de Darwin*, bem além do pântano e dos bairros miseráveis. Esperava que o navio fosse seu, ou talvez de Selena, ou talvez dos Hiroguchi, antes do pôr do sol. A pessoa que ia ligar para ele às 17:30, chefe de um consórcio de financistas em Quito, lá nas alturas, era Gottfried von Kleist, presidente do maior banco do Equador, tio do gerente do El Dorado e capitão do *Bahía de Darwin,* e proprietário, junto com seu irmão mais velho Wilhelm, do hotel e do navio.

Voltando-se para olhar Ortiz, que acabara de entrar com os filés mignons, *MacIntosh ensaiava, em sua cabeça, a primeira coisa que diria a Gottfried von Kleist em espanhol: “Antes de me dar o resto das boas notícias, caro colega, me dê sua palavra de honra de que eu estou olhando para o meu próprio navio, da janela de meu próprio hotel.”

• • •

*MacIntosh estava descalço e usando apenas calções curtos cáqui, com a braguilha aberta, sem nada por baixo, de modo que seu pênis não era segredo maior que o pêndulo de um carrilhão.

• • •

Sim, e agora faço uma pequena pausa para me maravilhar com o fato de este homem ter tido tão pouco interesse no processo de reprodução, em ser um grande sucesso no terreno biológico — a despeito de seu exibicionismo sexual e sua mania de se proclamar proprietário de quase todos os sistemas portadores de vida do mundo. Os mais famosos criadores de planos de sobrevivência, naqueles tempos, geraram pouquíssimos filhos. Havia exceções, é claro. Aqueles que se reproduziram bastante, porém, e que podiam dar a impressão de querer todas as propriedades para garantir o futuro de seus descendentes, geralmente transformavam seus filhos em anormais psicológicos. Seus herdeiros eram quase sempre pouco mais que zumbis, presas fáceis de homens e mulheres tão gananciosos quanto aqueles que lhes deixavam tudo aquilo, muito mais do que um primata humano pudesse querer ou precisar.

*Andrew MacIntosh pouco se importava se ele mesmo vivesse ou morresse — a julgar pela sua paixão por mergulhos, corridas com veículos motorizados e assim por diante.

Portanto, devo acrescentar que os cérebros humanos, naqueles tempos, haviam se tornado geradores de abundantes e irresponsáveis opiniões sobre como a vida devia ser vivida, a ponto de fazerem com que o bem-estar das gerações futuras se transformasse numa espécie de jogo, apreciado apenas por pouquíssimos entusiastas — como o pôquer, o polo, a compra de títulos, ou escrever romances de ficção científica.

Naqueles tempos, mais e mais pessoas, não apenas *Andrew MacIntosh, achavam que assegurar o futuro da raça humana era uma chatice.

Era muito mais divertido, digamos, jogar tênis nos fins de semana.

• • •

Kazakh estava deitada ao lado da mala de *MacIntosh, aos pés da cama de Selena. Era um pastor alemão fêmea e estava sem suas correias, livre para ir aonde quisesse. E seu pequeno cérebro, alertado pelo cheiro da carne, a fez olhar para Ortiz com seus olhos castanhos cheios de esperança e abanar a cauda.

Naqueles tempos, os cães eram muito superiores às pessoas, quando se tratava de distinguir odores diferentes. Graças à lei da seleção natural de Darwin, todos os seres humanos têm hoje o olfato tão aguçado quanto o de Kazakh. Inclusive superaram os cães em um particular: podem farejar até debaixo d’água.

Os cães ainda não conseguem nadar debaixo d’água, embora tenham tido um milhão de anos para aprender. Ficam zanzando por aí, como sempre. Ainda não conseguem nem pescar. E devo dizer que todo o resto do mundo animal, exceto a

humanidade, em todo esse tempo pouco fez para melhorar suas táticas de sobrevivência.

16

O que *Andrew MacIntosh disse a Jesús Ortiz foi tão ofensivo e, em vista da fome que grassava no Equador, tão perigoso, que dava até a impressão de que seu cérebro gigante estava realmente doente — se é que o fato de que não se importava com mais nada podia ser considerado sinal de doença. Além do mais, o insulto que proferiu contra o amável e bondoso barman nem foi intencional.

*MacIntosh era um homem forte, de estatura mediana. Sua cabeça parecia uma caixa colocada em cima de outra ainda maior. E tinha braços e pernas muito grossos. Era tão robusto e ágil quanto o marido de Mary Hepburn, Roy, havia sido, mas, ao contrário de Roy, estava sempre disposto a se arriscar. Tinha dentes grandes, brancos e perfeitos, e olhou para Ortiz de maneira tão penetrante que este, ao ver seus dentes, lembrou-se das teclas de um piano de cauda.

*MacIntosh lhe disse em espanhol:

— Descubra os bifes e ponha-os no chão, para a cadela. Depois, dê o fora daqui.

• • •

Por falar em dentes: Nunca houve dentistas em Santa Rosalia ou outra colônia humana qualquer nas Ilhas Galápagos. Tal como deve ter acontecido há um milhão de anos, um habitante das ilhas aos 30 anos, mais ou menos, já está completamente banguela, tendo, antes disso, sofrido várias vezes de dor de dente dilacerante. E isto é mais que golpe na simples vaidade, sem dúvida, visto que, hoje em dia, os dentes são a única ferramenta que as pessoas têm à sua disposição.

É verdade. À exceção de seus dentes, as pessoas, hoje, não possuem nenhum tipo de ferramenta.

• • •

Mary Hepburn e o capitão tinham bons dentes quando chegaram a Santa Rosalia, embora ambos já tivessem passado dos 30, graças a visitas regulares a dentistas, que trataram de dentes com raízes podres e drenaram abscessos. Quando morreram, porém, já estavam completamente desdentados. Selena MacIntosh era

tão jovem quando morreu, num pacto suicida que fez com Hisako Hiroguchi, que ainda tinha um bocado de dentes, mas não todos. Hisako estava completamente desdentada.

E se estou aqui criticando os corpos humanos tal como eram há um milhão de anos, corpo que eu também possuía, como se eles fossem máquinas à venda no mercado, devo assinalar dois aspectos, um dos quais deixei bem claro nesta narrativa: “O cérebro é grande demais para poder ser prático.” O outro é: “Tem sempre alguma coisa errada com os nossos dentes. Em geral, não duram uma vida inteira. A que cadeia de fatos evolutivos devemos estas porcarias de louças em nossas bocas?”

Seria bom dizer que a lei da seleção natural, que prestou tantos favores a tanta gente em tão pouco tempo, também fez alguma coisa a respeito dos dentes. De certo modo, fez mesmo, mas foi uma solução draconiana. Não tornou os dentes mais duráveis. Simplesmente, abreviou a expectativa de vida de uma pessoa para 30 anos, mais ou menos.

• • •

Bom, voltemos a Guaiaquil e a *Andrew MacIntosh, que acabara de ordenar a Jesús Ortiz que pusesse os bifes no chão:

— Como, senhor? — perguntou Ortiz, em inglês.

— Ponha ambos na frente da cadela — disse *MacIntosh.

Ortiz obedeceu, seu cérebro gigante em confusão total, revisando completamente as opiniões de Ortiz a respeito de si mesmo, da humanidade, do passado, do futuro e da natureza do universo.

Antes de Ortiz ter tempo de se levantar, depois de servir a cadela, *MacIntosh repetiu:

— Dê o fora daqui!

• • •

Desgosta-me, mesmo agora, mesmo depois de um milhão de anos, escrever sobre a má conduta humana.

Um milhão de anos depois, parece que peço desculpas, em nome da raça humana. É tudo que posso dizer.

• • •

Se Selena representava a experiência da Natureza com a cegueira, então seu pai era a experiência de Natureza com a insensibilidade. Sim, e Jesús Ortiz era a experiência da Natureza com a admiração pelos ricos; eu, experiência com o voyeurismo insaciável; meu pai, com o cinismo; minha mãe, com o otimismo; o capitão do *Bahía de Darwin*, com a autoconfiança infundada; James Wait, com a ganância despropositada; Hisako Hiroguchi, com a depressão; Akiko, com a pelugem, e assim por diante.

Lembro-me de um dos romances de meu pai, *A era dos monstros esperançosos*. Era sobre um planeta onde os humanoides ignoravam seus mais graves problemas de sobrevivência até o último minuto. Então, quando todas as florestas estavam morrendo, todos os lagos sendo contaminados pela chuva ácida, toda a água se tornando insalubre pelos detritos industriais, e assim por diante, esses humanoides começaram a dar à luz crianças com asas, ou chifres, ou guelras, com cem olhos, sem olhos, cérebros descomunais, sem cérebros, e outras anomalias. Era a experiência da Natureza com criaturas que poderiam, dependendo da sorte, ser melhores cidadãs planetárias que os humanoides. A maioria morreu, teve de ser morta, ou teve outro destino qualquer, mas uma pequena parte delas era promissora, e se reproduziu, dando à luz filhos iguais a elas.

Chamo minha própria geração, há um milhão de anos, de "Geração dos Monstros Esperançosos", sendo a maioria monstros usuais em termos de personalidade, do que de corpo. Hoje em dia, a Natureza não faz mais esse tipo de experiência, seja com corpos, seja com personalidades.

• • •

Os cérebros gigantes daqueles tempos não eram apenas capazes de se mostrar cruéis pela simples crueldade. Também podiam sentir os mais variados tipos de dor, aos quais os animais inferiores eram totalmente insensíveis. Nenhum outro animal na face da Terra podia se sentir como Jesús Ortiz enquanto descia de elevador até o saguão: arrasado pelo que *Andrew MacIntosh havia lhe dito. Nem tinha certeza se o que lhe sobrava de vida valia a pena ser vivido.

E seu cérebro estava tão confuso que ele via todo tipo de coisas diante de si, coisas que nenhum animal jamais conseguiria ver, todas imaginárias, puramente produtos da opinião humana, tal como aqueles cinquenta milhões de dólares que *Andrew MacIntosh estava preparado para transferir, imediatamente para o Equador, logo que ouvisse a palavra final pelo telefone. Ortiz viu um retrato da *Señora* Kennedy, Jacqueline Kennedy Onassis, em que esta não diferia nem um pouco da Virgem Maria. Ortiz era católico. Todo mundo no Equador era

católico. Os Von Kleist eram católicos. Até os canibais das florestas tropicais, equatorianas, os esquivos Kanka-bonos, eram católicos.

A *Señora* Kennedy vista por Ortiz era linda, triste, pura, amável e toda-poderosa. Na cabeça de Ortiz, porém, ela presidia uma horda de deidades menores, que também participariam do "Cruzeiro Natural do Século", incluindo os seis hóspedes que já se encontravam no hotel. Ortiz não esperava outra coisa que não bondade da parte de todos eles, e achava, como também achavam todos os equatorianos antes que a fome se alastrasse, que sua chegada ao Equador seria um momento glorioso na história da nação, e que todo tipo de luxo deveria ser posto à sua disposição.

Agora, no entanto, a verdade sobre um daqueles supostamente maravilhosos visitantes, *Andrew MacIntosh, poluíra, no quadro mental de Ortiz, não apenas as outras deidades menores, mas inclusive a *Señora* Kennedy.

Então, aquele busto do retrato começou a criar presas enormes, como um vampiro, a pele desgrudou-se de sua face, mas os cabelos permaneceram. A *Señora* Kennedy surgia agora como uma caveira sorridente, desejando tão somente a peste e a morte para o pequeno Equador.

• • •

Era um quadro assustador, e Ortiz não conseguia tirá-lo da cabeça. Achou que talvez se livrasse dele tomando um pouco de ar puro, por isso, saiu do elevador direto para a entrada do hotel, sem dar atenção aos chamados de *Siegfried von Kleist, lá no bar. *Von Kleist queria saber qual era o problema, aonde ele estava indo, e assim por diante. Ortiz era o melhor funcionário do hotel, o mais leal, o mais competente e o mais prestativo, e *Von Kleist realmente precisava dele.

• • •

Eis por que, aliás, o gerente do hotel não tinha filhos, embora fosse heterossexual e seu esperma parecesse excelente ao microscópio, e assim por diante: Havia cinquenta por cento de chance de que ele fosse portador de uma doença cerebral hereditária e incurável, inexistente nos dias de hoje chamada coreia de Huntington. Naqueles tempos, a febre de Huntington era uma das mil doenças mais comuns que Mandarax podia diagnosticar.

O fato de nenhum ser humano, hoje, ser portador dessa doença se deve a um puro golpe de sorte. O mesmo golpe de sorte que tornou *Siegfried von Kleist um possível portador. Seu pai só descobriu que ele era portador na meia-idade, após ter reproduzido duas vezes.

E isso significava, naturalmente, que seu irmão Adolf, o capitão do *Bahía de Darwin*, mais velho, mais alto e mais encantador que ele, também podia ser um portador. Portanto, *Siegfried, que morreria sem filhos, e Adolf, que se tornaria o progenitor de toda a raça humana, declinaram, por motivos de admirável altruísmo, de copular com as fêmeas de sua espécie há um milhão de anos.

• • •

*Siegfried e Adolf mantiveram em segredo essa falha genética. O que lhes poupou, sem dúvida, situações embaraçosas — e também protegeu a reputação de todos os seus parentes. Se se tornasse público que os dois irmãos podiam transmitir a seus descendentes a coreia de Huntington, todos os Von Kleist teriam dificuldade em arranjar casamentos, mesmo não havendo a mínima chance de também serem portadores.

Acontecia o seguinte: A doença, caso a tivessem, fora passada aos irmãos por intermédio de sua avó paterna, que era a segunda esposa de seu avô paterno, e que teve apenas um filho — seu pai, o escultor e arquiteto equatoriano Sebastian von Kleist.

Até que ponto a falha era nociva? Bem... certamente, era bem pior que ter uma filha peluda.

De fato, de todas as horríveis doenças conhecidas por Mandarax, a coreia de Huntington deve ter sido a pior. Era, sem dúvida, a mais traiçoeira, a mais desagradável de todas as surpresas. Geralmente, ficava incubada e indetectável por qualquer tipo de testes até que o infeliz que a tivesse contraído alcançasse a maturidade. O pai dos dois irmãos, por exemplo, teve uma vida normal e produtiva até os 54 anos — quando então, involuntariamente, começou a dançar e a ver coisas que não existiam. Então ele assassinou a mulher, fato que foi abafado. Quando ficou a par do crime, a polícia encerrou o caso como um acidente caseiro.

• • •

Assim, os dois irmãos esperavam enlouquecer a qualquer momento, a começar a dançar e ter alucinações, já aos 25 anos. Cada um deles tinha cinquenta por cento de probabilidades de fazer isso. Se ambos enlouquecessem, isso provaria que a doença podia mesmo ser transmitida às gerações seguintes. Se ambos envelhecessem sem enlouquecer, isso provaria que não eram portadores, nem seus descendentes o seriam. Poderiam ter se reproduzido impunes.

• • •

Quis o destino que o capitão não fosse portador, mas seu irmão, sim. Pelo menos o pobre *Siegfried não iria sofrer por muito tempo mais. Ele começou a enlouquecer quando tinha apenas poucas horas de vida — na tarde de quinta-feira, 27 de novembro de 1986. Lá estava ele, de pé, de costas para o balcão do bar, com James Wait sentado à sua frente e um retrato de Charles Darwin na parede, às suas costas. Acabara de ver seu mais fiel empregado, Jesús Ortiz, sair pela porta da frente, terrivelmente transtornado com alguma coisa.

Neste exato momento, o cérebro gigante de *Siegfried fê-lo mergulhar num mar de loucura por alguns instantes, trazendo-o de volta à sanidade.

• • •

No estágio inicial da doença, o único que o desventurado irmão viria a conhecer, sua alma ainda pôde reconhecer que seu cérebro se tornara perigoso, e, com muito esforço, ajudou-o a manter a aparência de quem era mentalmente sadio. Assim, *Siegfried ergueu o rosto e voltou ao trabalho, como sempre, fazendo uma pergunta a James Wait.

— O que faz para viver, Sr. Flemming?

Assim que as pronunciou, as palavras ecoaram diabolicamente dentro de sua cabeça, como se ele tivesse gritado na boca de um barril de aço colocado no alto de seus pulmões.

E a resposta de Wait, embora em voz baixa, também quase lhe estourou os tímpanos:

— Eu era engenheiro — disse Wait — mas perdi o interesse pela profissão e por tudo o mais, para dizer a verdade, depois do falecimento de minha esposa. Acho que agora você pode me chamar de sobrevivente.

• • •

Então Jesús Ortiz deixou o hotel, depois de ser barbaramente insultado por *Andrew MacIntosh. Sua intenção era caminhar pelas redondezas até se acalmar um pouco. Mas logo descobriu que arames farpados e soldados haviam transformado em cordão sanitário a área em torno do hotel. A necessidade de tal barreira era evidente. Multidões de pessoas de todas as idades, do outro lado do arame, olhavam para ele com emoção, tal como a cadela Kazakh, esperando em desespero que ele lhes desse um pouco de comida.

Ortiz permaneceu do lado de dentro da cerca e ficou dando voltas e voltas ao redor do hotel. A cada volta completa, passava pela porta da lavanderia e espiava lá dentro. Fixada na parede, havia uma caixa de aço cinza. Ortiz sabia o que ela continha: os fios que ligavam os telefones do hotel ao resto do mundo. Um bom cidadão de um milhão de anos atrás pensaria, ao ver aquela caixa: “O que a Companhia Telefônica uniu, nenhum homem separa.”

Sim, e era este o sentimento patente no cérebro de Jesús Ortiz. Ele jamais danificaria uma caixa tão importante para tantas pessoas. Mas os cérebros, naqueles tempos, eram tão grandes que podiam até enganar seus donos. Desde que passara pela lavanderia, seu cérebro queria que ele desconectasse os fios, mas sabia o quanto sua alma se opunha à má cidadania. Por isso, para evitar que ele ficasse paralisado, o cérebro de Ortiz repetia, sem parar: “Não, não... claro que jamais faríamos uma coisa dessas.”

Na quarta vez que passou por ali, seu cérebro fez com que ele entrasse na lavanderia, mas também lhe deu um bom motivo para isso. Bom cidadão que era, estava procurando as calças verdes de uma das hóspedes, Mary Hepburn, que aparentemente haviam desaparecido em algum outro universo na noite anterior.

Ortiz então abriu a caixa cinza e desconectou todos os fios. Em questão de segundos, um típico cérebro de um milhão de anos transformara o melhor cidadão de Guaiaquil num ávido terrorista.

17

Na ilha de Manhattan, um publicitário americano de meia-idade contemplava o malogro de sua obra-prima: o “Cruzeiro Natural do Século”. Acabara de mudar seus escritórios para um novo endereço, no alto do edifício Chrysler, antes ocupado por um fabricante de harpas que falira — tal como a cidade de Ilium, o Equador, as Filipinas, a Turquia, e assim por diante. Seu nome era Bobby King.

Encontrava-se no mesmo fuso horário de Guaiaquil, e uma linha ao sul da ruga profunda em sua testa, abaixo do equador, encontraria um terminal numa ruga bem mais profunda na testa de *Andrew MacIntosh, em Guaiaquil. *MacIntosh tentava arrancar vida de um telefone mudo. *MacIntosh parecia estar segurando um iguana empalhado junto de sua imensa cabeça, enquanto gritava cada vez mais imperiosamente: “Alô! Alô!”

Bobby King tinha um iguana empalhado sobre sua escrivaninha; havia, de fato, entretido muitos visitantes fingindo que o tomava pelo telefone, segurando-o junto da orelha e dizendo: “Alô! Alô!”

Neste momento, no entanto, não estava com a menor vontade de brincar. A seu modo, fizera tanto pela fama das Ilhas Galápagos quanto Charles Darwin — com uma campanha publicitária de dez meses que convencera milhões de pessoas em todo o mundo de que a viagem inaugural do *Bahía de Darwin* seria, realmente, o “Cruzeiro Natural do Século”. Além disso, transformara em celebridades várias das criaturas que habitavam as ilhas, como cormorões, mergulhões de patas azuis, fragatas gatunos, e assim por diante.

Seus clientes eram o Ministério do Turismo do Equador, a Ecuatoriana Airlines e os proprietários do Hotel El Dorado e do *Bahía de Darwin*, os tios paternos de *Siegfried e do capitão Adolf von Kleist. Nem o gerente do hotel nem o capitão, aliás, precisavam trabalhar para viver. Viviam muitíssimo bem com o que haviam herdado, mas mesmo assim achavam que tinham de se manter ocupados.

King agora tinha certeza, embora ninguém lhe falasse, que seu trabalho fora inútil, que o “Cruzeiro Natural do Século” não se concretizaria.

Quanto ao iguana marinho empalhado sobre sua escrivaninha: transformara aquele réptil no animal totêmico do cruzeiro — mandara pintar sua imagem nos

dois lados da proa do *Bahía de Darwin* e usou-o como logotipo em todos os anúncios e textos de divulgação.

Na vida real, aquela criatura chegava a mais de um metro de comprimento e parecia tão assustadora quanto um dragão chinês. Na verdade, porém, não oferecia maior perigo a nenhuma forma de vida, salvo às algas marinhas, que um salsichão de fígado. Eis o que é sua vida, hoje, que em nada difere de sua vida há um milhão de anos:

Como não tem inimigos, acomoda-se num lugar qualquer e fica olhando o vazio, não desejando nada e não se assustando com nada, até sentir fome. Então, bamboleia-se para dentro do mar e nada bem devagar, e sem muita habilidade, até alguns metros da praia. Depois mergulha, como um submarino, e se empanturra de algas e plantas marinhas, que a essa altura são indigeríveis. As algas devem ser cozidas para poderem ser digeridas.

Em seguida, o iguana marinho volta à superfície, nada para a praia e senta-se de novo na lava, sob o sol. Usa a si próprio como forno, tornando-se cada vez mais quente, enquanto o sol vai cozinhando as algas em seu estômago. E ele continua a olhar a distância, no vazio, como antes, mas com uma diferença: de vez em quando, cospe um bocado de água salgada fervente.

Durante o milhão de anos que passei nessas ilhas, a lei da seleção natural não fez nada para melhorar, ou mesmo piorar, este peculiar sistema de sobrevivência.

• • •

King sabia que seis pessoas já haviam chegado a Guaiaquil e, naquele momento, se encontravam no Hotel El Dorado, ainda esperando embarcar no “Cruzeiro Natural do Século”. Mas isso era o de menos para ele. Achava que as pessoas que pretendiam ir para lá com seus próprios meios acabariam não indo, devido às péssimas notícias sobre o que acontecia na região.

Estava de posse dos nomes dos seis. Para ele, um era um ilustre desconhecido, um canadense chamado Willard Flemming. Tratava-se de James Wait, é claro. King não fazia ideia de como essa pessoa passara a constar da lista de passageiros, que, à exceção de Mary Hepburn e de um veterinário japonês e sua esposa, deveria conter apenas celebridades de renome mundial.

King estranhava que Mary Hepburn estivesse lá sem seu marido. Ele não sabia que Roy havia morrido. E sabia alguma coisa a respeito dos Hepburn, apesar de serem completamente desconhecidos naquela lista de passageiros, porque foram as primeiras pessoas a se inscreverem para o “Cruzeiro Natural do Século”. Isso se dera numa época em que King ainda duvidava que qualquer celebridade se decidisse a fazer a viagem.

De fato, quando os Hepburn se inscreveram, King chegou a namorar a ideia de transformá-los em minicelebridades, com aparições em programas de entrevistas, noticiários, e assim por diante. Nunca os vira pessoalmente, mas conversara com Mary pelo telefone, esperando, meio desesperançado, encontrar algo de interessante a respeito dos Hepburn, embora os dois tivessem os empregos mais comuns possíveis, numa pequena cidade industrial com a mais alta taxa de desemprego do país. Um ou outro talvez tivesse um ancestral ou parente famosos, ou talvez Roy tivesse sido herói durante a guerra, ou talvez tivessem ganho na loteria, ou talvez tivessem passado por alguma tragédia recente, ou qualquer tipo de coisa.

Partes das conversas de King e Mary ao telefone, em janeiro, foram assim:

— Bem... sou parente distante de Daniel Boone — disse ela. — Meu nome de solteira era Boone, e eu nasci no Kentucky.

— Isso é maravilhoso! — exclamou King. — É tetraneta dele ou o quê?

— Oh, não creio que a descendência seja tão direta assim — disse ela. — Nunca levei o assunto muito a sério, por isso nunca tentei descobrir.

— Mas seu nome de solteira era Boone.

— Sim, mas é só uma coincidência. O nome do meu pai era Boone, mas ele não era parente de Daniel Boone. Sou parenta de Daniel Boone por parte de minha mãe.

— Se o nome de seu pai era Boone, e ele era do Kentucky, de algum modo ele tinha de ser descendente de Daniel Boone, não acha? — perguntou King.

— Não necessariamente — respondeu ela —, porque o pai dele era um treinador de cavalos da Hungria, chamado Miklós Gömbös, que mudou o nome para Michael Boone.

Quanto à questão de prêmios ou honrarias que ela ou Roy pudessem ter recebido, Mary garantiu que o marido sem dúvida merecia muitos deles por tudo de bom que ele fizera para a GEFFCo, mas que aquela companhia não acreditava em prêmios assim, a não ser para seus principais executivos.

— Nem medalhas militares? Nada parecido? — perguntou King.

— Ele esteve na Marinha — disse Mary — mas não lutou.

Claro, se King tivesse ligado três meses antes e falado com o próprio Roy, este teria lhe contado tudo o que sofrera com os testes nucleares no Pacífico.

— Vocês têm filhos? — perguntou King.

— Não — respondeu Mary. — Mas considero cada aluno meu como se fosse um filho. O Roy, também, é guia de escoteiros, e considera cada um deles como seu filho.

— Bela atitude — disse King. — Bom, foi ótimo falar com a senhora, e espero que a senhora e seu marido apreciem a viagem.

— Tenho certeza de que sim — comentou ela — mas ainda vou ter de criar muita coragem para contar ao diretor que pretendo tirar dois meses de férias bem no meio de um semestre.

— A senhora terá tantas coisas maravilhosas para contar a seus alunos quando voltar — disse King — que ele ficará contente em deixá-la ir.

Aliás, King jamais estivera nas Ilhas Galápagos, nem jamais as visitaria. Como Mary Hepburn, tudo o que vira até então fora um bocado de fotografias delas.

— Oh... — disse Mary, quando King estava quase desligando — o senhor me perguntou sobre prêmios, honrarias e medalhas...

— Sim? — exclamou King.

— Bom, eu vou ganhar uma espécie de prêmio, ou algo parecido. Não era para eu saber disso, por isso não sei se devo lhe contar.

— Meus lábios estão selados — prometeu King.

— Soube disso por acaso — continuou Mary. — Mas este ano os formandos vão me dedicar o Livro do Ano. Na dedicatória, me deram um apelido carinhoso que descobri numa estamparia onde eu estava escolhendo alguns anúncios de nascimento para uma amiga. Ela é mãe de gêmeos... um menino e uma menina.

— Aha! — exclamou King.

— Sabe que apelido aqueles garotos maravilhosos me deram?

— Não — disse King.

— “Mãe Natureza Personificada” — informou Mary.

• • •

E não existem sepulturas nas Ilhas Galápagos. O oceano dispõe de todos os corpos à sua maneira. Se tivesse de existir uma sepultura para Mary Hepburn, porém, a inscrição só poderia ser esta: “Mãe Natureza Personificada.” Ela era assim, tão parecida com a Mãe Natureza? Bem, apesar da desesperança que tomava conta de todos em Santa Rosalia, Mary fez de tudo para tornar viável o nascimento de bebês lá. Nada a impedia de fazer todo o possível para que a vida continuasse.

18

Quando soube que Mary Hepburn era uma das seis desafortunadas pessoas a chegar a Guaiaquil, Bobby King começou a pensar muito sobre ela, pela primeira vez em meses. Achou que Roy talvez estivesse com ela, já que os dois pareciam tão inseparáveis e que o nome de ambos fora acidentalmente omitido pelo gerente do Hotel El Dorado, cujas comunicações telegráficas estavam se tornando cada vez mais confusas.

• • •

Aliás, King sabia a meu respeito, embora não soubesse meu nome.

Ele sabia que um dos operários morrera durante a construção do navio.

Mas não queria ver este tipo de informação publicada, pois isso poderia aumentar ainda mais a superstição corrente de que havia um fantasma no *Bahía de Darwin*, ou dar a impressão de que a família Von Kleist queria que todos soubessem que um de seus membros fora hospitalizado com a febre de Huntington e que outros dois tinham cinquenta por cento de chances de serem também portadores dessa doença.

• • •

E será que o capitão revelou a Mary Hepburn, durante os anos que passaram juntos em Santa Rosalia, que ele também podia ser portador da febre? Sim, mas só revelaria esse terrível segredo depois que os dois ficaram isolados por dez anos, ao perceber que, durante todo este tempo, Mary usara e abusara de seu esperma.

• • •

Dos seis hóspedes do El Dorado, King só conhecia dois: *Andrew MacIntosh e sua filha cega, Selena — e, é claro, Kazakh, a cadela. Qualquer um que conhecesse os MacIntosh também conhecia a cadela, muito embora Kazakh, graças à cirurgia e ao treinamento, não tivesse nenhuma personalidade. Os MacIntosh eram frequentadores de vários restaurantes que, por sua vez, eram

clientes de King. E *MacIntosh, mas não a cadela e a filha, participara de palestras com alguns de seus clientes. King assistira às palestras, junto de Selena e a cadela, dos bastidores. Sua impressão era de que a filha de *MacIntosh tinha só um pouco mais de personalidade que a cadela quando não estava junto do pai. Aliás, só sabia falar a respeito do pai.

*Andrew MacIntosh, sem dúvida, gostava de sua atuação nas palestras. Era sempre bem-vindo a elas, justamente por ser tão escandaloso. Vivia dizendo que a vida era ótima, caso se tivesse uma vasta soma de dinheiro para gastar. Apiedava-se e escarnecia das pessoas que não eram ricas, e assim por diante.

Graças à inclemência do clima da ilha de Santa Rosalia, Selena viria a desenvolver uma personalidade muito diferente da do pai, antes que entrasse no túnel azul que levava ao além-mundo. Viria a se tornar fluente em japonês, também. Na era dos cérebros gigantes, a história de toda uma vida podia terminar de qualquer maneira, absurda ou não.

Vejam a história da minha.

• • •

Depois de Roy e Mary Hepburn, os MacIntosh e os Hiroguchi foram os próximos a entrar na lista de passageiros do “Cruzeiro Natural do Século”. Isto se deu em fevereiro. Os Hiroguchi iam ser hóspedes de *MacIntosh e viajaram usando nomes falsos, para que os patrões de *Zenji Hiroguchi não desconfiassem de que ele estava fazendo uma transação comercial com *MacIntosh.

Quanto ao que King e *Siegfried von Kleist ou qualquer outra pessoa ligada ao cruzeiro sabiam, os Hiroguchi eram os Kenzaburo, e *Zenji, um veterinário.

Quer dizer, praticamente metade dos hóspedes do El Dorado não eram quem aparentavam ser. Para dar mais vida ainda a essa farsa tão bem arquitetada, o casaco usado por Mary Hepburn, um despojo de guerra, ainda tinha bordado no bolso esquerdo o nome do soldado que o usara — Kaplan. Quando ela e James Wait finalmente se encontraram, no bar do hotel, este se apresentara usando nome falso, ao passo que Mary usara o verdadeiro. Mesmo assim, ele continuaria a chamá-la por “Sra. Kaplan”, aproveitando para exaltar as glórias do povo judeu, e assim por diante.

E depois os dois viriam a ser casados pelo capitão, no convés do *Bahía de Darwin.* Mary achava que estava se casando com William Flemming, enquanto este achava que estava se tornando o marido de Mary Kaplan.

Este tipo de confusão seria impossível nos dias de hoje, já que ninguém mais tem nome — ou profissão, ou mesmo uma história de vida para contar. No que

diz respeito à reputação, tudo o que resta às pessoas é um odor particular que, do nascimento à morte, não pode ser modificado. As pessoas são o que são, e pronto. A lei da seleção natural tornou os seres humanos completamente honestos quanto a este aspecto. Todo mundo é exatamente o que aparenta ser.

• • •

Quando *Andrew MacIntosh solicitou três camarotes particulares para a viagem inaugural do *Bahía de Darwin,* Bobby King estranhou. E com razão. *MacIntosh possuía um iate particular, o *Omoo,* que era quase tão grande quanto o navio do cruzeiro, por isso podia ter ido às Ilhas Galápagos por conta própria — sem ter de se sujeitar ao contato íntimo com estranhos e às disciplinas que seriam impostas pelo "Cruzeiro Natural do Século". Por exemplo, os passageiros não poderiam desembarcar nas ilhas quando quisessem, nem se comportar do modo que bem lhes aprouvesse. Teriam de ser sempre escoltados e supervisionados por guias especializados, todos treinados pelos cientistas do Centro de Pesquisas Darwin, na ilha de Santa Cruz, e todos graduados em pelo menos uma das ciências naturais.

Por isso, quando certa noite passeava por uma rua cheia de clubes noturnos e restaurantes, e percebeu que *MacIntosh, sua filha, a cachorra e duas outras pessoas estavam jantando num célebre e bem frequentado restaurante chamado Elaine's, King aproveitou a oportunidade para ir até a mesa deles e dizer o quanto estava contente por eles participarem do cruzeiro. Queria muito saber por que decidiram fazê-lo — assim, usando seus motivos, poderia induzir outras pessoas famosas a irem também.

Só depois de cumprimentar os MacIntosh, King notou duas outras pessoas na mesa. Já havia conversado com ambas antes, e voltava a fazê-lo agora. A mulher era simplesmente a mulher mais admirada do planeta, a Sra. Jacqueline Bouvier Kennedy Onassis, e seu acompanhante, pelo menos naquela noite, o famoso bailarino Rudolf Nureyev.

Aliás, Nureyev era um cidadão soviético que recebera asilo político da Grã-Bretanha. Nessa época, eu ainda estava vivo e era cidadão dos Estados Unidos, e me fora concedido asilo político na Suécia.

Sim, e ambos gostávamos de dançar.

• • •

Correndo o risco de lembrar a *MacIntosh que ele possuía um iate, King perguntou-lhe o que vira de tão atraente no *Bahía de Darwin.* *MacIntosh, muito

letrado e inteligente, em razão disso proferiu um discurso sobre o dano que pessoas egoístas e ignorantes haviam causado às Ilhas Galápagos, ao desembarcarem nelas sem supervisão adequada. Diga-se de passagem que seu discurso foi chupado de um artigo publicado na revista *National Geographic*, que ele lia do princípio ao fim todo mês. Segundo a revista, o Equador solicitaria uma armada tão grande quanto a reunião de todas as armadas do mundo para impedir pessoas de desembarcar na ilha e fazer o que quisessem, de modo que o frágil equilíbrio ecológico das ilhas seria preservado a partir do momento em que essas pessoas aprendessem a se comportar de maneira adequada. “Nenhum bom cidadão do planeta”, dizia o artigo, “deve desembarcar lá, a não ser acompanhado por um guia muito bem treinado.”

• • •

Quando Mary Hepburn, o capitão, Hisako Hiroguchi, Selena MacIntosh e outras pessoas ficaram isolados em Santa Rosalia, eles não estavam acompanhados de um guia muito bem treinado. Consequentemente, durante os primeiros poucos anos ali, fizeram o diabo com o pobre do lugar.

Quase que tarde demais, perceberam que estavam depredando seu próprio habitat — ou seja, que não eram meros turistas ali.

• • •

Lá, no restaurante Elaine’s, *MacIntosh conseguiu inflamar sua fascinada audiência quando lhes falou a respeito das pessoas que pisavam nos ninhos camuflados dos iguanas, das mãos ávidas que roubavam os ovos dos mergulhões, e assim por diante. A atrocidade que mais os comoveu, porém (novamente furtada da *National Geographic*), eram as pessoas que embalavam filhotes de focas nos braços, como se fossem bebês humanos — só para serem fotografadas com elas! Quando devolviam o filhote à mãe, esta não o amamentava mais, pois seu cheiro havia mudado.

— Então, o que acontece com aquele filhotinho que acabou de ter a honra de ser embalado por um magnânimo amante da natureza? — perguntou *MacIntosh. — Morre de fome. Tudo por causa de uma fotografia!

Por isso, sua resposta à pergunta de Bobby King foi que ele queria dar um bom exemplo, o qual esperava que a maioria das pessoas seguisse, viajando também no “Cruzeiro Natural do Século”.

• • •

Para mim, parece até piada que este homem tenha se apresentado como um ardente conservacionista, pois a maior parte das companhias a que ele servia, como diretor ou acionista majoritário, eram notórias poluidoras da água, do solo e da atmosfera. Mas para *MacIntosh não era piada, não, ele que viera a este mundo incapaz de dar muita importância a fosse lá o que fosse. Portanto, para esconder do público essa deficiência, acabara se tornando um grande ator. Simulava até para si mesmo que se preocupava apaixonadamente com todo tipo de coisa.

Com o mesmo grau de convicção, dera à filha uma explicação completamente diferente do motivo por que estava indo para as ilhas a bordo do *Bahía de Darwin* e não no *Omoo*. Os Hiroguchi poderiam se sentir presos no *Omoo*, sem ninguém para conversar a não ser os MacIntosh. Em tais circunstâncias, podiam até entrar em pânico, e aí *Zenji desistiria de fazer negócio com ele e pediria para desembarcar no porto mais próximo, para que pudesse voltar de avião para casa junto com a esposa.

Como tantas outras personalidades patológicas em posições influentes, há um milhão de anos, *MacIntosh era capaz de agir movido inteiramente por impulsos, não se importando muito com as consequências de suas ações. As explicações lógicas para seus atos, inventadas, é claro, sempre vinham depois.

E este tipo de comportamento, típico dá época dos cérebros gigantes, serve também para ilustrar a história da guerra na qual eu tive a honra de lutar — a do Vietnã.

19

Como a maioria das personalidades patológicas, *Andrew MacIntosh nunca se importou muito se o que dizia era verdade ou não — por isso mesmo, era uma pessoa extremamente persuasiva. E deixara a viúva Onassis e Rudolf Nureyev tão comovidos que os dois pediram a Bobby King mais informações a respeito do “Cruzeiro Natural do Século”. King enviou-lhes as informações na manhã seguinte, por um mensageiro especial.

Por ironia do destino, naquela noite a televisão educativa ia exibir um documentário sobre os mergulhões de pata azul, e King acrescentou às informações um recado, dizendo que eles talvez gostassem de ver o documentário. Mais tarde, esses pássaros viriam a se tornar cruciais para a sobrevivência da pequena colônia humana em Santa Rosalia. Se esses pássaros não fossem tão estúpidos, tão incapazes de perceber que os seres humanos eram perigosos, os primeiros colonos teriam, com certeza, morrido de fome.

• • •

O ponto alto do documentário, assim como o ponto alto das aulas de Mary Hepburn no Colégio Ilium, era a sequência que mostrava a dança de corte dos mergulhões. A dança era assim:

Duas aves bem grandes empinavam-se sobre o solo, composto de lava vulcânica. Eram mais ou menos do tamanho de cormorões não voadores, com o mesmo pescoço longo e serpenteante e os mesmos bicos pontudos próprios para fisgar peixes. Não haviam, porém, renunciado ao voo, por isso tinham asas grandes e fortes. Suas pernas e patas membranosas eram de um azul brilhante que lembrava borracha. Pescavam os peixes mergulhando sobre eles no impulso de seu voo.

Peixe! Peixe! Peixe!

Todos se pareciam uns com os outros, embora um fosse macho e a outra, fêmea. Pareciam viver completamente separados e nem um pouco interessados um no outro — embora, sobre a lava, não houvesse lá muita coisa para ambos se ocuparem, pois não comiam nem insetos nem raízes. Não estavam à cata de material para construir um ninho, já que ainda era muito cedo para aquilo.

O macho parou de fazer o que estava fazendo, ou seja, nada. Viu a fêmea. Desviou dela o olhar, depois olhou de novo, imóvel, sem emitir nenhum som. Ambos sabiam grasnar, mas em nenhum momento da dança deram um pio.

A fêmea rodou a cabeça de um lado para outro, e então, muito por acaso, seu olhar encontrou o do macho. Estavam, então, separados por cinco metros ou mais.

Quando Mary exibia este documentário na escola, justamente neste ponto costumava dizer, como se falasse pela fêmea: “Que diabos este sujeito esquisito está querendo comigo? Realmente! Que coisa mais esquisita!”

O macho levantou uma de suas patas azuis brilhantes. Abriu-a no ar, como se fosse um leque.

Mary Hepburn, de novo falando pela fêmea, costumava dizer: “Quem ele acha que é? A maravilha do mundo? Será que ele acha que a sua é a única pata azul da ilha?”

O macho baixou a pata e levantou a outra, avançando um passo em direção à fêmea. Então, mostrou-lhe novamente a outra pata, e depois a outra, olhando-a diretamente nos olhos.

Mary dizia: “Vou sumir daqui!” Mas a fêmea não arredava pé. Parecia colada à lava, enquanto o macho lhe mostrava ora uma pata, ora a outra, chegando cada vez mais para perto dela.

Então, a fêmea levantou uma de suas patas azuis, e, neste ponto, Mary costumava dizer: “Você acha que suas patas são tão lindas assim? Dê só uma olhadinha nessa, se quiser ver uma bela pata, Pois é, e eu tenho outra, também”.

A fêmea baixou uma pata e levantou a outra, dando um passo em direção ao macho.

Nesse momento, Mary costumava ficar calada. Não ia mais ter nenhuma brincadeira antropomórfica. Agora cabia às aves levar o show adiante. Indo uma em direção à outra, lenta e gradativamente, nenhuma delas se adiantando ou se atrasando, finalmente se encontraram, peito com peito, ponta de pé com ponta de pé.

No Colégio Ilium, os alunos não esperavam mesmo ver as aves copulando. Desde que Mary o apresentara pela primeira vez no auditório, no início de maio, o documentário ficara famoso como uma celebração educacional da primavera durante anos e anos, e eles sabiam que nunca iam ver as aves chegarem às vias de fato.

Ainda assim, o que aquelas aves faziam diante das câmeras era extremamente erótico. Peito com peito e ponta de pé com ponta de pé, seus longos pescoços ficavam eretos, como dois paus de bandeira. Ambas inclinavam suas cabeças para trás o máximo que podiam. Juntavam suas longas gargantas e

a parte inferior de suas mandíbulas. Formavam uma torre, as duas — uma só estrutura, apontada para o alto e apoiada em quatro patas azuis.

Assim era a cerimônia de casamento delas.

Não havia testemunhas, nenhum mergulhão para exaltar o belo casal que formavam ou os bons dançarinos que eram. No documentário que Mary Hepburn costumava exibir na escola o mesmo que Bobby King achou que a Sra. Onassis e Rudolf Nureyev podiam ter interesse em assistir na televisão educativa, as únicas testemunhas foram os membros de cérebros gigantes da equipe de operadores de câmera.

O título do documentário era *Apontando para o Céu*, o mesmo nome que os cientistas de cérebros gigantes davam ao momento em que os bicos das duas aves apontavam na direção exatamente oposta à da atração da gravidade da Terra.

E a Sra. Onassis comoveu-se tanto com o documentário que mandou sua secretária ligar para Bobby King, na manhã seguinte, perguntando-lhe se era tarde demais para reservar duas cabinas particulares no convés principal do *Bahía de Darwin*, para o “Cruzeiro Natural do Século”.

20

Mary Hepburn costumava dar uma nota especial aos alunos que escrevessem um pequeno poema ou ensaio a respeito da dança dos mergulhões. Por isso, metade deles sempre escrevia alguma coisa, e cerca de metade dos que o faziam achava que a dança era uma prova de que as aves adoravam a Deus. A outra metade achava as mais variadas coisas. Um aluno compôs um poema do qual Mary iria lembrar-se até o final de seus dias, e o qual ela ensinou ao Mandarax. O nome do aluno era Noble Clagget, e ele estava destinado a morrer na guerra do Vietnã — mas então seu poema já teria sido assimilado pelo Mandarax, entre fragmentos dos maiores escritores que já existiram. O poema era assim:

Claro que a amo.
Tenhamos um filho
Que fale exatamente
O que seus pais falavam;
“Claro que a amo,
Tenhamos um filho
Que fale exatamente
O que seus pais falavam;
‘Claro que a amo,
Tenhamos um filho,
Que fale exatamente
O que seus pais falavam...’”
Et cetera.

Noble Clagget (1947-1966)

Alguns alunos pediram permissão para escrever sobre outras criaturas das Ilhas Galápagos e Mary, sendo a boa professora que era, decerto respondia: “Sim.” As opções prediletas desses alunos eram aquelas aves que provocavam e roubavam os mergulhões, as fragatas. Esses James Waits do mundo das aves sobreviviam devorando os peixes que os mergulhões fisgavam e construíam seus ninhos com o material roubado dos ninhos dos mergulhões. Um certo tipo de

aluno achava isso hilariante, e esse tipo era, invariavelmente, do gênero masculino.

E a singular forma física da fragata macho também atraía muito a atenção de alguns humanos imaturos do sexo forte, que ficavam imaginando como seria o desempenho erétil de seus órgãos sexuais. Na fase do acasalamento, cada fragata macho tentava chamar a atenção das fêmeas inflando um grande e brilhante balão vermelho na base de suas gargantas. Nessa fase, quando vistas de cima, uma típica colônia de fragatas machos lembrava uma festa de crianças, onde cada uma havia recebido um balão vermelho. De fato, a ilha parecia quase que completamente tomada por elas, com suas cabeças inclinadas para trás, seus orgulhos masculinos, os balões, inflados pelos pulmões quase ao ponto de estourar — enquanto no céu as fêmeas voavam em círculos.

Uma a uma, as fêmeas aterrissavam, depois de escolher este ou aquele balão vermelho.

• • •

Depois de Mary Hepburn mostrar o documentário sobre as fragatas e as luzes da classe serem acesas e as persianas abertas, um ou outro estudante, invariavelmente do sexo masculino, perguntava, cínica ou humoristicamente, às vezes até com raiva, ou medo de mulheres: “As fêmeas tentam escolher os maiores balões?”

Assim, Mary sempre tinha uma resposta na ponta da língua, palavra por palavra, como em qualquer citação de autores conhecidos por Mandarax:

— Para saber isso, teríamos que entrevistar as fêmeas, coisa que, eu saiba, até hoje ninguém fez. Algumas pessoas que dedicaram a vida ao estudo dessas aves acham que, realmente, as fêmeas dão preferência aos balões mais cheios, pois são esses que indicam os melhores ninhos. Como se vê, em se tratando de sobrevivência, isso até faz sentido.

“E isto nos traz de volta ao profundo mistério da dança dos mergulhões de patas azuis, que parece não ter nenhuma ligação com a sobrevivência, ninhos ou pesca. Qual o seu significado, então? Será que podemos chamar a isso de *religião*? Ou, se nos falta coragem, será que, pelo menos, podemos classificá-la de *arte*?”

“Seus comentários, por favor.”

• • •

A dança do cortejo dos mergulhões, que, de repente, a Sra. Onassis queria tanto ver de perto, não sofrera a menor modificação em um milhão de anos. E muito menos essas aves aprenderam a temer qualquer ser vivente. Nem demonstraram a menor vontade de deixar de voar e de se tornar aves aquáticas.

Quanto ao significado da dança, diga-se o seguinte: As aves são grandes moléculas com patas azuis brilhantes e, simplesmente, não têm escolha. Por sua própria natureza, tinham que dançar exatamente daquela maneira.

Os seres humanos também eram moléculas que podiam executar os mais variados tipos de dança, ou mesmo deixar de dançar — se quisessem. Minha mãe sabia dançar valsa, tango, rumba, charleston, o Lindy hop, jitterbug, o watusi e o twist. Papai, como era privilégio dos machos, se recusava a dançar o que quer que fosse.

21

Quando a Sra. Onassis disse que queria viajar no “Cruzeiro Natural do Século”, todo mundo quis ir também, e Roy e Mary Hepburn quase foram esquecidos, em seu pequeno camarote quase no porão do navio. No final de março, King conseguiu preparar uma lista de passageiros encabeçada pela Sra. Onassis e seguida de nomes quase tão encantadores quanto o dela — o Dr. Henry Kissinger, Mick Jagger, Paloma Picasso, William F. Buckley, Jr. e, naturalmente, *Andrew MacIntosh, Rudolf Nureyev, Walter Cronkite, e por aí afora. *Zenji Hiroguchi, viajando sob o pseudônimo de Zenji Kenzaburo, figurava na lista como um famoso especialista em doenças de animais, de modo que pudesse ficar mais ou menos à altura dos demais passageiros.

Por delicadeza, dois nomes foram omitidos da lista, para que não se levantasse a inevitável e embaraçosa pergunta: “Quem são esses?”, já que, na verdade, não eram ninguém. Tratava-se de Roy e Mary Hepburn, relegados ao seu pequeno camarote quase no porão do navio.

No entanto essa lista, levemente alterada, acabou se tornando a lista oficial. Por isso, quando, em maio, a Ecuatoriana Airlines enviou um telegrama para todas as pessoas que constavam da lista, notificando-as de que haveria um voo especial para qualquer uma delas que por acaso estivesse em Nova Iorque na véspera da partida do *Bahía de Darwin*, Mary Hepburn acabou não sendo notificada. As pessoas seriam apanhadas por limusines em qualquer ponto da cidade, e levadas ao aeroporto. As poltronas do avião podiam ser convertidas em camas e, na ala dos turistas, elas haviam sido substituídas por mesas de cabaré, e a ala transformada em salão de danças. Ali, uma equipe do Balé Folclórico Equatoriano daria um espetáculo de danças típicas das vários tribos indígenas de seu país, inclusive a dança do fogo dos esquivos Kanka-bonos. Seriam servidos pratos finíssimos, acompanhados de vinhos dignos dos maiores restaurantes da França. Tudo isso por conta da casa. Roy e Mary Hepburn, porém, nunca ficaram sabendo desse detalhe.

Sim, e eles nunca receberam uma carta, que todo mundo havia recebido, em junho — enviada pelo Dr. José Sepúlveda de la Madrid, presidente do Equador, convidando-os a um desjejum de gala em sua honra no Hotel El Dorado, seguido

de um passeio público, no qual todos desfilariam em carruagens repletas de flores — desde o hotel até o porto, onde embarcariam.

Mary também não recebeu um telegrama que King enviou a todo mundo no início de novembro, informando que as nuvens de tempestade no horizonte econômico eram, com efeito, preocupantes. A economia do Equador, entretanto, permaneceu estável, por isso não havia razão para se pensar que o *Bahía de Darwin* não fosse zarpar, como planejado. O que a carta não dizia, embora King o soubesse, era que a lista de passageiros fora reduzida a cerca da metade, por causa de cancelamentos feitos por gente de quase todos os países, exceto os Estados Unidos e o Japão. De modo que quase todas as pessoas que ainda pretendiam viajar estariam naquele voo especial de Nova Iorque.

E então a secretária de King entrou em seu escritório dizendo-lhe que acabara de ouvir no rádio que o Ministério das Relações Exteriores aconselhava os cidadãos americanos a não viajar para o Equador naquele momento.

Seria esse o fim do que King considerava o seu melhor empreendimento até então? Sem saber absolutamente nada de arquitetura naval, conseguira tornar um navio mais atraente simplesmente convencendo seus proprietários a não o batizarem de *Antonio José de Sucre*, como pretendiam, mas de *Bahía de Darwin.* Transformara algo que não passaria de simples rotina — duas semanas de viagem de ida e volta às ilhas — no Cruzeiro Natural do Século. Como fizera ele tal milagre? Nunca chamando-o de outra coisa, senão de “Cruzeiro Natural do Século”.

Se, como King agora tinha certeza, o *Bahía de Darwin* não zarpasse para o “Cruzeiro Natural do Século” ao meio-dia do dia seguinte, alguns efeitos secundários de sua campanha ainda se fariam sentir por algum tempo. Ensinara às pessoas um bocado de história natural com seus textos de divulgação sobre as maravilhas que a Sra. Onassis, o Dr. Kissinger, Mick Jagger e outros veriam. Criara, também, duas novas celebridades: Robert Pépin, o cozinheiro-chefe que King declarara ser o “maior cozinheiro-chefe da França”, ao contratá-lo como encarregado da cozinha durante a viagem inaugural, e Adolf von Kleist, o capitão do *Bahía de Darwin*, que, com seu enorme nariz e seu ar de quem escondia do mundo uma horrível tragédia pessoal, revelaram-se excelentes comediantes em programas de entrevista na televisão.

King guardara em seus arquivos uma cópia da entrevista do capitão no programa de Johnny Carson, *The Tonight Show.* Naquele programa, como em todos os outros, o capitão estava deslumbrante em seu uniforme branco e dourado de almirante da Reserva Naval Equatoriana. A entrevista era assim:

• • •

CARSON: “Von Kleist” não me parece ser um nome sul-americano.
CAPITÃO: É inca. Aliás, um dos nomes incas mais comuns, como “Smith” ou “Jones”, em inglês. Já leu algum dos relatos dos exploradores espanhóis que destruíram o Império Inca, só porque não era cristão?
CARSON: Sim...?
CAPITÃO: Presumo que os tenha lido, não?
CARSON: É o meu livro de cabeceira, junto com *O êxtase e eu,* a autobiografia de Hedy Lamarr.
CAPITÃO: Então, o senhor deve saber que, de cada três indígenas queimados como hereges, um se chamava Von Kleist.
CARSON: A Marinha equatoriana é poderosa?
CAPITÃO: Ela tem quatro submarinos. E eles estão sempre embaixo d’água. Nunca emergem.
CARSON: Nunca emergem?
CAPITÃO: Ficam lá durante anos e anos.
CARSON: Mas eles mantêm comunicação pelo rádio, não?
CAPITÃO: Não. O rádio não é usado. Foi ideia da própria tripulação. Gostaríamos de ter notícias deles, mas preferem não usar o rádio.
CARSON: Por que ficam tanto tempo embaixo d’água?
CAPITÃO: Você terá que lhes perguntar isso. O Equador é um país democrático, sabe? Mesmo nós, da Marinha, sabemos perfeitamente o que podemos e o que não podemos fazer.
CARSON: Alguns acham que Hitler ainda pode estar vivo... e morando na América do Sul! Acha isso possível?
CAPITÃO: Sei que muita gente no Equador adoraria convidá-lo para jantar.
CARSON: Simpatizantes do nazismo?
CAPITÃO: Isso eu não sei, não, senhor. É possível, acho.
CARSON: Bem, se eles gostariam de ter Hitler como convidado para jantar...
CAPITÃO: É que eles devem ser canibais. Veja os Kanka-bonos. Eles gostam de ter qualquer pessoa para o jantar. Eles são... como se diz? Está na ponta da língua...
CARSON: Acho melhor mudarmos de assunto.
CAPITÃO: Eles são... são... os Kanka-bonos são...
CARSON: Pode pensar à vontade.
CAPITÃO: Ah, sim! Eles são “apolíticos”. Essa é a palavra. Apolíticos, é isso que os Kanka-bonos são.
CARSON: Mas são cidadãos equatorianos?
CAPITÃO: Sim, claro que são. Eu lhe disse que vivemos numa democracia. Um canibal, um voto.

CARSON: Muitas mulheres me pediram para lhe fazer uma pergunta, mas talvez seja de cunho muito pessoal...
CAPITÃO: Por que um sujeito bonito e charmoso como eu nunca curtiu os prazeres de um casamento?
CARSON: Não sei se você sabe, mas eu mesmo já tive experiências bastante desagradáveis nesse campo...
CAPITÃO: Você não está sendo justo com suas admiradoras.
CARSON: Agora a conversa está entrando num terreno muito especial. Vamos falar sobre os mergulhões de patas azuis. Talvez esteja na hora de mostrarmos o filme que você trouxe, não?
CAPITÃO: Não, não. Não me importo em expor os motivos pelos quais eu nunca me casei. Sabe, não seria justo, de minha parte, casar-me com alguém, já que, a qualquer momento, podem me dar o comando de um daqueles submarinos.
CARSON: Ai você teria que mergulhar e nunca mais voltaria a emergir, certo?
CAPITÃO: Essa é a tradição.

• • •

King exalou um profundo suspiro. A lista de passageiros estava em cima de sua mesa, com metade dos nomes cortada — mexicanos, argentinos, italianos, filipinos, e assim por diante, todos com medo de arriscar seu precioso dinheirinho. Os nomes restantes, fora as seis pessoas que já estavam em Guaiaquil, eram todos da área da cidade de Nova Iorque, facilmente contatáveis por telefone.

— Bem, acho que temos de dar alguns telefonemas — disse King à sua secretária.

Ela se ofereceu para fazer as chamadas.

— Não — disse King. Não podia delegar a outro essa obrigação. Ele convencera todas aquelas celebridades a tomar parte no cruzeiro, seduzira-as com o mesmo ardor de um amante. Agora teria de ser ele, pessoalmente, o arauto das más notícias, assim como um amante responsável o faria. Pelo menos não teria problemas em localizar a maioria das pessoas. Havia quarenta e duas delas, incluindo cônjuges e acompanhantes não importantes, mas que haviam organizado jantares devidamente noticiados nas colunas sociais dos jornais naquele dia, para passarem agradavelmente as últimas poucas horas, até que as limusines viessem buscá-las e as levassem ao Aeroporto Internacional Kennedy — onde embarcariam às dez horas no voo especial da Equatoriana, com destino a Guaiaquil.

Pelo menos não teria de discutir uma eventual devolução do dinheiro pago. A viagem não lhes custaria nem um tostão — e além disso elas já haviam recebido, como brinde, malas de viagem, artigos de toucador e chapéus Panamá.

Como triste passatempo para ele e sua secretária, King brincava com um iguana empalhado. Fingindo que o animal era um telefone, encostou a boca em sua cabeça e disse:

— Sra. Onassis? Receio ter más notícias para a senhora. Depois de tudo, não vai poder ver a dança do amor dos mergulhões de patas azuis.

• • •

As desculpas de King por telefone eram apenas uma elegante formalidade. Ninguém mais esperava estar a bordo do avião às dez horas daquela noite. A propósito, *Andrew MacIntosh, *Zenji Hiroguchi e o irmão do capitão, *Siegfried, estariam todos mortos às dez horas daquela noite, e todos completariam a jornada dentro do túnel azul, em direção ao além-vida.

Todas as pessoas constantes na lista com quem King falara já tinham outros planos para os próximos dois fins de semana. Muitas delas iriam esquiar dentro do seguro território americano mesmo. Um dos grupos que se formou no jantar decidiu ir até uma curiosa combinação de fazenda de gado e quadra de tênis em Fênix, no Arizona.

E o último telefonema dado por King, antes de sair de seu escritório, foi para um homem que se tornara muito seu amigo durante os últimos dez meses: o Dr. Teodoro Donoso, poeta e médico de Quito, que era embaixador do Equador junto às Nações Unidas. Graduara-se em Harvard, assim como muitos outros equatorianos que King conhecera e haviam estudado nos Estados Unidos. O capitão do *Bahía de Darwin,* Adolf von Kleist, graduara-se na escola naval dos Estados Unidos, em Anápolis. Seu irmão, *Siegfried, na Escola de Hotelaria de Cornell, em Ítaca, Nova Iorque.

Pelos ruídos, King percebeu que havia uma espécie de festa na Embaixada, e o Dr. Donoso fechou a porta de seu escritório para poder falar com ele.

— O que vocês estão comemorando aí? — perguntou King.

— É o Balé Folclórico — respondeu o embaixador — ensaiando a dança do fogo dos Kanka-bonos.

— Eles não sabem que a viagem foi cancelada? — perguntou King.

Sabiam, mas pretendiam permanecer nos Estados Unidos e ganhar alguns dólares para suas famílias, mostrando em boates e teatros a dança que Bobby King tornara tão famosa em seus anúncios — a dança do fogo dos Kanka-bonos.

— Tem algum Kanka-bono de verdade entre eles? — perguntou King.

— Acho que não existem Kanka-bonos de verdade em parte alguma — respondeu o embaixador.

De fato, ele compusera um poema de vinte e seis versos chamado o “O último Kanka-bono”, a respeito da extinção de uma pequena tribo das florestas equatorianas. No começo do poema havia onze Kanka-bonos. No final, apenas um, e que não estava se sentindo bem. Tratava-se de um exercício poético, pois o poeta, assim como a grande maioria dos equatorianos jamais vira um Kanka-bono. Ouvira dizer que a tribo fora reduzida a apenas quatorze membros, de modo que sua extinção definitiva, provocada pelo avanço da civilização, parecia inevitável.

Mal sabia ele que, no prazo de menos de um século, o sangue de todos os seres humanos sobre o planeta seria, predominantemente, Kanka-bono, misturado com um pouquinho do de Von Kleist e Hiroguchi.

E esse assombroso rumo dos acontecimentos se efetivaria, em grande parte, por causa de um daqueles joões-ninguém da lista original de passageiros do “Cruzeiro Natural do Século”. Um era Mary Hepburn. O outro era seu marido, que exerceu papel crucial para a configuração do destino da humanidade simplesmente por ter reservado, em face de sua própria extinção, aquele pequeno e barato camarote quase no porão do navio.

22

Os vinte e seis versos do poema do embaixador Donoso, um réquiem para “O último Kanka-bono”, eram, para dizer o mínimo, prematuros. Ele deveria ter lamentado no papel “O último continente da América do Sul”, ou “O último continente da América do Norte”, ou “O último continente europeu”, ou “O último continente africano”, ou “O último continente asiático”.

De qualquer maneira, era correto seu palpite quanto ao que aconteceria com o moral do povo do Equador dali a mais ou menos uma hora, quando, ao telefone, disse para Bobby King:

— O pessoal vai cair de quatro quando souber que a Sra. Onassis não vem mais.

— As coisas mudaram muito em apenas trinta dias — disse King — O “Cruzeiro Natural do Século” deveria ser somente uma das muitas coisas boas que os equatorianos poderiam esperar. De repente, tornou-se a única.

— É como se a gente estivesse preparando uma enorme poncheira de cristal cheia de champanha — disse Donoso — e, então, da noite para o dia, ela se transformasse num balde enferrujado de nitroglicerina.

Disse que pelo menos o “Cruzeiro Natural do Século” fizera com que, por uma semana ou duas, o Equador esquecesse seus insolúveis problemas econômicos. Os governos da Colômbia, ao norte, e do Peru, ao sul e leste, já haviam sido depostos, e havia então uma ditadura militar. De fato, os novos líderes do Peru, tentando desviar os cérebros gigantes do povo de seus problemas, estavam a ponto de declarar guerra ao Equador.

• • •

— Se a Sra. Onassis fosse lá agora — comentou Donoso —, o povo a receberia como uma salvadora, como uma santa milagreira. Esperariam que ela enviasse navios cheios de comida a Guaiaquil... e que fizesse com que bombardeiros americanos soltassem cereais, leite e frutas frescas para as crianças, de paraquedas.

Hoje em dia ninguém, é preciso que se diga, espera ser salvo de coisa nenhuma, desde que se tenha mais de nove meses de idade. É este o tempo que

dura a infância humana atualmente.

• • •

Eu mesmo fui salvo da insensatez e da imprudência até os 10 anos — até minha mãe dar o fora em mim e no meu pai. Depois disso fiquei sozinho. Mary Hepburn só se tornou independente dos pais quando recebeu o diploma de mestre, aos 22 anos. Os pais de Adolf von Kleist, o capitão do *Bahía de Darwin*, frequentemente pagavam fiança para tirá-lo dos braços da Lei, por causa de dívidas de jogo, assalto, por dirigir bêbado, por resistir à prisão, por vandalismo e assim por diante, até ele completar 26 anos — quando seu pai contraiu a coreia de Huntington e matou sua mãe. Só então passou a assumir a responsabilidade por seus próprios erros.

Não causa surpresa o fato de que, antigamente, quando a infância durava mais, as pessoas tinham o hábito de acreditar, ao longo de toda sua vida, mesmo após a morte de seus pais, que alguém velaria por elas — Deus, um anjo da guarda, um santo, as estrelas, ou sei lá o que mais.

Hoje as pessoas não têm mais ilusões desse tipo. Bem cedo elas aprendem que espécie de mundo é este, e é raro que um adulto nunca tenha visto uma criança incauta, ou um parente sendo devorado vivo por baleias ou tubarões assassinos.

• • •

Há um milhão de anos, havia discussões apaixonadas sobre se era certo ou errado as pessoas utilizarem aparatos mecânicos para impedir um espermatozoide de fertilizar um óvulo ou retirar um óvulo fertilizado do útero — isto para impedir que o número de habitantes superasse o abastecimento de alimentos.

Hoje este problema já foi resolvido, sem que ninguém precise fazer qualquer coisa que não seja natural. As baleias e os tubarões assassinos controlam a população humana de maneira exequível e eficaz, e ninguém morre de fome.

• • •

Mary Hepburn ensinava não apenas biologia geral no Colégio Ilium, mas dava também um curso sobre a sexualidade humana. Para tanto, precisava descrever vários métodos de controle da natalidade, dos quais ela própria nunca fizera uso,

já que seu único amante em toda a vida fora seu marido, e Roy e ela sempre quiseram ter filhos.

Mary, que, a despeito dos anos de profunda intimidade sexual com Roy nunca engravidara, via-se obrigada a prevenir seus alunos e alunas sobre a facilidade com que uma mulher engravidava, mesmo com o mais efêmero, insensato e, aparentemente, inconsequente contato sexual com um homem. E, após alguns anos de ensino, muitas das histórias que contava a título de ilustração envolviam muitas alunas que conhecera pessoalmente — ali mesmo, no Colégio Ilium.

Raramente se passava um semestre no colégio sem que ao menos uma gravidez não desejada surgisse, e durante o memorável semestre da primavera de 1981, houve seis casos. Acrescente-se, também, que metade dessas crianças que davam à luz outras crianças dizia que amava de verdade os rapazes que com elas acasalaram. A outra metade, porém, jurava de pés juntos, mesmo em face às evidências para lá de contraditórias — que só poderiam ser denominadas de espantosas —, que nunca, por mais que tentassem se lembrar, haviam se envolvido com qualquer tipo de atividade que resultasse no nascimento de um bebê.

E no final desse memorável semestre da primavera de 1981, Mary dissera a uma colega: “Para certas mulheres, a gravidez e tão fácil quanto pegar um resfriado.” E, sem dúvida, ai havia uma analogia: resfriados e bebês eram ambos causados por germes que não adoravam outra coisa que não uma membrana mucosa.

• • •

Depois de dez anos na ilha de Santa Rosalia, Mary seria a primeira a descobrir como era fácil uma jovem virgem engravidar com a semente de um macho que buscava apenas satisfazer seu apetite sexual, nada mais, e que, aliás, nem ao menos gostava dela.

23

Desse modo, sem saber que ele se tornaria o pai de toda a espécie humana, entro no pensamento do capitão Adolf von Kleist, enquanto ele ia de táxi do aeroporto internacional de Guaiaquil até o *Bahía de Darwin*. Eu nem desconfiava que a humanidade se reduziria, por pura sorte, a um mínimo indispensável e, depois, também por pura sorte, encontraria condições para se expandir de novo. Eu acreditava que o caos em que estavam envolvidos os bilhões de cérebros gigantes errantes, e que se reproduziam sem parar, ia continuar por muito tempo. Não me parecia possível, então, que um simples indivíduo pudesse ter tamanha importância para um alvoroço desses não planejado.

Minha escolha de entrar na cabeça do capitão como veículo, então, foi mais ou menos como colocar uma moeda num caça-níqueis de um enorme cassino e tirar a sorte grande.

Mais que qualquer coisa, seu uniforme é que me atraiu. Ele estava usando aquele uniforme branco e dourado de almirante da reserva. Eu mesmo já havia sido soldado raso e por isso estava curioso para saber como era o mundo para alguém do alto escalão militar de destacada posição social.

E fiquei perplexo quando percebi que o cérebro gigante do capitão pensava em meteoros. Era mais ou menos isso que eu fazia, sempre, naqueles dias: entrava na mente de alguém, numa situação que me parecia interessante, e descobria que o cérebro gigante do sujeito pensava em coisas que não tinham qualquer ligação com o problema do momento.

Eis a razão do interesse do capitão pelos meteoros: ele quase nunca prestara atenção à maioria das instruções que recebera na escola naval dos Estados Unidos e, ao se graduar, fora um dos últimos colocados. Na verdade, quase fora expulso uma vez, por ter colado num exame sobre navegação astronômica, só escapando graças à interferência de seus pais, através de vias diplomáticas. Ficara, porém, bastante impressionado com uma determinada aula a respeito de meteoros. O professor dissera que as chuvas de meteoros sempre foram muito comuns ao longo das eras e seu impacto contra a Terra podia ser tão terrível a ponto de, possivelmente, terem causado a extinção de muitas formas de vida, inclusive os dinossauros. Segundo ele, os seres humanos tinham razões de sobra para esperar por novas quedas de meteoros a qualquer momento, e que seria

necessário inventar um aparelho para distinguir entre mísseis inimigos e meteoros.

Caso contrário, a fúria absolutamente destituída de sentido do espaço cósmico poderia iniciar a Terceira Guerra Mundial.

E este alerta apocalíptico repercutiu tão bem no sistema elétrico do cérebro gigante do capitão, antes mesmo de seu pai tornar-se vítima da coreia de Huntington, que, daí para a frente, ele passou a acreditar que a humanidade seria exterminada desse modo: por meteoros.

Para o capitão, esta era uma maneira mais honrosa, poética e até mais bela de o mundo acabar, do que em consequência de uma Terceira Guerra Mundial.

• • •

Quando passei a conhecer melhor o cérebro gigante do capitão, compreendi que havia uma certa lógica nisso de ele pensar em meteoros enquanto observava a população de Guaiaquil, faminta e sob lei marcial. Mesmo sem o encanto de uma chuva de meteoros, para aquele povo parecia que o mundo estava mesmo acabando.

• • •

De certa maneira, este homem já havia sido atingido por um meteoro: o assassinato da mãe pelo pai. E o sentimento de que a vida era um inútil pesadelo, com ninguém se importando com coisa alguma, era para mim, agora, bastante familiar.

Foi assim que me senti após ter matado uma avozinha no Vietnã. Ela era tão banguela e curvada quanto Mary Hepburn ao final de sua vida. Eu a matei porque ela havia acabado de matar com uma granada de mão meu melhor amigo e meu pior inimigo no pelotão.

Este episódio fez com que eu me arrependesse de estar vivo, invejar as pedras. Eu preferia ter sido uma pedra a serviço da ordem natural das coisas.

• • •

O capitão foi direto do aeroporto ao navio, sem passar pelo hotel para visitar o irmão. Bebera muito champanha no avião, desde Nova Iorque, e estava com a cabeça estourando.

E quando subiu a bordo do *Bahía de Darwin*, para mim ficou claro que suas funções de capitão, assim como as de almirante de reservas eram puramente

formais. Outras pessoas assumiriam a navegação, a parte de engenharia, manteriam a disciplina da tripulação e assim por diante, enquanto ele conversaria com os ilustres passageiros. Conhecia muito pouco do funcionamento do navio, e não achava que devia conhecer algo mais sobre ele. Seu grau de familiarização com as Ilhas Galápagos era igualmente superficial. Fizera algumas visitas cerimoniais como almirante à base naval da ilha de Baltra e ao Centro de Pesquisas Darwin, em Santa Cruz — mais uma vez, como passageiro a bordo de um navio em que era formalmente o comandante. O restante das ilhas, porém, era-lhe uma incógnita. Seria um guia muito mais eficaz nos Alpes suíços ou, digamos, nos tapetes do Casino de Monte Carlo, ou, ainda, nos estábulos do campo de polo de Palm Beach.

Mas, então — e daí? No "Cruzeiro Natural do Século" haveriam guias e conferencistas treinados no Centro de Pesquisas Darwin, todos diplomados em ciências naturais. E o capitão pretendia ouvi-los com muita atenção, para aprender algo sobre as ilhas, junto com os outros passageiros.

• • •

Acoplado ao crânio do capitão, eu tentava descobrir o que significava ser um comandante em chefe. Em vez disso, descobri o que era ser um exibicionista social. Fomos recebidos com todos os tipos de saudação militar quando subimos a rampa de acesso. Uma vez a bordo, porém, nenhum oficial ou tripulante nos pediu qualquer tipo de instrução sobre qualquer coisa, enquanto faziam os últimos preparativos para receber a Sra. Onassis e os demais.

Pelo que o capitão sabia, o navio zarparia no dia seguinte. Ninguém lhe informara nada em contrário. Por estar de volta ao Equador havia apenas uma hora, e ainda tinha o estômago cheio da boa comida de Nova Iorque, além de uma ressaca de champanha, ele ainda não se dera conta dos terríveis contratempos que ele e seu navio enfrentariam.

• • •

Existe um outro defeito humano que a lei da seleção natural ainda não solucionou: quando as pessoas de hoje estão com a barriga cheia, agem exatamente como seus ancestrais, há um milhão de anos: demoram muito para perceber qualquer tipo de problema. É então que se esquecem de ficar de olho nos tubarões e nas baleias.

E este era um defeito particularmente trágico, há um milhão de anos, pois as pessoas mais bem-informadas sobre a situação do planeta, como *Andrew

MacIntosh, por exemplo, e ricas e poderosas o suficiente para abrandar um pouco o desperdício e a destruição em andamento, estavam, por definição, bem-alimentadas.

Assim, no que dizia respeito a essas pessoas, tudo estava indo de vento em popa.

Não importava quantos computadores, instrumentos de medição, caçadores e avaliadores de notícias, bancos de dados, bibliotecas ou especialistas nisto ou naquilo estivessem à sua disposição. No fim das contas, seus estômagos, cegos e surdos, eram os juízes que decidiam qual problema era mais importante que outro, como, por exemplo, se a destruição das florestas da América do Norte ou da Europa por uma chuva ácida realmente importava ou não.

E eis o tipo de conselho que um estômago cheio dava, e ainda dá, e que o do capitão deu a ele, quando o primeiro-piloto do *Bahía de Darwin*, Hernando Cruz, lhe disse que nenhum dos guias chegara ou dera notícias, e que um terço da tripulação já havia desertado, achando melhor cuidar de suas famílias: “Seja paciente. Sorria. Tenha confiança. De qualquer modo, tudo vai dar certo.”

24

Mary Hepburn havia assistido, e gostara, da cômica apresentação do capitão no *Tonight Show*, e também de outra, no *Good Morning America*. Até então, antes de seu cérebro gigante aconselhá-la a ir para Guaiaquil, Mary achava que já o conhecia o suficiente.

O *Tonight Show* fora ao ar duas semanas após a morte de Roy, e depois desse triste acontecimento o capitão foi a primeira pessoa a fazê-la rir. Lá estava ela, na sala de estar de sua pequena casa, com as casas vizinhas vazias e à venda, ouvindo seu próprio riso daquela ridícula frota de submarinos do Equador, cuja tradição era submergir e jamais emergir.

Achara, então, que Von Kleist devia ser bem parecido com Roy, amante da natureza e das máquinas. Se assim não fosse, por que o escolheriam como capitão do *Bahía de Darwin*?

Então, para seu próprio embaraço, embora ninguém mais a pudesse ouvir, seu cérebro gigante a fez dizer em voz alta para a imagem da tela da televisão: “Por acaso o senhor não gostaria de se casar comigo?”

• • •

Mais tarde, Mary descobriria que ela conhecia pelo menos um pouco mais a respeito de máquinas do que o capitão, só por ter vivido ao lado de Roy. Após a morte de Roy, quando o cortador de grama não queria pegar, por exemplo, ela era capaz de fazê-lo voltar a funcionar trocando a vela de ignição — coisa que o capitão jamais havia feito.

E Mary conhecia muitíssimo mais sobre as ilhas. Foi ela quem identificou corretamente a ilha em que eles ficariam encalhados. O capitão, doido por encontrar migalhas de amor-próprio e autoridade, depois de seu cérebro gigante ter posto tudo a perder, declarou que se tratava da ilha de Rábida, que, sem dúvida, não era, e que, de qualquer maneira, ele nunca havia visto.

E Mary só reconheceu a ilha de Santa Rosalia por causa da predominância de uma espécie de tentilhões ali presentes. A propósito, essas pequenas aves de cor parda, que nunca despertaram o interesse dos turistas nem dos alunos de Mary, deixaram Charles Darwin tão excitado quanto as enormes tartarugas terrestres,

os mergulhões, os iguanas, ou qualquer outra criatura. Os tentilhões tinham uma semelhança bárbara entre si, mas na verdade dividiam-se em treze espécies, cada qual com sua dieta e método próprios de obter alimento.

Nenhuma delas tinha parentes próximos no continente sul-americano ou em qualquer outra parte do mundo. Seus ancestrais também poderiam ter dado ali vindos na arca de Noé ou em uma balsa natural, visto que era impossível para um tentilhão migrar sobrevoando quilômetros sobre mar aberto.

Não havia pica-paus nas ilhas, embora existisse uma espécie de tentilhão que se alimentava do que um pica-pau se alimentava. A ave não estava apta a bicar a madeira, por isso pegava um graveto ou um espinho de cacto com o biquinho grosso e com ele arrancava insetos de seus esconderijos.

Uma outra espécie de tentilhão era sanguessuga. Bicavam os longos pescoços dos distraídos mergulhões até aflorarem gotas de sangue. Então se deleitavam com essa dieta perfeita. Os humanos chamavam essa espécie de *Geospiza difficilis.*

O habitat natural desses estranhos tentilhões, seu Jardim do Éden, era a ilha de Santa Rosalia. Mary provavelmente jamais teria tomado conhecimento dessa ilha, tão afastada do resto do arquipélago e tão raramente visitada, não fosse o enxame de *Geospiza difficilis* ali encontrado. E sem dúvida não teria discorrido tanto sobre eles em suas aulas, caso os sanguessugas não fossem os únicos tentilhões aos quais seus alunos davam atenção.

Boa professora que era, Mary descrevia as aves para os alunos como “(...) os animais de estimação ideais para o Conde Drácula”. Este conde, inteiramente fictício, era muito mais importante para a maioria de seus alunos do que George Washington, por exemplo, que não passava do fundador de sua nação.

Também estavam mais bem-informados a respeito de Drácula, por isso Mary podia levar avante a brincadeira, admitindo que talvez ele não gostasse das *Geospiza difficilis,* já que ele, o “*Homo transylvaniensis*”, como Mary o chamava, dormia o dia inteiro, enquanto os *Geospiza difficilis* dormiam a noite inteira. “Portanto”, concluía ela, com ar de fingida tristeza, “o melhor animal de estimação para o Conde Drácula ainda é o membro da família dos *Desmodontidae* — que é a forma científica de se dizer ‘morcego-vampiro’.”

• • •

Ela então concluía a brincadeira, dizendo: “Se por acaso algum de vocês for a Santa Rosalia e matar um espécime de *Geospiza difficilis,* o que será preciso fazer para se certificar de que ele esteja realmente morto?” Sua resposta era:

“Têm de enterrá-lo num cruzamento, é claro, com uma pequena estaca atravessada no coração.”

• • •

O que mais chamou a atenção do jovem Charles Darwin com respeito às variadas espécies de tentilhões das Galápagos, no entanto, era o fato de elas se comportarem tão bem quanto outras espécies de aves bem mais especializadas de qualquer continente. Ele também estava preparado para acreditar, caso isso fizesse sentido, que Deus Todo-poderoso criara aqueles animais todos tal como os encontrara em sua viagem ao redor do mundo. Seu cérebro gigante, porém, não conseguia compreender por que o Criador, no caso das Ilhas Galápagos, teria atribuído tantas tarefas, próprias de aves do continente, a um simples tentilhão, quase sempre mal-adaptado para cumpri-las. Por que o Criador, se achava que a ilha devia ter uma espécie de pica-pau, não criara um pica-pau de verdade? Se achava que um vampiro era uma boa ideia, por que diabos não pôs um vampiro, em vez de um tentilhão? Um tentilhão-vampiro?

• • •

E Mary costumava expor todos esses problemas intelectuais para seus alunos, acrescentando: “Seus comentários, por favor.”

• • •

Quando desembarcou pela primeira vez na porção de terra negra na qual o *Bahía de Darwin* encalhara, Mary escorregou e caiu. Suavizou a queda de tal modo com a mão direita que raspou os nós dos dedos. Não era nada sério, concluiu, após examinar os ferimentos. Só havia alguns arranhões, de onde saíam algumas gotinhas de sangue.

Mas então um tentilhão, absolutamente destemido, pousou em sua mão. O fato não lhe causou surpresa, pois já ouvira muitas histórias de tentilhões que pousavam nas mãos e nas cabeças das pessoas, que bebiam em copos e assim por diante. Por isso, aceitando essa demonstração de boas-vindas, imobilizou a mão estendida e conversou com a ave.

— De qual das treze espécies de tentilhões você é? — perguntou.

Como se houvesse entendido a pergunta, a ave mostrou-lhe de que espécie era, sugando as gotinhas vermelhas de sangue do ferimento dos nós de seus dedos.

Então, Mary olhou de novo a ilha, sem imaginar que passaria o resto de seus dias ali, servindo milhares de refeições aos tentilhões-vampiros. Disse ao capitão, por quem já havia perdido todo o respeito:

— Acha, então, que esta é a ilha de Rábida?

— Sim — respondeu o capitão. — Tenho certeza absoluta.

— Bom, detesto ter de lhe dizer isso, depois de tudo o que passamos, mas se enganou outra vez. Esta ilha deve ser Santa Rosalia.

— Como pode ter tanta certeza disso? — perguntou o capitão.

E ela respondeu:

— Este passarinho acabou de me contar.

25

Na ilha de Manhattan, Bobby King desligou as luzes de seu escritório, no topo do edifício Chrysler, deu boa noite a sua secretária e foi para casa. Ele não aparecerá mais nesta história. Desse momento em diante, nada mais ele fez que tivesse qualquer relevância para o futuro da humanidade, até que, muitos anos depois, entrasse no túnel azul que levava ao além-túmulo.

Em Guaiaquil, no exato momento em que Bobby King chegava em casa, *Zenji Hiroguchi saía de seu quarto no Hotel El Dorado, zangado com a esposa, que estava grávida. Ela o acusara de coisas imperdoáveis sobre os motivos que ele tinha para criar Gokubi e Mandarax. Ele apertou o botão para chamar o elevador, estalou os dedos e respirou fundo.

Então veio pelo corredor a última pessoa que ele desejava ver, a causa, segundo acreditava, de todos os seus problemas: *Andrew MacIntosh.

— Oh, aí está você — disse *MacIntosh. — Eu ia procurá-lo para dizer que há um problema qualquer com os telefones. Assim que voltarem a funcionar, terei uma ótima notícia para lhe dar.

*Zenji, cujos genes ainda vivem hoje, estava tão chateado com sua esposa, e agora com *MacIntosh, que não conseguia falar. Por isso, passou a seguinte mensagem cifrada para Mandarax, que por sua vez imprimiu-a para *MacIntosh em sua diminuta tela: *Não estou com vontade de conversar agora. Estou muito aborrecido. Por favor, me deixe em paz.*

A propósito, tal como Bobby King, *MacIntosh não teria mais nenhuma influência no futuro da humanidade. Caso sua filha tivesse consentido em ser inseminada artificialmente, dez anos depois, na ilha de Santa Rosalia, a história seria bem diferente. É quase certo que ele teria gostado muito de participar das experiências de Mary Hepburn com o esperma do capitão. Se Selena fosse uma pessoa mais empreendedora, todo mundo, hoje, assim como ele, descenderia dos intrépidos guerreiros escoceses, que haviam repelido as legiões romanas invasoras muito tempo atrás. Que oportunidade perdida! Como diria Mandarax:

De todas as palavras tristes, ditas ou escritas
As mais tristes são essas: “Poderia ter sido!”

John Greenleaf Whittier (1807-1892)

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou *MacIntosh. — Farei qualquer coisa, é só dizer.

*Zenji percebeu que não conseguia nem mexer a cabeça, de tanta dor. O melhor que podia fazer era fechar os olhos, e bem fechados. Então, o elevador chegou. *Zenji pensou que sua cabeça fosse explodir, ao ver *MacIntosh entrar com ele.

— Olhe... — disse *MacIntosh, durante a descida —, sou seu amigo. Pode me dizer o que quiser. Se sou eu que o estou incomodando, pode me mandar pentear macaco que não vou ficar zangado. Também cometo erros. Sou um ser humano.

Quando chegaram ao saguão, o cérebro gigante de *Zenji deu-lhe o impraticável e quase infantil conselho de que deveria, de algum modo, fugir de *MacIntosh — de que poderia vencer esse americano atlético numa corrida.

Assim, correu direto para a porta do hotel e daí para a Calle Diez de Agosto, que se encontrava impedida, cercada por arames farpados em toda sua extensão. *MacIntosh correu atrás dele.

Os dois atravessaram tão depressa o saguão para sair que o irmão azarado da família Von Kleist, *Siegfried, que se encontrava no bar, mal teve tempo de alertá-los com um grito:

— Por favor! Por favor! Se eu fosse vocês, não iria lá fora!

Então, correu atrás dos dois.

• • •

Muitos acontecimentos que viriam a ter repercussão um milhão de anos depois estavam tendo lugar num pequeno espaço do planeta e num tempo curtíssimo. Enquanto o irmão azarado da família Von Kleist corria atrás de *MacIntosh e *Hiroguchi, o sortudo tomava um banho de chuveiro em seu camarote, na popa da ponte de comando do *Bahía de Darwin.* Não fazia nada de muito importante para o futuro da raça, a não ser sobreviver, a não ser manter-se vivo, mas seu primeiro-piloto, que se chamava Hernando Cruz, estava a ponto de levar a cabo uma ação de radical influência.

Cruz encontrava-se no convés, olhando para o único outro navio à vista, o cargueiro colombiano *San Mateo*, há muito ancorado no estuário. Cruz era um sujeito careca e atarracado, mais ou menos da idade do capitão, e havia participado de cinquenta cruzeiros às ilhas, em outros navios. Também fizera parte da tripulação reduzida que trouxera o *Bahía de Darwin* de Malmö. Supervisionara toda sua equipagem em Guaiaquil, enquanto o capitão viajava pelos Estados Unidos, fazendo publicidade. Este homem tinha armazenado, em

seu cérebro gigante, um perfeito conhecimento de todo o funcionamento do navio, desde os poderosos motores a diesel até o congelador do bar no salão principal. Além do mais, conhecia muito bem toda a tripulação, seus pontos fortes e fracos, e era muito respeitado por todos.

Este homem é que era, na verdade, o capitão do navio, aquele que realmente comandava, enquanto Adolf von Kleist, que naquele momento cantava no chuveiro, fazia charme com os passageiros na hora das refeições e dançava com cada uma das passageiras à noite.

Cruz não pensava no navio que por acaso estava olhando, o *San Mateo,* nem no enorme número de detritos vegetais acumulados em torno da linha de âncora. Aquele pequeno e enferrujado navio estava ancorado ali há tanto tempo que podia ser confundido com um recife. Percebeu, então, que um pequeno petroleiro havia atracado ao lado do *San Mateo,* abastecendo-o como uma baleia amamentaria seu filhote. Ele expelia combustível a diesel através de um tubo flexível. Isso era o leite materno para o motor do *San Mateo.*

Aconteceu que os proprietários do *San Mateo* haviam recebido enorme quantia em dólares americanos, em troca de cocaína da Colômbia, e fizeram entrar esses dólares no Equador, que foram utilizados não só na compra de combustível, mas também de mercadorias mais preciosas naqueles dias: comida, o combustível para a máquina humana. Portanto, ainda havia um certo número de negociações internacionais.

Cruz não conhecia os detalhes da corrupção que havia tornado possível a compra de provisões e de combustível para o *San Mateo*, mas tinha quase certeza de que fora através de algum tipo de corrupção. Quem tivesse dinheiro, por merecimento ou não, comprava o que quisesse. O capitão, lá no chuveiro, era uma dessas pessoas. Cruz, não. Tudo o que este, com muito esforço, conseguira economizar na vida, em sucres, valia agora menos que lixo.

Invejava a alegria que a tripulação do *San Mateo* estava sentindo, agora que poderiam voltar para casa. Desde a aurora daquele dia, Cruz pensava seriamente em voltar para casa. Sua mulher estava grávida e mais onze filhos moravam numa linda casa perto do aeroporto, e estavam apavorados. Sem dúvida, precisavam dele. Mas, ainda assim, abandonar um navio pelo qual se sentia responsável, não importava o motivo, lhe parecia uma forma de suicídio, uma obliteração de tudo aquilo que era admirável em seu caráter e reputação.

Agora, porém, resolvera mesmo sair à francesa do *Bahía de Darwin.* Bateu de leve com as mãos espalmadas na amurada e disse, baixinho, em espanhol: “Boa sorte, minha princesa sueca. Sonharei com você”.

Seu caso era muito parecido com o de Jesús Ortiz, que desligara todos os telefones do El Dorado. Seu cérebro gigante vinha escondendo de sua alma o

fato de que chegara a hora de se tornar antissocial.

• • •

Por isso coube a Adolf von Kleist, embora ele não conhecesse absolutamente nada sobre navegação, as Ilhas Galápagos, ou como operar um navio daquelas proporções, toda a responsabilidade sobre o cruzeiro.

A combinação entre a incompetência do capitão e a decisão de Hernando Cruz de ficar ao lado de sua família — embora, na época, fosse motivo de chacota — acabou se tornando um acontecimento de incalculável valor para a humanidade atual. Isso basta como chacota. Isso basta como possível motivo de drama.

• • •

Se o “Cruzeiro Natural do Século” tivesse se realizado conforme os planos, a distribuição de tarefas entre o capitão e seu primeiro-piloto teria sido típica daquela que havia nas muitas organizações existentes no mundo, há um milhão de anos — o suposto líder se especializaria nas bobagens sociais e o braço direito arcaria com a responsabilidade de entender como é que as coisas funcionavam e o que realmente estava acontecendo.

As nações mais organizadas conheciam, em geral, essa espécie de dobradinha simbiótica entre seus dirigentes. E quando penso nos erros suicidas que essas nações costumavam cometer naqueles velhos tempos, percebo que elas procuravam tocar adiante com um Adolf von Kleist no topo, mas sem um Hernando Cruz. Tarde demais, os sobreviventes dessas nações se arrastariam entre as ruínas de sua própria criação e perceberiam que, enquanto durou a agonia imposta a si mesmos, não havia ninguém no topo que realmente soubesse como as coisas funcionavam, do que se tratava, do que estava acontecendo.

26

O Von Kleist de sorte, genitor de todas as pessoas vivas hoje, era alto, magro e com um nariz tão comprido quanto o bico de uma águia. Tinha uma cabeça grande coberta de cabelos encaracolados que um dia foram louros, mas que agora eram brancos. Assumira o comando do *Bahía de Darwin* com a condição de que seu primeiro-piloto cuidaria de tudo, pelo mesmo motivo por que fora dada a *Siegfried a gerência do hotel: seus tios, em Quito, queriam alguém da família para zelar pelos famosos passageiros e suas valiosas propriedades.

O capitão e seu irmão possuíam belas residências nas alturas brumosas e frias de Quito, as quais jamais tornariam a ver. Tinham herdado também considerável riqueza da mãe assassinada e dos avós, tanto paternos quanto maternos. Quase nada em sucres sem valor. Quase toda depositada no Chase Manhattan Bank, na cidade de Nova Iorque, era, por isso, em dólares americanos e ienes japoneses.

Dançando lá no boxe do chuveiro, o capitão achava que não tinha muito com que se preocupar, mesmo com todos os problemas em Guaiaquil. Não importava o que acontecesse, Hernando Cruz saberia o que fazer.

Seu cérebro gigante sugeriu o que lhe pareceu uma boa ideia, e que transmitiria a Cruz assim que se enxugasse. Se a tripulação estivesse mesmo a ponto de desertar, pensou, Cruz poderia lembrar-lhes que o *Bahía de Darwin* era tecnicamente um navio de guerra. Ou seja, qualquer desertor estaria sujeito a severas punições, segundo o regulamento da Marinha.

Tratava-se de uma lei dura, mas o navio de fato fazia parte da Marinha equatoriana. O próprio capitão, na qualidade de almirante, aceitara-o como parte da frota quando ele chegara de Malmö, no verão. O convés não era atapetado e orifícios no aço exposto serviriam para a instalação de eventuais metralhadoras, lançadores de foguete e suportes para cargas de profundidade, caso houvesse uma guerra.

Desse modo, o navio se transformaria num transportador de tropas blindado, com, segundo as palavras do capitão no *Tonight Show*, "(...) dez garrafas de Dom Pérignon e um bidê para cada centena de homens alistados".

• • •

O capitão teve outras ideias no chuveiro, mas todas sugeridas por Hernando Cruz. Por exemplo: se o cruzeiro fosse cancelado, o que parecia quase certo, então Cruz o ancoraria em algum lugar do pântano, longe de saqueadores. Cruz não via por que o capitão participaria de uma viagem como essa.

Se estourasse uma guerra, e não havia nenhum lugar bastante seguro para o navio próximo à cidade, então Cruz o levaria até a ilha de Baltra, em Galápagos. E, novamente, Cruz não via por que o capitão deveria ir junto.

Ou, caso as celebridades vindas de Nova Iorque, por mais incrível que pudesse parecer, chegassem mesmo na manhã seguinte, aí, sim, seria vital a presença do capitão a bordo, para recebê-las e acalmá-las. Enquanto esperassem por elas, Cruz deixaria o *Bahía de Darwin* ancorado ao largo, como o cargueiro colombiano *San Mateo.* Só levaria o navio de volta ao porto quando as celebridades estivessem lá, prontas para embarcar. Ele então as levaria para a segurança do mar aberto o mais rápido possível, e, dependendo das notícias, poderia até mesmo levá-las no prometido cruzeiro pelas ilhas.

Mais provável ainda: ele desembarcaria os passageiros em algum outro porto, mais seguro que Guaiaquil, mas, sem dúvida, não do Peru, Chile ou Colômbia, o que significava toda a costa oeste da América do Sul. Os cidadãos desses países se encontravam quase tão desesperados quanto os equatorianos.

O Panamá era uma possibilidade.

Se necessário, Hernando Cruz pretendia levar as celebridades até San Diego. Havia combustível e alimento mais que suficientes no navio para empreender viagem tão longa. E, no caminho, as celebridades poderiam telefonar para seus parentes e amigos, avisando-lhes que, por piores que fossem as informações sobre aquela parte do mundo, eles estavam curtindo um grande barato, como sempre.

• • •

Um plano de emergência que o capitão não considerou enquanto estava no chuveiro, era ele mesmo assumir o comando do navio, ajudado apenas por Mary Hepburn — e, então, encalhá-lo nas imediações de Santa Rosalia, que viria a se tornar o berço de toda a espécie humana.

• • •

Eis uma citação bastante conhecida por Mandarax:

Uma pequena negligência pode provocar grande dano... por falta de uma tacha, perdeu-se uma bota; por causa de uma bota, perdeu-se um cavalo; por causa de um cavalo, perdeu-se o cavaleiro.

Benjamin Franklin (1706-1790)

É, mas uma pequena negligência pode, de vez em quando, conduzir a felizes acasos. Por falta de um Hernando Cruz a bordo do *Bahía de Darwin*, salvou-se a humanidade. Cruz jamais teria encalhado o navio em Santa Rosalia.

E agora Hernando Cruz afastava-se do porto dirigindo seu Cadillac El Dorado, com o porta-malas cheio de acepipes pertencentes ao "Cruzeiro Natural do Século". Roubara toda aquela comida para sua família ao amanhecer do dia, antes que as tropas e a multidão esfomeada aparecessem.

Seu carro, que ele comprara através de suborno, com dinheiro da equipagem e das provisões do *Bahía de Darwin*, tinha o mesmo nome do hotel — o mesmo nome da lendária cidade perdida, cheia de ouro, que seus ancestrais espanhóis sempre procuraram mas nunca encontraram. Seus ancestrais costumavam torturar índios — para fazê-los confessar onde ficava El Dorado.

É difícil imaginar, hoje em dia, uma pessoa torturando outra. Como seria possível capturar alguém para torturar apenas com nadadeiras e a boca? Como pensar em organizar uma caçada humana, quando hoje as pessoas podem nadar tão depressa e se manter embaixo d'água por tanto tempo? A pessoa caçada não só seria muito parecida com todo mundo, como poderia se esconder em qualquer profundidade, em praticamente qualquer lugar.

• • •

Quanto ao futuro da humanidade, Hernando Cruz dera sua contribuição.

Logo, a Força Aérea Peruana também daria a sua, mas não até às 18h daquela noite, depois de *Andrew MacIntosh e *Zenji Hiroguchi estarem mortos — hora em que o Peru declararia guerra ao Equador. O Peru ficara insolvente quatorze dias mais que o Equador, por isso a fome imperava por lá. Soldados voltavam para casa levando consigo suas armas. Somente a pequena Força Aérea Peruana era ainda confiável, e a junta militar a mantinha assim distribuindo a seus membros o melhor da comida disponível.

Um fator que tornava a Força Aérea uma unidade tão bem montada era seu equipamento avançado, comprado a prestações e entregue antes da insolvência. Havia oito caças-bombardeiros franceses, todos equipados com mísseis americanos terra-ar controlados por um computador japonês, que podia disparálos sobre um alvo apenas captando sinais de radar ou ondas de calor, dependendo

das instruções do piloto. Este, por sua vez, recebia instruções de outros computadores, instalados em terra firme e em sua cabine. A ogiva de cada míssil carregava um novo tipo de explosivo israelense, capaz de causar um quinto da devastação da primeira bomba atômica lançada pelos Estados Unidos sobre a mãe de Hisako Hiroguchi, durante a Segunda Guerra Mundial.

Este novo explosivo era considerado uma dádiva dos cientistas militares portadores de cérebros gigantes. Uma vez que ele matava gente de forma convencional, ou seja, não atômica, todos o louvavam como estadistas humanitários. E, visto que aparentemente não se usavam dispositivos nucleares, ninguém dava o nome correto àquela matança que vinha se propagando desde o fim da Segunda Guerra Mundial, que, sem dúvida, seria a “Terceira Guerra Mundial”.

• • •

A junta peruana deu o seguinte motivo oficial para iniciar a guerra: as Ilhas Galápagos pertenciam, por direito, ao Peru, e agora o Peru ia tomá-las de volta.

• • •

Hoje em dia, ninguém tem inteligência suficiente para fabricar as armas que há um milhão de anos até mesmo as nações mais pobres possuíam. Sim, e elas eram usadas a torto e a direito. Durante toda a minha vida não havia um único dia em que, em algum lugar do planeta, não houvesse pelo menos três guerras em curso.

E a lei da seleção natural ficava impotente frente a toda aquela tecnologia. Nenhuma fêmea de qualquer espécie conhecida — a não ser, talvez, um rinoceronte — podia almejar dar à luz um bebê que fosse à prova de fogo, de bombas ou de balas.

No meu tempo, o melhor que a lei da seleção natural podia fazer era criar alguém que não tivesse medo de nada, mesmo que houvesse razão para isso. Conheci pessoas assim no Vietnã — aceitando-se que tais pessoas pudessem vir a ser conhecidas. *Andrew MacIntosh era uma delas.

27

Selena MacIntosh nunca saberia, com certeza, que seu pai estava morto, até que se reuniu a ele, no final do túnel azul que levava ao além-túmulo. Tudo o que sabia, com certeza, era que ele havia saído de seu quarto no El Dorado e trocado algumas palavras com *Zenji Hiroguchi no corredor. Então, os dois desceram juntos no elevador. Depois disso, nunca mais teria notícias sobre eles.

Aliás, eis a história de sua cegueira: Contraíra *retinitis pigmentosa,* doença causada por um gene defeituoso. Herdara-a da mãe, que enxergava muito bem e sempre escondera do marido a certeza de que carregava consigo aquele gene.

Esta era outra doença com a qual Mandarax estava familiarizado, pois era uma das mais sérias entre as mil que afetavam o *Homo sapiens.* Quando Mary lhe perguntara a respeito da cegueira de Selena, em Santa Rosalia, Mandarax lhe dissera que era muito séria, por ser de nascença. Geralmente, a *retinitis pigmentosa,* dissera Mandarax, filho de Gokubi, deixava suas vítimas enxergarem até mais ou menos 30 anos de idade.

Mandarax confirmou também o que a própria Selena contara a Mary: que, se viesse a ter um filho, haveria cinquenta por cento de probabilidade de ele ser cego. E se fosse uma filha, cega ou não, que crescesse e tivesse, por sua vez, filhos, também haveria cinquenta por cento de probabilidade de eles também serem cegos.

• • •

É impressionante o fato de que dois defeitos hereditários relativamente raros, *retinitis pigmentosa* e coreia de Huntington, preocupassem os primeiros colonos humanos de Santa Rosalia, já que só havia dez deles.

Como eu já disse, por sorte o capitão não era portador. Selena, no entanto, era. Mesmo que ela tivesse reproduzido, ainda acho que a humanidade de hoje estaria a salvo da *retinitis pigmentosa* — graças à lei da seleção natural, às baleias e aos tubarões.

• • •

A propósito, eis como seu pai e *Zenji Hiroguchi morreram, enquanto Selena e a cadela Kazakh ouviam o barulho da multidão lá fora: Ambos foram alvejados na cabeça, pelas costas; por isso nunca souberam quem os alvejou. E o soldado autor dos disparos é outra pessoa que deve ser mencionada como alguém que fez uma coisa cujos efeitos ainda se fazem sentir até hoje, um milhão de anos depois. Não falo dos disparos. Falo do fato de ele ter arrombado a porta dos fundos de uma loja de souvenirs em frente o El Dorado.

Se ele não tivesse invadido aquela loja, certamente hoje não haveria nenhum ser humano sobre a face da Terra. Verdade. Todo ser vivo hoje deve dar graças a Deus por esse soldado raso ser demente.

Seu nome era Geraldo Delgado, e ele havia desertado de sua unidade, levando consigo sua caixa de primeiros socorros, seu cantil, seu facão, um fuzil automático, duas granadas de mão, vários pentes de munição, etc. Tinha apenas 18 anos e era um paranoico esquizofrênico. Ninguém, jamais, devia ter-lhe confiado esse material bélico.

Seu cérebro gigante vivia lhe dizendo mentiras — que era o maior dançarino do mundo, que era filho de Frank Sinatra, que pessoas invejosas de sua habilidade queriam destruir suas células cerebrais usando pequenos radinhos de pilha, e coisas assim.

Delgado, que como todo mundo, estava morrendo de inanição em Guaiaquil, achava que seu maior problema eram inimigos com radinhos de pilha. E quando arrombou a porta daquilo que era, claramente, uma extinta loja de souvenirs, para ele não era uma loja de souvenirs. Para ele era o centro de operações do Balé Folclórico Equatoriano. Agora, sim, ele aproveitaria aquela chance para provar que era mesmo o maior dançarino do mundo.

• • •

Ainda hoje existe um bocado de alucinados, gente que reage violentamente a todo tipo de coisas que, na verdade, nem estão acontecendo. Isto pode ter sido herança dos Kanka-bonos. Pessoas deste tipo, porém, não podem mais pegar numa arma, e é mais fácil fugir delas. Mesmo que encontrem uma granada, uma metralhadora, um facão ou qualquer outra arma típica daqueles velhos tempos, como poderiam fazer uso delas com apenas suas nadadeiras e suas bocas?

• • •

Quando eu era criança, em Cohoes, uma vez minha mãe me levou no circo em Albany, embora a gente não pudesse pagar o ingresso e meu pai não gostasse de

circo. Lá, havia focas treinadas e leões-marinhos que equilibravam bolas em seus focinhos, tocavam corneta e batiam palmas com suas nadadeiras, e assim por diante.

Mas jamais conseguiram carregar ou armar uma metralhadora, ou puxar o pino de uma granada e jogá-la a certa distância com exatidão.

• • •

Como um sujeito doido como o Delgado foi parar no Exército? Assim: ele parecia dar para a coisa, e agia como se desse para a coisa ao conversar com os oficiais, assim como aconteceu comigo quando me alistei na Marinha dos Estados Unidos. Delgado havia sido admitido no verão anterior, mais ou menos na época em que Roy Hepburn morrera, para servir durante pouco tempo e, especificamente, numa tarefa associada com o "Cruzeiro Natural do Século". Sua unidade fora destacada para se exibir diante da Sra. Onassis e o resto das celebridades. Usariam rifles de assalto, capacetes de aço e tudo o mais, mas, certamente, não munição de verdade.

E Delgado era um excelente marchador e polidor de botões de metal e engraxador de sapatos. O Equador, porém, estava convulsionado pela crise econômica, e, portanto, a munição de verdade foi distribuída à tropa.

Delgado era o exemplo típico de evolução acelerada, mas naquela época todo soldado era. Quando saí do campo de treinamento de recrutas da Marinha, e fui enviado ao Vietnã com munição de verdade, eu não parecia nem um pouquinho com o animal imprestável que era na vida civil. E fiz coisas bem piores que o Delgado.

• • •

Bom: a loja que Delgado arrombou localizava-se em uma quadra cheia de estabelecimentos que davam de frente para o El Dorado. Para os soldados que havia colocado o arame farpado ao redor do hotel, estas lojas faziam parte da barreira. Por isso, quando Delgado arrombou a porta daquela, e depois, abrindo um pouquinho a porta da frente, olhou para fora, acabara de abrir um buraco na barreira, por onde alguém poderia passar. Essa brecha seria sua contribuição para o futuro da humanidade, pois gente muito importante passaria por ela, dali a pouco tempo, e alcançaria o hotel.

• • •

Quando olhou para fora, pela fresta da porta, Delgado avistou imediatamente dois de seus inimigos. Um deles carregava um radinho de pilha, que destruiria seu cérebro — como ele pensava. Aquilo não era um radinho de pilha. Era Mandarax, e os dois supostos inimigos eram *Andrew MacIntosh e *Zenji Hiroguchi. Ambos caminhavam rapidamente dentro da barreira, como podiam fazer, pois eram hóspedes do hotel, hóspedes do hotel.

*Hiroguchi ainda fervia de raiva e *MacIntosh troçava dele, por levar a vida tão a sério. Passaram pela loja em que Delgado movia-se furtivamente. Então, Delgado surgiu pela porta da frente e fuzilou os dois, acreditando que o fazia em defesa própria.

Portanto, não preciso mais pôr asteriscos na frente dos nomes de Zenji Hiroguchi e Andrew MacIntosh. Eu só vinha fazendo isso para lembrar aos leitores que eles eram os dois dos seis hóspedes do El Dorado que estariam mortos antes do pôr do sol.

Ambos estavam mortos, agora, e o sol estava se pondo, num mundo onde tantas pessoas acreditavam, há um milhão de anos, que só os mais aptos sobreviviam.

• • •

Delgado, o sobrevivente, desapareceu de novo dentro da loja, e dirigiu-se para a porta dos fundos, onde esperava encontrar mais inimigos para eliminar.

Mas havia apenas seis criancinhas pardas e mendigas — todas do sexo feminino. Quando aquele apavorante demente militar saltou para cima das meninas com seu equipamento assassino, todas estavam extremamente famintas e por demais resignadas com a morte para fugir. Em vez disso, abriram suas boquinhas — e rolaram seus olhinhos castanhos, deram tapinhas no estômago e apontaram para suas goelas, mostrando o quanto estavam famintas.

Naquela época, crianças faziam isso em todas as partes do mundo, não apenas naquele beco do Equador.

Então, Delgado seguiu em frente, e nunca foi capturado, punido, hospitalizado, ou o que fosse. Era apenas mais um soldado numa cidade fervilhando de soldados, onde ninguém vira direito seu rosto, o qual, coberto por aquele capacete de aço, não era nem um pouco diferente do rosto de qualquer pessoa. Grande sobrevivente que era, ele viria a estuprar uma mulher no dia seguinte, tornando-se pai de uma das últimas dez milhões de crianças, aproximadamente, a nascerem no continente da América do Sul.

• • •

Quando Delgado foi embora, as seis menininhas entraram na loja, procurando comida ou qualquer outra coisa que pudessem trocar por ela. Eram órfãs da floresta tropical do Equador, além das montanhas a leste — de muito, muito longe. Seus pais haviam sido mortos por inseticidas lançados de aviões, e fora um piloto de táxi aéreo que as trouxera para Guaiaquil, onde se tornaram crianças abandonadas.

Essas crianças eram, predominantemente, índias, mas tinham ascendência negra, também — escravos africanos que haviam fugido para as florestas, muito tempo atrás.

Eram Kanka-bonos. Cresceriam num mundo de mulheres, em Santa Rosalia, onde, junto com Hisako Hiroguchi, viriam a se tornar as mães de toda a humanidade moderna.

• • •

Antes de chegarem a Santa Rosalia, porém, tinham primeiro que chegar ao hotel. E os soldados e as barricadas certamente as teriam impedido, caso o pracinha Geraldo Delgado não lhes tivesse aberto caminho naquela loja.

28

Essas crianças se tornariam seis Evas para o capitão Von Kleist, o Adão de Santa Rosalia, e não estariam em Guaiaquil se não fosse por um jovem piloto de táxi aéreo equatoriano chamado Eduardo Ximénez. De fato, no verão passado, um dia depois do funeral de Roy Hepburn, Ximénez pilotava seu hidroavião de quatro passageiros por sobre as florestas tropicais, próximo ao afluente do rio Tiputini, que desaguava no Oceano Atlântico e não no Pacífico. Acabara de desembarcar um antropólogo francês e seu equipamento de sobrevivência bem próximo à fronteira com o Peru, onde o francês pretendia iniciar uma busca aos esquivos Kanka-bonos.

Depois disso, Ximénez dirigiu-se para Guaiaquil, quinhentos quilômetros à frente, do outro lado de duas enormes cadeias de montanhas. Lá, apanharia dois milionários desportistas argentinos e os levaria à ilha de Baltra, onde ambos haviam alugado um barco de pesca e sua tripulação. Não iam atrás de qualquer tipo de peixe, não. Esperavam pescar grandes tubarões brancos, as mesmas criaturas que, três anos mais tarde, engoliriam Mary Hepburn, o capitão Von Kleist e Mandarax.

• • •

De lá de cima, Ximénez viu a seguinte palavra, impressa em letras garrafais na lama à margem do rio: *SOS*. Aterrissou na água e deixou o hidroavião deslizar até a margem como um pato.

Foi recebido por um padre católico irlandês de 80 anos, chamado Bernard Fitzgerald, que vivera com os Kanka-bonos por meio século. Trazia com ele as seis menininhas, últimas remanescentes dos Kanka-bonos. Foram elas que escreveram o SOS na lama.

O padre Fitzgerald, aliás, tinha um bisavô em comum com John F. Kennedy, o primeiro marido da Sra. Onassis e 35º presidente dos Estados Unidos. Se tivesse se acasalado com uma índia — coisa que nunca fez —, a humanidade de hoje poderia se orgulhar de carregar sangue azul irlandês — embora hoje ninguém se orgulhe de ser coisa alguma.

Após apenas nove meses de vida, mais ou menos, as pessoas esquecem até quem foram suas mães.

• • •

As crianças estavam praticando canto coral com o padre Fitzgerald quando o resto da tribo foi atingida pelo pesticida. Algumas das vítimas ainda estavam agonizando, por isso o padre as assistiria. Ele queria, porém, que Ximénez levasse as meninas para algum lugar onde alguém pudesse cuidar delas.

Portanto, em apenas cinco horas aquelas meninas saíram da Idade da Pedra para entrar direto na Era da Eletrônica, dos lagos de água doce das florestas para os pântanos salobres de Guaiaquil. Só conheciam o dialeto kanka-bono, que apenas seus pais agonizantes na floresta e, viria a se descobrir, um sujeito velho e sujo em Guaiaquil entendiam.

Ximénez era natural de Quito e não conhecia ninguém em Guaiaquil com quem pudesse deixar as crianças. Ele próprio alugara um quarto no Hotel El Dorado, o mesmo que, mais tarde, seria ocupado por Selena MacIntosh e sua cadela Kazakh. Seguindo o conselho da polícia, Ximénez levou-as para um orfanato que ficava junto à catedral, na parte baixa da cidade, onde as freiras aceitaram-nas com alegria. Ainda havia bastante comida para todo mundo.

Depois disso, Ximénez foi para o hotel e contou sua aventura ao barman de lá, Jesús Ortiz, o mesmo homem que posteriormente desligaria todos os telefones do hotel.

• • •

Assim, Ximénez era um aviador que teve muito a ver com o futuro da humanidade. E outro aviador que também teve foi um americano chamado Paul W. Tibbets. Tibbets jogara uma bomba atômica bem na cabeça da mãe de Hisako Hiroguchi, durante a Segunda Guerra Mundial. Provavelmente as pessoas seriam peludas como são de qualquer maneira, mesmo que ele não tivesse jogado a bomba. Mas sem dúvida elas ficaram peludas mais rápido por causa dele.

• • •

O orfanato publicou um anúncio solicitando qualquer pessoa que entendesse o dialeto kanka-bono para servir de intérprete. Apareceu um velho, bêbado, sujo e ladrão, um homem branco que, por incrível que pudesse parecer, era o avô da mais fraca das meninas. Quando jovem, ele fora para as florestas tropicais à cata

de minerais preciosos e, por três anos, vivera com os Kanka-bonos. Quando o padre Fitzgerald chegou da Irlanda, este velho fora uma das pessoas a recebê-lo na tribo.

Seu nome era Domingo Quezeda, descendente de ótima família. Seu pai fora decano do Departamento de Filosofia da Universidade Central, em Quito. Se se importassem com isso, hoje os humanos podiam gabar-se de descender de uma longa linhagem aristocrática de intelectuais da Espanha.

• • •

Quando eu era garotinho, em Cohoes, e não via nada na linhagem de minha família de que pudesse me orgulhar, minha mãe me contou que eu tinha sangue de nobres franceses correndo nas veias. Provavelmente eu ainda estaria por lá em algum suntuoso castelo, disse-me ela, se não fosse a Revolução Francesa. Isso por parte da família dela. De certa forma, também por parte dela, eu tinha um longínquo parentesco com Carter Braxton, um dos que assinaram a Declaração de Independência. Eu devia andar empertigado, dizia ela, por causa do sangue que corria em minhas veias.

Achei aquilo muito bom. Por isso, fui perturbar o trabalho de meu pai à máquina de escrever para lhe perguntar qual era minha ascendência, da parte dele. Naquela época, eu não sabia o que era um esperma, e então durante anos fiquei sem entender a resposta que ele me deu. “Meu garoto”, dissera ele, “você descende de uma longa linhagem de determinados, resolutos e microscópicos girinos — cada um deles, um campeão.”

• • •

O velho Quezeda, cheirando mal como um campo de batalha, disse às meninas que só deviam confiar nele, coisa que, para elas, era fácil de acreditar, já que ele era o avô de uma delas e a única pessoa que entendia o que falavam. Só podiam acreditar em tudo o que ele dissesse. Não tinham como ser céticas, pois o novo ambiente em que se encontravam nada apresentava de comum com as florestas tropicais. Todas acreditavam em muitas verdades, as quais estavam prontas a defender, teimosa e orgulhosamente, mas nenhuma delas se ajustava a nada que tivessem visto, pelo menos até agora, em Guaiaquil, exceto uma, uma tradicional crença fatal nas áreas urbanas, há um milhão de anos: parentes nunca lhes fariam mal. Na verdade, Quezeda queria mesmo era expô-las a um perigo terrível, transformando-as em mendigas e ladras, e, tão logo fosse possível, prostitutas.

Faria isso para saciar a sede que seu cérebro gigante tinha de álcool e amor-próprio. Finalmente, ele seria um homem rico e importante.

Levou as crianças para passear pela cidade, mostrando-lhes, pelo que sabiam as freiras, parques, catedrais, museus e assim por diante. Mas estava mesmo lhes ensinando o que deviam odiar mais nos turistas, onde encontrá-los, como enganá-los e os lugares mais prováveis onde escondiam seus valores. Ensinou-lhes também a avistar um policial, antes de serem avistadas por ele, e a memorizar os melhores esconderijos do centro da cidade, caso algum inimigo tentasse pegá-las.

• • •

A primeira semana das crianças em Guaiaquil foi de aprendizagem. Então, de repente, o vovô Domingo Quezeda e as meninas, pelo que sabiam as freiras e a polícia, desapareceram completamente. Aquele velho e vil ancestral de toda a humanidade levara-as para um abrigo à beira-mar — um casebre que, por acaso, pertencia a um dos dois navios com os quais o *Bahía de Darwin* deveria competir. Estava vazio porque o turismo declinara até o ponto de acabarem as viagens.

Pelo menos as meninas tinham umas às outras. E, durante seus primeiros anos em Santa Rosalia, até que Mary Hepburn lhes desse bebês para cuidar, era a esse fato que mais eram gratas: pelo menos tinham umas às outras — e sua própria língua, suas próprias crenças, suas próprias brincadeiras, canções e assim por diante.

E isso deixariam para suas crianças, em Santa Rosalia, quando, uma por uma, entraram no túnel para o além-túmulo: a satisfação de, pelo menos, terem umas às outras, a língua dos Kanka-bonos, a religião dos Kanka-bonos, as brincadeiras e as canções dos Kanka-bonos.

• • •

Durante os velhos dias terríveis passados em Guaiaquil, o velho Quezeda lhes ofereceu o próprio corpo fedorento para que experimentassem, tal como lhes ensinara, apesar de sua pouca idade, as habilidades e atitudes fundamentais das prostitutas.

Sem dúvida, precisavam de alguém que as salvasse, muito antes da crise econômica. Sim, e através de uma das empoeiradas janelas do velho casebre, que servia como horripilante escola, podiam ver a popa do *Bahía de Darwin* lá fora. Mal sabiam elas que aquele belo navio branco logo seria sua arca de Noé.

• • •

As meninas finalmente fugiram do velho. Passaram a viver nas ruas, mendigando e roubando. Mas, por motivos alheios à sua compreensão, os turistas estavam cada vez mais raros e, por fim, parecia não haver mais comida em parte alguma. Agora estavam realmente famintas, e se aproximavam de qualquer pessoa, abrindo suas boquinhas, girando os olhinhos nas órbitas e apontando para suas pequenas gargantas, para fazê-las entender que não comiam há muito tempo.

E ao anoitecer de um certo dia foram atraídas pelos barulhos da multidão em volta do El Dorado. Descobriram que a porta dos fundos de uma das lojas estava aberta, e por ela saiu Geraldo Delgado, após ter assassinado Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi. Então entraram na loja e saíram pela porta da frente. Como estavam dentro da barreira armada pelos soldados, ninguém as impediu de entrar no El Dorado, onde vieram a cair nas graças de James Wait, que estava no salão do bar.

29

Mary Hepburn, neste ínterim, suicidava-se no quarto, deitada na cama, com o protetor de polietileno de seu “vestido Jack” enrolado no pescoço. No interior do envoltório já havia se formado uma camada de vapor e Mary, alucinada, via-se como uma enorme tartaruga, deitada de costas no úmido e abafado porão de um antigo navio. Em vão, feria o ar com suas patas, exatamente como uma tartaruga deitada de costas o faria.

Como sempre dizia a seus alunos, os navios que cruzavam o Pacífico passavam pelas Ilhas Galápagos, onde capturavam indefesas tartarugas, que podiam viver meses deitadas de costas, sem comer, nem beber. Eram tão lerdas, mansas, grandes e gordas! Os marujos as capturavam sem medo de serem mordidos. Em seguida, arrastavam-nas para os botes nas praias, usando os inúteis cascos dos animais como trenós.

Empilhavam-nas de costas no escuro e não lhes davam mais a mínima atenção até a hora de serem comidas. Para os marujos, a única beleza nas tartarugas era o fato de representarem carne fresca, que não precisava ser conservada em geladeira nem imediatamente devorada.

• • •

Em Ilium, a cada semestre letivo, Mary podia contar o número de alunos que se zangavam com o fato de os marujos tratarem tão mal esses animais tão inofensivos. Mary tinha então a oportunidade de lhes dizer que a ordem natural das coisas fora mesmo cruel para com elas, mesmo muito antes de o homem surgir na face da Terra.

Antigamente, informava ela, havia milhões delas, arrastando-se onde houvesse um pedaço de terra com clima temperado.

Mas então determinada espécie de pequeninos animais evoluíram para roedores. Esses animais achavam com facilidade os ovos das tartarugas e os comiam — todos os ovos.

Em consequência, em pouco tempo isso significou o fim para aquelas tartarugas, salvo para as que se encontravam em ilhas remotas, longe dos roedores.

• • •

Havia algo de profético em Mary se imaginar uma tartaruga enquanto estava sufocando, já que algo muito semelhante como que ocorrera à maioria das tartarugas há tanto tempo estava agora começando a acontecer com boa parte da humanidade.

Alguma nova criatura, invisível a olho nu, comia todos os óvulos nos ovários humanos, começando na Feira Anual do Livro de Frankfurt, na Alemanha. As mulheres que visitavam a feira experimentavam uma débil febre, que vinha, ficava por um dia ou dois e ia embora, e às vezes tinham a visão embaçada. Após esses sintomas, ficariam como Mary Hepburn: Não poderiam mais ter filhos. Nunca encontrariam a cura para esta doença. Ela se espalharia por praticamente todos os lugares.

A quase total extinção das poderosas tartarugas pelos pequenos roedores era, sem dúvida, uma história tipo Davi e Golias. Agora começava uma outra.

• • •

Sim, e Mary chegou bem perto da morte, a ponto de ver o túnel azul que levava ao além-túmulo. Nesse ponto, porém, rebelou-se contra seu cérebro gigante, que a fizera ir tão longe. Arrancou fora o protetor de plástico e, em vez de morrer, desceu ao térreo, onde encontrou James Wait dando amendoins, azeitonas, cerejas ao marasquino e salgadinhos de cebola, que pegava atrás do balcão do bar, às seis meninas Kanka-bono.

Esta cena de canhestra caridade ficaria gravada em seu cérebro para o resto da vida. Mary acreditaria sempre que Wait era um ser humano altruísta, compassivo e amável. Wait estava a ponto de sofrer um ataque cardíaco fatal e, portanto, nada mais poderia fazê-la mudar sua opinião a respeito deste sujeito admirável.

Acima de qualquer coisa, este homem era um assassino.

Seu assassinato foi assim:

Wait era prostituto homossexual na ilha de Manhattan, e um plutocrata vaidoso aproximou-se dele num bar, perguntando-lhe se sabia que a etiqueta do preço ainda estava presa no bolso de sua camisa de veludo azul nova. E este homem tinha sangue real nas veias! Era o príncipe Richard da Croácia-Eslavônia, descendente direto de Jaime, rei da Inglaterra, do imperador Frederico III, da Alemanha, do imperador Francisco José, da Áustria, e do rei Luís XV, da França. Possuía uma loja de antiguidades na Madison Avenue e não

era homossexual. Queria que o jovem Wait o estrangulasse com o cinto de seda do roupão e o afrouxasse quando ele estivesse bem próximo da morte.

O príncipe Richard tinha mulher e dois filhos, que gozavam férias esquiando na Suíça, e sua mulher ainda era bastante jovem para ovular, por isso Wait pôde muito bem ter impedido o nascimento de outro portador de genes nobres.

Havia este outro detalhe, também: se não tivesse sido assassinado, o príncipe Richard e a esposa teriam sido convidados por Bobby King a tomar parte no "Cruzeiro Natural do Século".

• • •

Sua viúva viria a se tornar uma bem-sucedida desenhista de gravatas, intitulando-se "Princesa Charlotte", embora fosse mulher do povo, filha de um telhador de Staten Island, absolutamente sem pedigree para receber aquele título ou mesmo usar o escudo de armas do marido. No entanto, ela usava o brasão em cada gravata que desenhava.

O finado Andrew MacIntosh comprara várias gravatas da princesa Charlotte.

• • •

Wait amarrou os braços e as pernas daquele suíno de sangue azul, e sem queixo, e deitou-o de costas na cama de baldaquino, que, segundo o príncipe, pertencera a Eleonora, do Palatinado de Neuburg, mãe do rei José I, da Hungria. Amarrou-o às colunas com cordas de náilon já cortadas no tamanho certo. Essas cordas estavam guardadas num baú secreto, escondido sob o debrum ao pé da cama. Era um baú velho, que antes guardara os segredos da vida sexual de Eleonora, do Palatinado de Neuburg.

— Me amarre bem forte — dissera o príncipe ao jovem Wait — para que eu não possa fugir. Mas não impeça a circulação sanguínea. Detestaria uma gangrena.

Seu cérebro gigante o obrigava a fazer isso, pelo menos uma vez por mês nos últimos três anos: contratar estranhos para amarrá-lo e estrangulá-lo só um pouquinho. Que maneira de sobreviver!

• • •

O príncipe Richard da Croácia-Eslavônia, possivelmente observado pelos espectros de seus antepassados, instruiu o jovem Wait a estrangulá-lo até que ele perdesse a consciência. Para isso, Wait, a quem o príncipe conhecia apenas como

“Jimmy”, devia contar devagar até vinte, da seguinte maneira: “Mil e um, mil e dois”..., e assim por diante.

Possivelmente observado pelo rei James, da Inglaterra, o imperador Frederico, o imperador Francisco José e o rei Luís, o príncipe, um dos aspirantes ao trono da Iugoslávia, alertou a “Jimmy” para não tocar em nenhuma parte de seu corpo ou de sua roupa, somente no cinto em torno do pescoço. Explicou que experimentaria um orgasmo, mas que “Jimmy” não deveria tentar intensificá-lo com a boca ou com as mãos.

— Não sou homossexual — disse — e contratei-o como uma espécie de criado — não como prostituto.

— Pode ser difícil para você acreditar nisso, Jimmy — ele continuou —, se leva o tipo de vida que eu acho que leva, mas para mim esta é uma experiência espiritual; portanto, vamos mantê-la no plano da espiritualidade. Senão, nada dos cem dólares de gorjeta. Entendido? Sou um homem incomum.

• • •

O príncipe não revelou isso a Wait, mas seu cérebro gigante exibia-lhe um tremendo de um filme enquanto estava inconsciente. Mostrou-lhe uma extremidade de uma espécie de tubo azul, de mais ou menos cinco metros de diâmetro, grande o suficiente para deixar passar um caminhão e iluminado por dentro como o funil de um furacão. Mas não rugia como um tornado. Em vez disso, dali saía uma música celestial, como se tocada por uma harmônica de vidro, vinda da outra extremidade, que parecia se encontrar a mais ou menos cinquenta metros. Dependendo dos movimentos do tubo, o príncipe vislumbrava na abertura da outra extremidade um ponto dourado e vestígios de intensa vegetação.

Este tubo, é claro, era o túnel que levava ao além-túmulo.

• • •

Em seguida Wait colocou uma pequena bola de borracha na boca desse candidato a libertador do povo iugoslavo, conforme lhe fora ordenado, e o amordaçou com um pedaço de fita adesiva que estava guardada numa das colunas da cama.

Então estrangulou o príncipe, impedindo o suprimento de sangue para seu cérebro e de ar para os pulmões. Em vez de contar devagar até vinte, depois que o príncipe perdeu a consciência, teve um orgasmo e vislumbrou o túnel, contou, bem devagar, até trezentos. Isso durou cinco minutos.

Fora ideia do cérebro gigante de Wait. Não era uma coisa que ele, particularmente, quisesse fazer.

• • •

Se tivesse sido levado a julgamento pelo assassínio ou carnificina, ou fosse lá como o governo chamasse aquilo, provavelmente teria se livrado sob alegação de insanidade temporária. Diria que seu cérebro gigante simplesmente não estava funcionando bem naquele momento. Aliás, não havia uma única pessoa viva no planeta, há um milhão de anos, que não soubesse o que era isso.

Desculpas por momentâneas falhas do cérebro eram o tema principal de todas as conversas: “Opa”, “Desculpe”, “Espero não tê-lo machucado”, “Não posso acreditar que tenha feito isso”, “Aconteceu tão depressa que nem tive tempo de pensar”, “Tenho seguro contra este tipo de acidentes”, “Como poderei me perdoar por isso”, “Eu não sabia que estava carregado”, e assim por diante.

• • •

Havia gotas de esperma em profusão no lençol de seda do príncipe, repleto de girinos reais correndo para parte alguma, enquanto Wait saía do luxuoso triplex, em Sutton Place. Não roubou nada, nem deixou qualquer impressão digital. O porteiro do edifício, que o vira entrar e sair, nada pôde dizer à polícia quanto ao seu aspecto, salvo que ele era jovem, branco, magro e que usava uma camisa de veludo azul com a etiqueta do preço ainda colada no bolso direito.

E havia algo de profético também naqueles milhões de girinos reais no lençol de seda, sem nenhum destino. À exceção das Ilhas Galápagos, no que dizia respeito ao esperma humano, o mundo inteiro estava prestes a ficar como aquele lençol de seda.

Atrevo-me a acrescentar: “Na hora H?”

30

Passarei a colocar um asterisco na frente do nome de *James Wait, indicando que, após *Siegfried von Kleist, ele será o próximo a morrer. *Siegfried entraria no túnel azul primeiro, dali a uma hora e meia, mais ou menos, e *Wait o seguiria dali a, aproximadamente, quatorze horas, depois de se casar com Mary Hepburn no convés superior do *Bahía de Darwin*, quando o navio estava em alto-mar.

• • •

Disse Mandarax, muito tempo atrás:

Tudo está bem quando termina bem.

John Heywood (14977-1580?)

E na vida de *James Wait as coisas sempre se passaram dessa maneira mesmo. Viera a este mundo como filho do diabo, talvez, já que era fruto de um incesto e começara a apanhar quase que logo depois. Mas ali estava ele, tão próximo do fim, surpreso com a alegria de alimentar as meninas Kanka-bono. Elas estavam imensamente agradecidas e, para ele, fazer aquilo era muito fácil, pois o bar estava abastecido de lanches, guarnições e condimentos. Simplesmente nunca se lhe apresentara antes a oportunidade de ser caridoso. Mas ali estava ela agora, e *Wait estava adorando. Para essas crianças, *Wait era a própria vida personificada.

Então aparecera a viúva Hepburn, justamente como a tarde inteira ele esperava que ela o fizesse. E nem ao menos foi preciso ganhar sua confiança. Ela gostara dele no momento mesmo que o vira alimentando as crianças, e lhe disse isso, pois havia visto muitas crianças famintas na tarde anterior, quando ia do Aeroporto Internacional de Guaiaquil ao hotel.

— Oh, o senhor é bom, o senhor é mesmo muito bom!

Parecia-lhe então, e Mary jamais acreditaria em outra coisa, que aquele homem havia visto as crianças lá fora e as convidara a entrar, para alimentá-las.

— Por que não consigo ser como o senhor? — continuou Mary. — Lá estava eu, no meu quarto, sem fazer nada a não ser sentir pena de mim mesma, quando deveria estar aqui embaixo, como o senhor... dividindo tudo o que temos com estas crianças. Sinto-me tão envergonhada... mas, meu cérebro não tem trabalhado muito bem ultimamente, sabe? Existem momentos em que eu poderia acabar com ele.

Conversou, então, com as crianças em inglês, uma língua que elas jamais entenderiam.

— Está gostoso? — perguntou. E: — Onde estão suas mamães e papais? — e assim por diante.

As criancinhas jamais aprenderiam inglês, já que, desde o início, kanka-bono seria a língua primordial da maioria das pessoas em Santa Rosalia. Dali a um século e meio seria a língua oficial da maioria da humanidade. Quarenta e dois anos depois disso kanka-bono seria a única língua da humanidade.

• • •

Não havia urgência em Mary arranjar coisas melhores para as crianças comerem. Uma dieta de amendoins e laranjas, das quais havia bastante no bar, era ideal. As crianças cuspiam fora tudo aquilo de que não gostavam — cerejas, azeitonas e cebolas. Não precisavam de ajuda para comer.

Então Mary e *Wait estavam liberados para somente observar, conversar e se conhecerem melhor.

*Wait lhe disse que achava que as pessoas haviam sido colocadas na face da Terra para ajudarem-se umas às outras, e que era este o motivo pelo qual dava de comer às crianças. Disse também que as achava o futuro do mundo e, portanto, a maior riqueza natural do planeta.

— Permita que me apresente — disse *Wait. — Sou Willard Flemming, de Moose Jaw, Saskatchewan.

Mary lhe disse quem e o que era, professora e viúva.

*Wait disse então que admirava muitíssimo os professores, que eles haviam sido muito importantes para ele, quando jovem.

— Se não fosse pelos meus professores no secundário, eu jamais teria ingressado no MIT. Talvez nem tivesse entrado na universidade... talvez fosse mecânico de automóveis, como papai.

— Bom, e o que você é? — perguntou Mary.

— Menos que nada, desde que minha mulher morreu de câncer — respondeu ele.

— Oh! — fez ela. — Sinto muito.

— Bom... não é culpa sua, certo? — acrescentou ele.

— Não, não é — concordou Mary.

— Antes disso — continuou ele —, eu era engenheiro de cataventos. Sabe, eu tinha essa ideia maluca de que havia muita energia livre e pura por aí. Não é uma ideia maluca?

— É uma bela ideia. Meu marido e eu sempre conversávamos sobre isso.

— As companhias de energia elétrica me odiavam — continuou ele. — E também os barões do petróleo, do carvão e da energia nuclear.

— Acredito que sim — disse Mary.

— Bem, eles podem parar de se preocupar comigo, agora. Encerrei meu negócio desde que minha esposa morreu, e desde então venho vagando pelo mundo. Nem sei o que estou procurando. Aliás, duvido que ainda haja alguma coisa boa para se encontrar. Só tenho certeza de uma coisa: nunca mais vou amar ninguém.

— Ora, você tem tanto para dar ao mundo — disse Mary.

— Se eu vier a amar novamente — afirmou *Wait —, não será a uma pessoa estúpida e cabeça de vento, como tantos homens parecem querer hoje em dia. Não poderia suportar alguém assim.

— Não pensaria assim — comentou ela.

— Acho que fui muito mimado — disse ele.

— Espero que o tenha sido merecidamente — disse ela.

— E eu me pergunto: “Para que serve o dinheiro, agora?” — tornou ele. — Tenho certeza de que seu marido era tão bom para você quanto minha esposa era para mim.

— Ele era realmente um homem muito bom — concordou Mary. — Um homem verdadeiramente maravilhoso.

— Então você deve estar se perguntando também de que serve o dinheiro para uma pessoa sozinha, não está? Suponha, por exemplo, que você tivesse um milhão de dólares...

— Oh, céus — exclamou Mary. — Não tenho nada disso, não.

— Tudo bem... cem mil dólares, então...

— Ai, é provável — disse Mary.

— Não passa de lixo agora, certo? Que felicidade pode lhe trazer?

— Bom, pode trazer um pouco de conforto material — disse Mary.

— Imagino que tenha uma casa bonita.

— Bem bonita.

— Mercedes, aposto...

— Jeep.

— É, provavelmente, possui ações, assim como eu.

— É, a companhia de Roy tinha um plano de ações — concordou Mary.

— Oh, claro. E um plano de seguros e um de aposentadoria... e tudo o mais com que a classe média sonha.

— Ambos trabalhávamos — disse Mary. — Ambos contribuíamos.

— Eu jamais me casaria com uma mulher que não trabalhasse — disse *Wait. — Minha mulher trabalhava na Companhia Telefônica. Depois de sua morte, os benefícios, somados, até que eram bastante. Mas só me faziam chorar. Só me lembrava de quão vazia minha vida se tornara. E sua caixinha de joias, com todos os anéis e brincos e colares que eu lhe dera, tanto tempo atrás, sem ter filhas para herdá-la.

— Nós também não tínhamos filhos — disse Mary.

— Parece que temos muitas coisas em comum. Para quem vai deixar suas joias?

— Oh... não tenho muitas — disse Mary. — Acho que a única com algum valor é o colar de pérolas que a mãe de Roy deixou para mim. Tem um diamante incrustado. Uso tão pouco minhas joias, que quase me esqueci desse colar de pérolas.

— Espero que estejam no seguro — comentou *Wait.

31

Como as pessoas falavam e falavam, naqueles tempos! Todo mundo entrava num blablablá toda hora. Algumas falavam até durante o sono! Meu pai falava um bocado, enquanto dormia — principalmente depois que mamãe se mandou. Eu dormia no sofá, e bem no meio da madrugada, não tinha mais ninguém em casa além de nós, aí eu ouvia a voz do velho, blablablá, lá no quarto. Ele ficava quieto um tempo, e então lá vinha de novo, blablablá.

E às vezes, quando eu estava na Marinha, ou mais tarde, na Suécia, alguém me acordava no meio da noite e me pedia para parar de falar durante o sono. E eu não me lembrava de nada que dissera. Tinha sempre que perguntar o que eu havia falado. E para mim a resposta era sempre uma novidade. E o que mais podia ser todo aquele blablablá, tanto diurno quanto noturno, se não o expelir de substâncias inúteis vindas de nossos estupidamente grandes cérebros?

Eles nunca calavam a boca! Tivessem ou não o que dizer, matraqueavam o tempo todo! E sempre falavam alto! Oh, Deus, como eles gritavam!

Quando eu ainda estava vivo, existiam esses rádios e toca-fitas portáteis que um ou outro jovem americano carregava para onde quer que fosse, ouvindo música a um volume capaz de cobrir o estrondo de uma tempestade. Eram chamados “dinamitadores de gueto”. Não bastava, há um milhão de anos, que já tivéssemos dinamitadores de gueto dentro de nossas próprias cabeças!

• • •

Mesmo agora, passados tantos anos, ainda fico ressentido com uma ordem natural que permitia a desmesurada evolução de uma coisa tão irrelevante, perturbadora e destrutiva como aqueles cérebros gigantes de um milhão de anos atrás. Se nos dissessem a verdade, eu até poderia entender por que cada pessoa tem um. Mas aquelas coisas mentiam o tempo todo! Vejam só como *James Wait mentia descaradamente para Mary Hepburn!

E naquele momento *Siegfried von Kleist voltava ao bar, após presenciar o assassínio de Zenji Hiroguchi e Andrew MacIntosh. Se seu cérebro gigante fosse uma máquina de revelar a verdade, poderia ter dado a Mary e a *Wait informações muito úteis, caso quisessem sobreviver. Por exemplo, poderia lhes

ter dito que já se encontrava à beira de uma pane mental, que dois hóspedes do hotel haviam acabado de ser assassinados, que a multidão na rua não poderia ser contida por muito tempo mais, que o hotel não tinha meios de se comunicar com o exterior, et cetera, et cetera.

Mas não! Manteve o sangue frio, pelo menos exteriormente. Não queria que os quatro hóspedes restantes entrassem em pânico. Por isso, eles jamais viriam a saber o que acontecera a Zenji Hiroguchi e Andrew MacIntosh. Inclusive, jamais ouviriam a notícia, que seria divulgada pelo rádio dali a uma hora, de que o Peru declarara guerra ao Equador. Nem eles, nem o capitão. Quando os mísseis peruanos atingiram seus alvos na área de Guaiaquil, todos acreditaram no capitão, pois este lhes disse o que seu cérebro gigante honestamente acreditava ser verdadeiro, mas não que sentisse qualquer compulsão de dizer a verdade: que estavam sendo atingidos por uma chuva de meteoros.

E uma vez que em Santa Rosalia não haveria ninguém bastante curioso para procurar saber por que seus ancestrais haviam vindo parar ali — e este tipo de curiosidade só desapareceria dali a uns trezentos mil anos —, a história ficou sendo a seguinte: O navio fora desviado de sua rota por uma chuva de meteoros.

Citou Mandarax:

Feliz é a nação que não tem história.

Cesare Bonesana, Marchese di Beccaria (1738-1794)

Assim, num tom de voz perfeitamente calmo, *Siegfried, o irmão do capitão, disse a *Wait para subir e pedir a Selena MacIntosh e Hisako Hiroguchi que descessem e os ajudassem com suas bagagens.

— Cuidado para não deixá-las alarmadas — lembrou. — Faça-as crer que tudo está dentro dos conformes. Só por precaução, vou levá-los para o aeroporto.

A propósito, o Aeroporto Internacional de Guaiaquil seria o primeiro alvo a ser destruído pelos mísseis peruanos.

*Siegfried entregou Mandarax a *Wait, para que este pudesse se comunicar com Hisako. Apanhara o computador, que caíra ao lado do corpo de Zenji. Ambos os corpos foram escondidos — dentro da loja de souvenirs arrombada. O próprio *Siegfried os cobrira com cobertores estampados, que ostentavam uma reprodução do retrato de Charles Darwin pendurado na parede do hotel.

• • •

Então *Siegfried von Kleist escoltou Mary Hepburn e Hisako Hiroguchi, mais Selena MacIntosh, *James Wait e *Kazakh até um ônibus alegremente decorado,

estacionado em frente ao hotel. Este ônibus levaria músicos e dançarinos até o aeroporto — para receber as celebridades de Nova Iorque. As seis meninas Kanka-bono vieram junto, e eu coloquei um asterisco diante do nome da cadela porque, logo, logo, ela seria morta e comida por elas. Aquela era uma péssima ocasião para ser cão.

Selena queria saber onde estava seu pai e Hisako queria saber onde estava seu marido. *Siegfried lhes disse que ambos haviam seguido na frente. Seu plano era, de alguma maneira, colocá-los dentro de um avião — comercial, cargueiro ou militar — que os levasse com segurança para fora do Equador. A verdade sobre o que acontecera a Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi seria a última coisa que ouviriam de sua boca, antes de o avião partir — quando, então, poderiam sobreviver, embora abatidas pelo desgosto.

A pedido de Mary, *Siegfried concordou em levar com eles as seis meninas Kanka-bono. Não conseguia entender o que elas falavam, nem com a ajuda de Mandarax. O máximo que o computador podia fazer, era identificar uma palavra dentre vinte, relacionada com o quíchua, a “língua franca” do império Inca. Mandarax pensou poder identificar também um pouco de árabe, a língua do tráfico de escravos tanto tempo atrás.

Aliás, há uma ideia dos cérebros gigantes sobre a qual não ouço falar ultimamente: escravidão humana. Também, como manter alguém no cativeiro apenas com a nadadeira e a boca?

32

Assim que todos se acomodaram no ônibus em frente ao El Dorado, chegaram notícias, através dos radinhos da multidão, de que o “Cruzeiro Natural do Século” fora cancelado. Para a multidão, e também para os soldados, que afinal não passavam de civis vestidos de soldados, aquilo significava que a comida armazenada no hotel agora pertencia a todo mundo. E acreditem em quem anda pelo mundo há um milhão de anos: no final das contas, a comida é tudo que importa.

Citou Mandarax:

Primeiro, a alimentação; depois, a moral.

Bertolt Brecht (1898-1956)

Então a multidão avançou em direção às portas do hotel, cercando por um momento o ônibus, embora o ônibus e seus passageiros não interessassem aos saqueadores de comida. Batiam no veículo, porém, e gritavam — agoniados por perceberem que outras pessoas já estavam dentro do hotel e que a comida não daria para todos.

Sem dúvida, estar dentro daquele ônibus, naquela hora, era algo assustador. A multidão poderia tombá-lo. Podia pegar fogo. Podiam atirar pedras e estilhaçar os vidros. Os sobreviventes só tinham o corredor do ônibus para ficar. Hisako Hiroguchi realizou então seu primeiro contato íntimo com Selena MacIntosh, instruindo-a com as mãos e com palavras japonesas murmuradas, para que se ajoelhasse no corredor, de cabeça para baixo. Ajoelhou-se também, ao lado dela e de *Kazakh, abraçando-a.

Quão carinhosamente Hisako e Selena viriam a se tratar durante os anos seguinte! Que bela e doce criança viriam a criar juntas! Como eu as admirava!

• • •

Sim, e *James Wait viu-se, mais uma vez, dando uma de protetor das crianças. Estava protegendo com o próprio corpo as apavoradas meninas Kanka-bono, no corredor. Queria mesmo era salvar apenas sua pele, se pudesse, mas Mary

Hepburn agarrara ambas as suas mãos e o puxara de encontro a ela, formando uma barreira viva. Se os vidros viessem a ser espatifados, os estilhaços atingiriam a eles, não as crianças.

Citou Mandarax:

> *O homem não pode oferecer maior prova de amor que essa: dispor da vida por seus amigos.*
>
> São João (4 a.C.?-30?)

Foi durante o tempo em que *Wait esteve nesta posição que seu coração começou a falhar — quer dizer, suas fibras começaram a se contrair de maneira descoordenada, atrapalhando o bombeamento de sangue no sistema circulatório. De novo o problema da hereditariedade. *Wait não sabia, mas seu pai e sua mãe, que também eram pai e filha, haviam morrido de ataque cardíaco ao entrarem na casa dos quarenta anos.

Foi um grande golpe de sorte para a humanidade que *Wait não vivesse bastante para participar do jogo de acasalamento em Santa Rosalia. É bem possível, porém, que não fizesse nenhuma diferença o fato de as pessoas herdarem a deficiência cardíaca dele. De qualquer maneira, ninguém viveria tanto tempo para o coração falhar. Hoje, qualquer sujeito que alcance a idade de *Wait será considerado um verdadeiro Matusalém.

• • •

Enquanto isso, no cais, outra multidão, outro órgão fibrilado do sistema social do Equador, depredava e roubava o *Bahía de Darwin.* Não roubavam apenas alimentos, mas também telefones, radares, sonares, rádios, lâmpadas, compassos, papel higiênico, tapetes, sabonetes, pratos, panelas, mesas, mapas, colchões, armários, motores de popa, botes infláveis, etc. Essa massa de sobreviventes tentou roubar até a corrente que baixava e levantava a âncora, mas só conseguiram danificá-la de maneira irrecuperável.

Pelo menos deixaram os botes salva-vidas — sem, é claro, os suprimentos de emergência neles armazenados.

E o capitão von Kleist, temendo por sua vida, subiu correndo para o cesto de gávea, apenas de cuecas.

• • •

A multidão em frente ao El Dorado passou pelo ônibus como um furacão — deixando-o intacto e livre para ir aonde quisesse. Havia poucas pessoas por ali, exceto alguém caído no chão, aqui e ali, ferido ou morto durante a correria.

Então, *Siegfried von Kleist, reprimindo heroicamente os espasmos e ignorando as alucinações sintomáticas dos últimos estágios da coreia de Huntington, sentou-se ao volante. Achou melhor que os dez passageiros permanecessem no corredor, onde estavam — invisíveis do lado de fora, e acalmando-se uns aos outros com o calor de seus corpos.

Deu a partida e notou que o tanque estava cheio. Ligou o ar condicionado. Anunciou em inglês, a única língua que tinha em comum com a maioria dos passageiros, que iria esfriar muito ali dentro, num minuto ou dois. Uma promessa que ele podia manter.

Lá fora começara a escurecer, por isso ligou as luzes de ré.

• • •

Foi mais ou menos naquela hora que o Peru declarou guerra ao Equador. Dois caças peruanos já sobrevoavam os céus equatorianos, um deles captando os sinais vindos do Aeroporto Internacional de Guaiaquil, o outro, os da base naval da ilha de Baltra, onde se encontravam um barco de treinamento, seis barcos da guarda-costeira, dois rebocadores, um submarino patrulheiro, um dique seco, e, encalhado no dique seco, um destróier. O destróier era o maior navio da marinha equatoriana, excetuando um — o *Bahía de Darwin.*

Citou Mandarax:

> *Era a melhor das épocas, era a pior das épocas; era a idade da razão, era a idade da loucura; era a época da crença, era a época da incredulidade; era a estação da luz, era a estação das trevas; era a primavera da esperança, era o inverno do desespero; tínhamos tudo à frente de nós, não tínhamos nada à nossa frente; íamos, todos, diretos para o céu, íamos, todos, diretos para a direção oposta a ele.*
>
> Charles Dickens (1812-1870)

33

Às vezes me pergunto no que a humanidade teria se tornado se os primeiros colonos de Santa Rosalia fossem os passageiros originais daquela lista e a tripulação e os oficiais do "Cruzeiro Natural do Século" — o capitão Von Kleist, sem dúvida, e Hisako Hiroguchi; Selena MacIntosh e Mary Hepburn; e, em vez das crianças Kanka-bono, os marujos e oficiais do navio; Jacqueline Onassis, o Dr. Henry Kissinger, Rudolf Nureyev, Mick Jagger, Paloma Picasso, Walter Cronkite, Bobby King, Robert Pépin, "o maior cozinheiro-chefe da França", e, é claro, Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi, e assim por diante.

A ilha bem poderia suportar tal número de indivíduos — muito mal, diga-se, mas poderia. Haveria algumas disputas e brigas corporais, eu acho — inclusive alguns assassínios, quando começasse a faltar água e alimento. Imagino também que alguns deles pensariam que a Natureza, ou algo que o valha, ficaria muito feliz com sua vitória. A sobrevivência de todas essas pessoas, porém, não teria nenhum significado para a evolução se eles não se reproduzissem. E a maioria das mulheres na lista original de passageiros há havia passado da idade da fertilidade, e portanto nem valeria a pena brigar por elas.

De fato, durante os primeiros treze anos em Santa Rosalia, as únicas mulheres férteis seriam Selena MacIntosh, que era cega, e Hisako Hiroguchi, que já dera à luz um bebê todo coberto de pelos e outros três normais. E, provavelmente, as duas teriam sido engravidadas pelos vitoriosos, mesmo contra sua vontade. Bem, no final das contas, acho que não faria muita diferença qual dos machos as engravidaria, Mick Jagger ou o Dr. Henry Kissinger, o capitão ou um camareiro qualquer. A humanidade ainda seria bastante semelhante ao que é hoje.

No final das contas, os sobreviventes ainda seriam não os melhores lutadores, mas os melhores pescadores. Assim é que funcionam as coisas aqui nas ilhas.

• • •

Havia uma espécie de lagostas do Maine que também quase chegaram a ter seu potencial de sobrevivência testado pelas Ilhas Galápagos. Antes de o *Bahía de*

Darwin ser saqueado, havia duzentas delas em tanques de água salgada gaseificados.

Sem dúvida, as águas em torno de Santa Rosalia eram frias o suficiente para elas sobreviverem, mas talvez muito profundas. De qualquer maneira, uma coisa elas tinham em comum com os humanos: comiam qualquer coisa, se fosse preciso.

E o capitão Von Kleist, quando se tornou um homem muito, muito velho, lembrou-se daquelas lagostas nos tanques. Quanto mais velho ficava, mais vívidas se tornavam suas lembranças de acontecimentos passados. E numa noite, depois do jantar, ele entreteve Akiko, a filha peluda de Hisako Hiroguchi, com uma história de ficção científica na qual as lagostas do Maine conseguiram chegar às ilhas e um milhão de anos se passaram, como de fato passaram agora, e na qual as lagostas se tornaram a espécie dominante no planeta, construindo cidades, teatros, hospitais, transportes públicos e tudo o mais. Havia lagostas violinistas, investigadoras, microcirurgiães, sócias de clubes *privés* e tudo o mais.

A moral da história era que as lagostas faziam exatamente o que os seres humanos tinham feito, ou seja, uma tremenda confusão. Todas sonhavam em ser apenas lagostas comuns, principalmente porque não havia por ali mais nenhum ser humano que quisesse cozinhá-las vivas.

Esta era a principal reclamação delas: não serem cozidas vivas. Agora, só porque um dia acharam de não querer mais ser cozidas vivas, tinham que aturar orquestras sinfônicas e esse tipo de coisas. O personagem central da história do capitão era um trompetista mal pago da Orquestra Sinfônica da Vila das Lagostas, e que vira sua esposa ser arrebatada por uma lagosta macho jogadora profissional de hóquei sobre o gelo.

• • •

Quando criou esta história, o capitão nem imaginava que o resto da humanidade estava à beira da extinção e que outras espécies viventes, se quisessem, poderiam se tornar a espécie dominante. O capitão jamais saberia disso, nem ninguém mais em Santa Rosalia. E eu só estou falando da dominância por parte de numerosas formas de vida sobre outras numerosas formas de vida. Para falar a verdade, os organismos vitoriosos do planeta sempre foram os microscópicos. Em todos os duelos tipo Davi e Golias, alguma vez Golias venceu?

Aos olhos das grandes criaturas, portanto, aquelas que realmente lutavam para se impor sobre as demais, lagostas eram fraquíssimas candidatas a se tornarem tão elaboradamente construtivas e destrutivas quanto a humanidade. Se

o capitão tivesse inventado essa fábula mordaz usando polvos em vez de lagostas, talvez ela não soasse tão ridícula. Naqueles tempos, como agora, os polvos possuíam cérebros altamente desenvolvidos, cuja função principal era controlar todos os seus versáteis tentáculos. A situação deles, afinal, não era muito diferente da dos humanos, que também tinham seus membros para controlar. Presumivelmente, os cérebros dos polvos eram capazes de fazer muitas outras coisas, com seus tentáculos e cérebros, além de pescar.

Mas ainda estou para ver um polvo, ou qualquer outro animal, quanto a isso, que não se contente em gastar seu tempo de vida na Terra procurando alimento. Por isso, dificilmente poderiam vir a ser páreo para a ilimitada ambição e avidez dos humanos.

• • •

Quanto à possibilidade de os humanos voltarem, começando a usar ferramentas, construir casas, tocar instrumentos musicais e assim por diante: teriam de fazer isso com a boca, desta vez. Em lugar dos braços desenvolveram-se nadadeiras, em que os antigos ossos da mão estão quase que inteiramente aprisionados e imobilizados. Cada nadadeira é guarnecida com cinco espécies de talos puramente ornamentais, que atraem os membros do sexo oposto na hora de se acasalarem. Esses talos são, na verdade, tudo o que resta do polegar e dos outros dedos. Além disso, a parte do cérebro das pessoas que controlava os movimentos das mãos já não existe mais. Hoje, o crânio humano tem um formato muito mais aerodinâmico. Quanto mais aerodinâmico o crânio, maior o sucesso do pescador.

• • •

Se as pessoas podem nadar hoje tão rápido e a tão longas distâncias, tal como as focas, o que as impede de voltar aos continentes, de onde vieram seus ancestrais? Resposta: Nada.

Muitos já tentaram, outros tentarão em períodos de escassez ou superpopulação. Mas a bactéria devoradora de ovos humanos estará sempre lá para lhes dar as boas-vindas.

Basta quanto à exploração.

Por aqui é tudo tão calmo; por que alguém quereria viver no continente? Todas as ilhas se transformaram em locais ideais para criar crianças, com coqueiros e extensas praias brancas — e límpidos lagos azuis.

E todas as pessoas hoje são bastante inocentes e tranquilas, tudo porque a evolução as privou das mãos.

Citou Mandarax:

Em tarefas de labuta ou habilidade,
Eu me ocuparia também;
Porque Satã encontra sempre alguma diabrura
Para mãos ociosas perpetrarem.

Isaac Watts (1674-1748)

34

Havia um piloto peruano, há um milhão de anos, um jovem tenente-coronel, que levara seu avião até os limites da estratosfera. Seu nome era Guillermo Reyes e ele conseguiu sobreviver àquela altitude porque sua roupa e seu capacete estavam cheios de atmosfera artificial. As pessoas costumavam ser maravilhosas naquele tempo, transformando sonhos impossíveis em realidade.

Uma vez, o coronel Reyes discutiu com um aviador colega seu sobre se havia ou não coisa melhor no mundo do que relações sexuais. Neste momento ele fazia um contato de rádio com o mesmo sujeito que, por sua vez, estava na base aérea do Peru, e acabara de lhe comunicar que o Peru estava oficialmente em guerra com o Equador.

O coronel Reyes já havia ativado o cérebro do tremendo míssil autopropulsionado que levava na parte inferior do avião. Imediatamente a bomba se apaixonou pelas emanações que começara a receber, vindas do radar do Aeroporto Internacional de Guaiaquil, um legítimo alvo militar, pois o Equador guardava lá dez de seus aviões de combate. Este curioso amante de radares na parte inferior do avião do coronel era mais ou menos parecido com as grandes tartarugas terrestres das Ilhas Galápagos: Tudo de que precisava estava armazenado no interior de seu invólucro.

Então o coronel recebeu ordens de bombardear o aeroporto.

E ele soltou a bomba.

Seu colega, lá na base aérea, perguntou-lhe como estava se sentindo em dar liberdade àquela arma devastadora. Reyes respondeu que, finalmente, havia encontrado algo mais excitante que relações sexuais.

• • •

E os sentimentos do jovem coronel, no momento em que liberou o foguete-bomba, tinham mesmo que ser transcendentais, tinham de ser os produtos típicos daquele cérebro gigante dele, já que no momento em que a bomba partiu para consumar seu ato amoroso o avião não sofreu o mais leve desequilíbrio, não se desviou da rota, não subiu nem desceu bruscamente. Continuou seu curso

exatamente como antes, pois o piloto automático compensara, imediatamente, a súbita perda de peso.

Os efeitos visíveis do disparo, para Reyes, foram os seguintes: como estava muito alto, quase na estratosfera, o foguete não deixou rastro de fumaça atrás de si, e sua descarga foi nítida, de modo que primeiro a silhueta dele lhe pareceu uma vara, que logo se transformou numa pequena mancha no espaço; depois, num pontinho quase imperceptível e depois em nada. Desapareceu tão depressa que se podia jurar que nem estivera ali.

E assim foi.

O único resíduo deixado pelo míssil na estratosfera ficou no cérebro gigante do coronel ou em lugar algum. Ele estava feliz. Sentia-se humilde. Espantado. Esgotado.

• • •

Reyes não era tão louco para pensar que o que acabara de fazer era semelhante a uma relação sexual. Um computador, sobre o qual ele não exercia controle algum, uma vez ligado, determinou o momento exato do lançamento e dera instruções aos controles sem a ajuda do coronel. De qualquer maneira, ele não conhecia muito bem o funcionamento de todo aquele aparato. Isto era coisa para especialistas. Na guerra, como no amor, ele era apenas um aventureiro, otimista e feliz.

O lançamento do míssil, na verdade, era virtualmente idêntico ao papel dos machos no processo da reprodução.

Era só isso que o coronel podia fazer: entregar a mercadoria na hora certa.

E aquela vara, que se tornara uma mancha, que se tornara um pontinho, que se tornara nada, era agora responsabilidade de outras pessoas. Toda a ação, dali para a frente, se daria na região onde se encontrava o alvo.

Reyes cumprira sua parte. Sentia-se, agora, agradavelmente sonolento — satisfeito e orgulhoso.

• • •

Receio agora não poder dar continuidade à minha narrativa, pois alguns de seus personagens são genuinamente insanos. Isto pode dar a impressão que todo mundo, há um milhão de anos, era insano. Não é verdade. Repito: não é verdade.

Naqueles tempos, quase todo mundo tinha a cabeça no lugar, e tenho a maior alegria de situar Reyes nessa categoria. O problema, repito, não era a insanidade.

O problema era que os cérebros das pessoas eram grandes e mentirosos demais para serem práticos.

• • •

Nenhum ser humano podia tomar para si as glórias pelo fato daquele foguete cumprir tão bem sua tarefa. Ele era o produto coletivo de todas as pessoas que haviam posto seus cérebros gigantes para trabalhar, pensando em como fariam para capturar e condensar toda a violência difusa de que a Natureza era capaz para, assim, armazenada em invólucros relativamente pequenos, lançá-la sobre seus inimigos.

Eu mesmo já tivera experiências muito pessoais com sonhos desse tipo que se tornaram realidade no Vietnã — ou seja, com morteiros, granadas de mão e artilharia. A Natureza jamais poderia concentrar em espaços tão pequenos toda aquela destruição potencial sem a ajuda dos humanos.

Já contei a história da velhinha que matei por ela ter atirado uma granada. Eu poderia falar sobre muitas outras, mas nenhuma explosão que tenha visto, ou ouvido, lá no Vietnã, se comparava àquela causada pelo foguete-bomba peruano, quando ele colocou seu nariz, a parte do seu corpo rica em terminações nervosas, na área de recepção do radar do Aeroporto Internacional Equatoriano.

• • •

Hoje em dia, ninguém mais se interessa por esculturas. Quem poderia segurar um cinzel ou um maçarico de soldar com as nadadeiras ou a boca?

Se houvesse um monumento aqui nas ilhas, porém, para comemorar um importante acontecimento do passado, o melhor seria este: o momento de fusão, pouco antes da explosão, entre o míssil e o receptor do radar.

E na base de lava, a seus pés, se poderia gravar estas palavras, expressando os sentimentos de todos os que tiveram alguma coisa a ver com o desenho, a fabricação, a venda, a compra e, finalmente, o lançamento daquele foguete, e de todos os que faziam da indústria de explosivos um ramo da indústria de diversões:

> *... Eis uma consumação*
> *Ardentemente desejada.*
>
> William Shakespeare (1564-1616)

35

Vinte minutos antes do foguete-bomba dar aquele beijo à francesa no radar, o capitão Von Kleist concluiu que já podia descer do posto de observação do *Bahía de Darwin*. O navio fora totalmente saqueado e ficara sem nenhuma aparelhagem de navegação. Estava em pior situação que o *Beagle*, navio de Sua Majestade, quando este bravo barco a vela de madeira começou sua viagem ao redor do mundo em 27 de dezembro de 1831. O *Beagle* pelo menos tinha um compasso e um sextante, através dos quais os tripulantes podiam calcular acuradamente em que parte do mundo estavam, pela posição das estrelas. E o *Beagle*, além disso, tinha lanternas a óleo e velas para a madrugada, e beliches para a tripulação, e camas e travesseiros para os oficiais. Qualquer pessoa que estivesse determinada a passar uma noite no *Bahía de Darwin*, agora, teria de descansar sua cabeça diretamente sobre o aço do convés ou, talvez, fazer o que Hisako Hiroguchi fez, quando não conseguia mais manter os olhos abertos. Hisako sentava-se na privada do banheiro, no salão principal do navio, colocava os braços sobre a pia em frente e ali descansava sua cansada cabeça.

• • •

Eu compararia a multidão em frente ao hotel com uma onda gigantesca que tivesse passado pelo ônibus e nunca mais retornado. Quanto à multidão no cais, eu a compararia a um tornado. Agora, aquele feroz tufão se dirigia cidade adentro, ao anoitecer, alimentando-se de si próprio, pois agora valia a pena roubarem-se uns aos outros — todos carregavam lagostas, garrafas de vinho, equipamentos eletrônicos, cortinas, cabides, maços de cigarro, cadeiras, rolos de tapete, toalhas, cobertores, etc.

Então o capitão retornou ao convés. O aço frio machucava seus pés descalços. Até onde podia enxergar, o navio e todo o cais eram só seus. Foi correndo até seu camarote, pois estava apenas de cuecas. Esperava que os celerados tivessem deixado pelo menos uma peça de roupa para ele vestir. Quando apertou o interruptor da luz, entretanto, nada aconteceu — porque todas as lâmpadas tinham sido roubadas.

De qualquer maneira, ainda havia eletricidade — o navio contava com as baterias, lá na sala das máquinas. O que acontecera fora o seguinte: os ladrões tinham roubado as lâmpadas antes que as baterias, os motores e os geradores, que estavam todos lá embaixo, fossem roubados. Portanto, de certo modo, sem querer acabaram prestando um grande favor à humanidade. Graças a eles, o navio ainda podia navegar. Sem seus instrumentos, porém, estava tão cego quanto Selena MacIntosh — mas ainda era o navio mais rápido naquela parte do mundo e podia singrar as águas em alta velocidade por vinte dias seguidos sem precisar reabastecer, se necessário, desde que nada de errado acontecesse na escura casa de máquinas.

• • •

O capitão certamente não tinha feito nenhum plano de levar o navio ao mar, enquanto estivera ali, tropeçando no camarote procurando peças de roupa para cobrir sua nudez. Não achou sequer um lenço ou uma toalha de banho. Experimentava, pela primeira vez na sua vida, o gosto da escassez têxtil, que, naquele momento, parecia apenas inconveniente, mas que nos trinta anos seguintes de sua vida seria crucial. Simplesmente, não existiriam mais roupas, nem para protegê-lo das queimaduras do sol nem do frio cortante. Como ele e os primeiros colonos vieram a invejar Akiko, a filha de Hisako, por ela ter nascido com todo aquele pelo cobrindo seu corpo!

Todos eles, com exceção de Akiko e dos futuros bebês peludos a quem ela daria à luz, teriam de usar frágeis mantos e chapéus, durante o dia, feitos com penas de pássaros e amarrados com tripas de peixe.

Citou Mandarax, ao contrário:

O homem é um bípede desprovido de penas.

Platão (427?-347 a.C.)

O capitão procurou manter a calma, enquanto revirava o camarote. O chuveiro ainda estava pingando e ele o fechou completamente. Pelo menos isso conseguiu fazer. O capitão era assim mesmo. Como eu já disse, seu sistema digestivo ainda tinha comida para digerir. Entretanto, o que o deixava mais tranquilo era o fato de ninguém, em lugar nenhum, estar contando com ele para nada. Quase todas as pessoas que saquearam o navio tinham suas próprias famílias, que já tinham começado a revirar os olhos de fome, a dar tapinhas no estômago, a apontar para suas gargantas, igualzinho às meninas Kanka-bono.

E o capitão ainda não perdera seu famoso senso de humor, mais livre que nunca para cultivá-lo. Por que, depois de tudo que acontecera, acharia que a vida devia ser levada a sério? Não havia mais nem ratos dentro daquele navio. Aliás, nunca houve ratos no *Bahía de Darwin,* o que foi um outro golpe de sorte para a humanidade. Se houvesse ratos em companhia dos primeiros colonos humanos de Santa Rosalia, em menos de seis meses não restaria mais nada lá para as pessoas comerem.

Então, depois disso, os ratos, tendo comido o que restava das pessoas e a si próprios, eles mesmos teriam morrido.

Citou Mandarax:

Ratos!
Brigaram com os cachorros e mataram os gatos;
E morderam os bebês em seus berços;
E comeram os queijos das despensas;
E lamberam a sopa do prato dos cozinheiros;
Abriram os barris de sardinhas salgadas;
Fizeram ninhos dentro de chapéus;
E até atrapalharam as fofocas das comadres;
Abafando seu falatório
Com gritos e guinchos
Em cinquenta diferentes sustenidos e bemóis.

Robert Browning (1812-1889)

Os dedos espertos do capitão, trabalhando segundo a vertigem de sua cabeça, encontraram meia garrafa de conhaque em cima da tampa do sanitário. Era a última garrafa de qualquer bebida a bordo do *Bahía de Darwin,* seu conteúdo o último presente ali, de proa a popa e do posto de espreita ao porão, capaz de ser metabolizado pelo organismo humano. Claro que, ao dizer isso, excluo a possibilidade de canibalismo. Afinal, o capitão até que seria bem comestível.

E assim que os dedos do capitão agarraram o gargalo da garrafa na escuridão, alguma coisa grande e pesada abalroou o navio. E mais: Vozes masculinas chegaram a seus ouvidos, vindas do convés inferior. Acontecia o seguinte: A tripulação do rebocador que levara comida e combustível ao *San Mateo* estava a ponto de roubar os dois botes salva-vidas do *Bahía de Darwin.* Já haviam desatado o nó da linha de escape, e o rebocador forçava a proa para dentro do estuário, de modo que o lado de estibordo do barco podia tocar a superfície da água.

Assim, o *Bahía de Darwin* encontrava-se agora ligado ao continente por uma frágil corda na popa. Poeticamente falando, esta corda de popa podia ser vista como o cordão umbilical de náilon branco de toda a humanidade moderna.

• • •

Bem que o capitão poderia ter se tornado meu colega fantasma no *Bahía de Darwin.* Os homens que roubavam os barcos salva-vidas nem imaginavam que ainda havia outra alma a bordo.

Novamente sozinho, exceto pela minha presença, ele continuou a se embebedar. Que mais importava, agora? Os rebocadores já haviam desaparecido de vista. O *San Mateo* todo iluminado como uma árvore de Natal e com seu radar na ponte girando loucamente também desaparecia a jusante, de modo que o capitão se sentiu à vontade para gritar o que quisesse da ponte sem atrair a atenção de ninguém. Com as mãos no leme, berrou para a noite estrelada: "Homem ao mar." Falava de si mesmo.

Achando que nada mais fosse acontecer, apertou o botão de arranque. Das entranhas do navio veio o ribombo ensurdecedor de um poderoso motor a diesel, trabalhando em perfeitas condições. Apertou outro botão, que dava partida ao outro motor, idêntico ao primeiro. Esses dois escravos resignados e dignos de confiança haviam nascido em Colombo, Indiana — não muito longe da Universidade de Indiana, onde Mary Hepburn se graduara em zoologia.

Mundo pequeno, este.

• • •

O fato de os dois motores a diesel ainda funcionarem foi mais um motivo para o capitão continuar a encher a cara de conhaque. Ele então desligou os motores, e foi muito bom que tivesse feito isto. Se os tivesse deixado ligado por muito tempo, até ficarem bem quentes, a temperatura elevada podia ter chamado a atenção de algum avião peruano, lá na estratosfera. No Vietnã, tínhamos instrumentos tão sensíveis ao calor que até podiam detectar a presença de pessoas ou, pelo menos, imensos seios durante a noite — só porque seus corpos estavam um pouquinho mais quentes do que a temperatura ambiente.

Certa noite detectei toda uma barragem de artilharia dentro de um búfalo-da-índia. Em geral havia gente junto com as armas — pronta para nos surpreender e nos matar, se tivessem chance. Que vida! Eu adoraria ter abandonado todas as minhas armas para me tornar pescador.

• • •

E era justamente isso que o capitão estava pensando, lá na ponte: “Que vida!”, e assim por diante. Era tudo muito engraçado, só que ele não estava rindo. Achava que a vida o pusera à prova, concluíra que ele não valia lá grande coisa e agora procurava livrar-se dele. Mal sabia ele!

Foi para o convés principal, que ficava à ré da ponte e dos camarotes dos oficiais, os pés nus no aço nu. Agora que o convés estava sem os tapetes, os buracos, destinados à eventual montagem de armas, ficaram visíveis, mesmo à luz das estrelas. Eu mesmo soldei quatro das lâminas do convés. Mas o grosso de meu trabalho, aquele em que eu me especializara, fora no interior do navio.

O capitão olhou para as estrelas e seu cérebro gigante lhe disse que seu planeta não passava de uma insignificante partícula de pó no cosmo, que ele era um germe nesse pó, e que não importava nada o que lhe acontecesse. Era isso o que os cérebros gigantes faziam com seu excesso de capacidade: diziam futilidades como essas. E com que propósito? Hoje em dia, ninguém mais tem esse tipo de pensamento.

Então o capitão avistou uma estrela cadente — um meteoro cortando a atmosfera, lá onde o tenente-coronel Reyes, com sua roupa de piloto, acabara de receber pelo rádio a notícia de que o Peru declarara guerra ao Equador. Aquela visão fez com que o capitão pensasse outra vez em como as pessoas estavam despreparadas para uma eventual queda de meteoros na face da Terra.

Houve, então, aquela tremenda explosão no aeroporto, quando o míssil e o radar consumaram sua lua de mel.

• • •

O ônibus do hotel, todo pintado por fora com mergulhões de patas azuis, iguanas, pinguins, cormorões incapazes de voar, etc. naquele momento, estava estacionado em frente ao hospital. O irmão do capitão, *Siegfried, ia entrar paia pedir auxílio para *James Wait, que perdera a consciência. O ataque de coração de *Wait obrigara-os a desviarem-se do caminho do aeroporto, o que sem dúvida salvou a vida de todos a bordo.

A enorme bolha de onda de choque produzida por aquela explosão foi tão densa como tijolos. Para os passageiros do ônibus, o hospital havia explodido. As janelas e o para-brisas do ônibus foram atingidos pelo impacto, mas como eram à prova de choque, não se espatifaram. Mary, Hisako, Selena, *Kazakh e o pobre *Wait, mais as meninas Kanka-bono e o irmão do capitão viram-se cobertos por um fino pozinho branco, parecido com talco.

Isso aconteceu no *Bahía de Darwin*, também. Todas as janelas foram atingidas pelo impacto e o convés ficou coberto de pozinho branco.

O hospital, tão iluminado há apenas poucos instantes, agora se encontrava às escuras, assim como toda a cidade. Lá de dentro vinham gritos de socorro. O motor do ônibus, graças a Deus, ainda estava funcionando, e seus faróis iluminavam um estreito caminho entre os escombros à frente. Assim, *Siegfried, cada vez mais paralisado, ainda conseguiu levá-los para longe dali. Que poderia ele e os outros fazer pelos sobreviventes, se havia algum, no hospital destruído?

O ônibus seguiu então na direção oposta ao centro da explosão, o aeroporto, para o porto, segundo a lógica do labirinto de escombros. E o caminho para lá, na verdade, estava quase limpo, pois a explosão não afetara muito aquela área.

• • •

*Siegfried von Kleist foi para o cais porque o caminho para lá era o melhor. Somente ele podia ver para onde estavam indo. Os outros ainda se encontravam agachados no corredor. Mary Hepburn arrastara o inconsciente *James Wait para longe das meninas Kanka-bono e ele agora se encontrava deitado de costas, usando o colo de Mary como travesseiro. Os cérebros gigantes das Kanka-bono estavam em silêncio, na falta de qualquer teoria conhecida que pudesse lhes explicar o que estava acontecendo. Hisako Hiroguchi, Selena MacIntosh e *Kazakh também estavam imobilizadas.

E todo mundo estava surdo, também, pois a onda de choque causara um impacto que afetou tanto os ossos de seus ouvidos quanto os mínimos ossos de seus corpos. E nunca mais recobraram a audição inteiramente. Exceto o capitão, os primeiros colonos de Santa Rosalia seriam, todos, um pouco surdos. Por isso, grande parte das conversas entre eles era complementada por infalíveis “Hã?”, “Fale mais alto”, e coisas assim.

Felizmente esse defeito não era hereditário.

• • •

Tal como Andrew MacIntosh e Zenji Hiroguchi, eles nunca souberam o que os atingira — a não ser que houvesse respostas para perguntas desse tipo no fim do túnel azul que leva ao além-túmulo. Aceitariam a teoria do capitão de que a explosão, e outra que ainda viria, fora causada pelo impacto de meteoros — mas não completamente, por que o capitão provaria estar completamente errado a respeito de uma porção de coisas.

• • •

O irmão mais jovem do capitão, paralisado, com os ouvidos doendo e só agora recuperando um pouco a audição, estacionou o ônibus no cais, junto ao *Bahía de Darwin.* Não esperava encontrar um paraíso, por isso não se surpreendeu ao perceber que todas as luzes do navio estavam apagadas, que ele parecesse deserto, com as janelas estouradas, os barcos salva-vidas roubados e com aquela tênue corda prendendo-o ao embarcadouro. Aliás, sua proa achava-se um pouco afastada do cais, de modo que a rampa de acesso pendia sobre a água.

Sem dúvida, fora saqueado como o hotel. O embarcadouro estava sujo de papéis, de caixas de papelão e outros lixos jogados pelos garis.

*Siegfried não esperava ver seu irmão. Ouvira dizer que o capitão deixara Nova Iorque, mas não que tivesse realmente chegado a Guaiaquil. Se estivesse em algum lugar em Guaiaquil, provavelmente estaria morto ou ferido e, de qualquer modo, sem condições de ajudar ninguém. Aliás, ninguém em Guaiaquil, nesse ponto da história, estava em condições de ajudar alguém.

Citou Mandarax:

Ajude-se a si próprio, e o céu o ajudará.

Jean de La Fontaine (1621-1695)

O máximo que *Siegfried esperava encontrar era um lugar tranquilo em meio ao caos! E isso ele conseguira achar. Não parecia haver mais ninguém por ali.

Então desceu do ônibus para tentar controlar os tremores causados pela coreia de Huntington com exercícios — pulando, fazendo flexões de joelho e assim por diante.

A lua surgia no céu.

Então ele viu uma figura humana levantando-se no convés principal do *Bahía de Darwin.*

Era seu irmão, mas como o rosto do capitão mergulhava em sombras, *Siegfried não o reconheceu.

*Siegfried ouvira histórias sobre o navio ser mal-assombrado. Acreditava estar vendo um fantasma. Pensou que fosse eu. Pensou que estivesse vendo Leon Trout.

36

O capitão, no entanto, reconheceu o irmão e gritou para ele aquilo que provavelmente eu também teria gritado, se fosse um fantasma materializado: “Bem-vindo ao Cruzeiro Natural do Século!”

• • •

O capitão, ainda segurando a garrafa, embora vazia, desceu para o convés inferior na popa, de modo a ficar mais próximo de seu irmão, e *Siegfried, que estava meio surdo, chegou o mais perto que pôde, tomando cuidado para não cair no fosso que os separava. Esse fosso era transposto pela linha de popa, o cordão umbilical branco.

— Estou surdo — disse *Siegfried. — Você também?

— Não — respondeu o capitão.

Ele estava muito mais afastado do centro da explosão do que *Siegfried. Entretanto, saía-lhe sangue pelo nariz, e o capitão achava graça nisso. Batera com o nariz no convés, quando o impacto da explosão o alcançara no convés principal. O conhaque havia exacerbado seu humor, a ponto de achar tudo extremamente engraçado.

Pensou que os exercícios que *Siegfried fizera no cais eram convulsões causadas pela doença que ambos, provavelmente, haviam herdado do pai.

— Gostei de sua imitação de papai — disse, rindo.

Conversaram o tempo todo em alemão — a língua de sua infância, a primeira que haviam aprendido.

— Adie — gritou *Siegfried. — Isso não tem graça!

— Tudo é engraçado — disse o capitão.

— Tem algum remédio aí? Tem alguma comida? Ainda tem camas aí? — perguntou *Siegfried.

O capitão respondeu com uma citação que Mandarax conhecia muito bem:

Devo muito; não possuo nada. O resto, dou aos pobres.

François Rabelais (1494-1553)

— Você está bêbado! — exclamou *Siegfried.

— E por que não? — retrucou o capitão. — Não passo de um palhaço. — O dano causado pelo conhaque a seu cérebro gigante o tornara extremamente egoísta. Não se importava com o sofrimento das pessoas naquela cidade escura e arruinada. — Sabe o que um dos membros de minha própria tripulação me disse, quando tentei impedi-lo de roubar um compasso, Ziggie?

— Não — respondeu *Siegfried, começando a dançar de novo.

— Fora do caminho, palhaço! — disse o capitão, e caiu na gargalhada. — Ele se atreveu a dizer isso a um almirante, Ziggie. Eu o teria enforcado na lais da verga — *hic* — caso não tivesse roubado — *hic* — a lais da verga — *hic*. Ao amanhecer — *hic* — se não o tivessem roubado também.

A propósito, as pessoas ainda têm soluços. E continuam a não ter controle sobre eles. Frequentemente as ouço soluçar, fechando involuntariamente a faringe e respirando espasmodicamente, deitados na praia ou nadando nas lagoas. Na verdade, acho que hoje as pessoas soluçam mais que há um milhão de anos. Isto não tem muito a ver com a evolução, eu acho. O problema é que hoje as pessoas engolem peixes crus muito rápido, sem mastigá-los devidamente.

(GENTE)

E as pessoas ainda riem, tanto ou mais que antes, a despeito de seus diminutos cérebros. Se houver um bando delas tomando banho de sol na praia e por acaso uma delas peidar, todo mundo ri sem parar, tal como seus ancestrais faziam, há um milhão de anos.

37

— *Hic* — continuou o capitão — na verdade eu — *hic* — fui vingado, Ziggie. Eu sempre disse que algum dia seríamos bombardeados por meteoros. E — *hic* — fomos mesmo.

— Foi o hospital que explodiu — disse *Siegfried.

Para ele, era isso que tinha acontecido.

— Nenhum hospital explode assim — disse o capitão, e, para espanto de *Siegfried, subiu na amurada, preparando-se para pular no cais. Não seria um salto assim tão grande — apenas cerca de dois metros sobre o fosso, mas o capitão estava bêbado demais.

O capitão saltou no ar com sucesso e caiu com os dois joelhos no cais. O que curou os soluços.

— Tem mais alguém no navio? — perguntou *Siegfried.

— Ninguém, a não ser nós — respondeu o capitão.

Ainda não sabia que ninguém mais, a não ser ele e *Siegfried, era responsável por salvar as pessoas. E todos ainda estavam agachados no corredor do ônibus. Aliás, *Siegfried confiara Mandarax a Mary Hepburn, para o caso de ela precisar se comunicar com Hisako Hiroguchi. Como já disse, Mandarax não servia como intérprete para as meninas Kanka-bonos.

O capitão colocou os braços sobre os ombros trêmulos de *Siegfried e disse:

— Não se preocupe, irmãozinho. Descendemos de uma longa linhagem de sobreviventes. O que significa uma chuva de meteoros para os Von Kleist?

— Adie... — disse *Siegfried —, dá para você aproximar este navio um pouco mais do cais?

Ele achava que as pessoas que estavam no ônibus se sentiriam mais seguras dentro do navio.

— Foda-se o navio! Não tem mais nada, lá! — exclamou o capitão. — Acho que eles roubaram até o velho Leon.

Para lembrar: Leon era eu.

— Adie — insistiu *Siegfried —, tem dez pessoas naquele ônibus, e uma delas vai ter um ataque cardíaco.

O capitão olhou para o ônibus.

— Elas são invisíveis? — perguntou.

— Estão todas deitadas no corredor, mortas de medo — disse *Siegfried. — Você tem que ficar sóbrio. Não posso cuidar delas. Você tem que fazer tudo que puder. Não consigo mais controlar minhas ações, Alex. Que hora para revelar a verdade!... Eu tenho a doença do papai!

No que dizia respeito ao capitão, o tempo parou. Era uma ilusão à qual estava acostumado. Experimentava-a várias vezes ao ano — sempre que recebia notícias sérias. Ele sabia como fazer o tempo correr de novo: era só negar as más notícias.

— Não é verdade! Não pode ser! — exclamou.

— Você acha que estou pulando assim por prazer? — perguntou *Siegfried, que involuntariamente se afastava dançando do irmão.

Também involuntariamente tornou a se aproximar dançando do irmão, dizendo:

— Minha vida acabou. Provavelmente eu nem devia ter nascido. Pelo menos nunca tive filhos, para que nenhuma mulher desse à luz outro monstro.

— Sinto-me tão impotente — disse o capitão. E acrescentou: — E tão bêbado! Meu Deus... eu certamente não esperava mais nenhuma responsabilidade. Estou tão bêbado que nem consigo pensar. Diga o que eu devo fazer, Ziggie!

Estava bêbado demais para tomar alguma atitude. Ficou ali, parado, a boca aberta e os olhos arregalados, enquanto Mary Hepburn, Hisako Hiroguchi e *Siegfried, quando o coitado do *Siegfried conseguia parar de pular, levavam o ônibus para mais perto da popa do navio, de modo que ele pudesse servir como escada de acesso até o convés inferior, que, do contrário, permaneceria inatingível.

E, claro, seria possível até afirmar: “Não foi uma grande ideia, da parte deles?”, ou “Nunca teriam pensado nisso, se não tivessem cérebros gigantes”, ou “Pode apostar que hoje ninguém pensaria nisso”, e assim por diante. E eu repito: aquelas pessoas não estariam numa situação semelhante, passando por todas aquelas dificuldades, se o planeta não tivesse se tornado inabitável por causa das criações e atividades dos cérebros gigantes de outras pessoas.

Citou Mandarax:

O que se perdeu com rodeios, recuperamos com jogo de cintura!

Patrick Reginald Chalmers (1872-1942)

• • •

Todo mundo esperava o pior de *James Wait, quando acordasse. Na verdade, o pior viria do capitão, que estava bêbado demais para poder ser mais um elo naquela corrente humana e que só conseguia ficar sentado no fundo do ônibus e se queixar do porre.

E os soluços haviam voltado.

Foi assim que eles levaram *James Wait para dentro do navio: havia restos de corda suficientes no cais para Mary Hepburn lhe fazer um arnês. A ideia foi toda dela. Afinal, era uma experiente montanhista. Amarraram-no o mais forte possível e o sentaram ao lado do ônibus. Então ela, Hisako e *Siegfried subiram no teto do mesmo e o puxaram até lá o mais delicadamente possível. Então os três passaram-no sobre a amurada e o colocaram no convés do navio. Mais tarde o levariam ao convés superior, onde ele recuperaria a consciência por alguns instantes — o tempo necessário para ele e Mary Hepburn se tornarem marido e mulher.

• • •

*Siegfried desceu então para informar ao capitão que era sua vez de embarcar. O capitão, sabendo que ia fazer papel de bobo, tentando alcançar o teto do ônibus, pediu um tempo. Saltar para baixo, bêbado, era fácil. Agora, subir era outra história. Por que tantos de nós enchíamos os nossos cérebros gigantes com tanto álcool, há um milhão de anos? Para mim, isto ainda é um mistério interessante. Talvez tentássemos dar um empurrão à evolução na direção certa — ou seja, na direção de cérebros minúsculos.

Então o capitão, pedindo tempo e tentando ser sensato e manter a dignidade, embora mal se mantivesse de pé, disse ao irmão:

— Acho que aquele homem não estava tão bem assim para vocês puxarem.

*Siegfried já estava perdendo a paciência com ele. E disse:

— E daí? Levamos ele para lá e pronto! Que é que você queria? Que nós pedíssemos um helicóptero para levá-lo até o Waldorf-Astoria?

E estas seriam as últimas palavras que os irmãos Von Kleist trocariam entre si, a não ser uns eventuais “Opa”, “Allez bem”, “Oba”, e assim por diante, quando o capitão tentou alcançar o teto do ônibus por três vezes e caiu.

Mas finalmente ele conseguiu ficar de pé, embora muito humilhado. Pelo menos conseguiu subir no teto do ônibus e, dali, até o navio, sem ajuda. Então, *Siegfried aconselhou a Mary que levasse todos a bordo e que fizesse o possível por *Wait, que todos pensavam ser Willard Flemming. Ela obedeceu, achando que só mesmo o orgulho de *Siegfried o impedia de pedir ajuda para embarcar.

• • •

Assim, *Siegfried ficou completamente só no cais, olhando para os outros, no navio. Todos esperavam que ele se juntasse a eles, mas isso não aconteceu. Em vez de embarcar, voltou ao ônibus e sentou-se ao volante. Apesar de tremer como geleia, deu a partida. Seu plano era voltar à cidade, a toda velocidade, e suicidar-se, metendo o ônibus contra alguma coisa qualquer.

Antes que engatasse uma marcha, porem, foi atingido pela onda de choque de outra tremenda explosão. E esta não fora dentro ou perto da cidade. Essa foi bem perto dali, em algum ponto da desabitada zona do pantanal.

38

A segunda explosão foi como a primeira. Um míssil acabara de se acasalar com um radar. O radar em questão se encontrava no cargueiro colombiano *San Mateo*. O piloto peruano que dera a centelha de vida ao míssil, Ricardo Cortez, pensava tê-lo feito apaixonar-se pelo *Bahía de Darwin*, que já não tinha mais radar e, por isso, no entender daquele míssil, não tinha *sex appeal*.

O major Cortez cometera o que se costumava chamar, há um milhão de anos, de "engano providencial".

E, diga-se, o Peru jamais teria ordenado um ataque ao *Bahía de Darwin* caso o "Cruzeiro Natural do Século" estivesse em curso, como planejado, com o navio cheio de celebridades. O Peru não teria sido tão insensível à opinião pública. O cancelamento do cruzeiro, porém, mudara as coisas. Agora o navio podia ser utilizado como, digamos, um meio de transporte para tropas armadas. Quer dizer, pessoas que já esperavam mesmo ser bombardeadas, metralhadas, ou lá o que fosse, ou seja, o "pessoal da Marinha".

• • •

Portanto, os marujos colombianos estavam lá, à luz da lua, rumo ao mar aberto e às suas casas, comendo o primeiro jantar decente depois de uma semana, crente que seu radar os estava guiando na direção certa, com a ajuda da Virgem Maria. Mal sabiam eles!

A propósito, o que eles estavam comendo era a carne de uma velha vaca leiteira que já não tinha mais condições de dar leite. Ela fora embarcada no *San Mateo*, aquela tarde, e ainda bem viva. E fora embarcada pela popa do navio, escondida em um encerado, de modo que o pessoal em terra não a pudesse ver. Tinha gente bastante desesperada para matar por aquela vaca.

Afinal, tinha um bocado de proteína para deixar assim na maior o Equador.

• • •

Foi interessante como a içaram para dentro do navio. Não usaram nenhum caminhão de transporte. Amarraram cordas ao redor de seus chifres e prenderam-na, por um gancho, a um guindaste. O operador do guindaste

levantou-a no ar — ou seja, a vaca ficou pendurada, em posição vertical, pela primeira vez em sua vida, as pernas traseiras balançando no ar, o peito exposto e as pernas dianteiras amarradas e apontando para a frente, dando a impressão de que era um canguru.

O processo evolucionário que produzira aquele animal nunca pensou que um dia ela estaria naquela posição, com o peso de todo seu corpo concentrado apenas em seu pescoço. Aliás, o pescoço dela começava a ficar como o daqueles mergulhões de patas azuis, dos cisnes e dos cormorões incapazes de voar.

Para determinados tipos de cérebros gigantes típicos daqueles dias, aquela experiência do animal era motivo para boas gargalhadas. E ela era tudo, menos engraçada.

Quando a colocaram no convés do *San Mateo*, a vaca estava tão seriamente machucada que não conseguia nem se manter de pé. Mas isso já se esperava e, para eles, era perfeitamente aceitável. Os marujos tinham longa experiência com aquele tipo de coisa e sabiam que o animal ainda poderia viver uma semana ou mais. Ou seja, não apodreceria até que a comessem. O que foi feito àquela vaca era mais ou menos uma versão moderna do que faziam com as grandes tartarugas terrestres na época anterior a Darwin.

Em ambos os casos, não havia necessidade de um congelador.

• • •

Os alegres colombianos estavam mastigando e engolindo os pedaços daquela pobre vaca quando também foram reduzidos a pedaços pelo último avanço na evolução dos mísseis, uma coisa chamada “dagonite”. A dagonite era filha, digamos assim, de um outro explosivo, consideravelmente menos potente, fabricado pela mesma companhia, chamado “glacco”. O glacco era o pai da dagonite, e ambos descendiam dos fogos de artifício da Grécia, da pólvora, da dinamite, da cordite e do TNT.

Pode-se dizer, portanto, que os marujos colombianos fizeram coisas abomináveis com aquela vaca, mas o castigo por seu pecado fora rápido e terrível, graças, em grande parte, aos cérebros gigantes dos inventores da dagonite.

• • •

Por terem os colombianos tratado tão mal aquela vaca, o major Ricardo Cortez, voando mais rápido que o som, podia ser encarado como um virtuoso cavaleiro, como no tempo das cruzadas. E era assim mesmo que ele se via, embora nada

soubesse a respeito daquela vaca nem sobre o que o míssil fizera. Informou a seus superiores, pelo rádio, que o *Bahía de Darwin* fora destruído. Pediu, então, que dessem o seguinte recado ao tenente-coronel Reyes, que acabara de lançar um míssil igual, sobre o aeroporto e já retornava à base: *É verdade.*

Reyes compreendeu, então, que ele concordava em que lançar um míssil era tão excitante quanto fazer amor. E jamais descobrira que não fora o *Bahía de Darwin* que afundara, assim como os parentes daqueles marujos colombianos jamais vieram a saber o que lhes acontecera.

• • •

O míssil que atingiu o aeroporto foi certamente, em termos darwinianos, muito mais eficaz que o que atingiu o *San Mateo.* Matara milhares de pessoas, cachorros, gatos, ratos, camundongos e outras coisas que, do contrário, continuariam a se reproduzir.

A explosão do navio matara apenas quatorze tripulantes e cerca de quinhentos ratos que se encontravam lá dentro. E algumas centenas de pássaros, alguns caranguejos, peixes, e assim por diante.

Entretanto, não fora tão eficaz a ponto de afetar a cadeia evolutiva alimentar, os bilhões e bilhões de microrganismos que, junto com seus excrementos e os cadáveres de seus ancestrais, formavam a lama do pântano. Estes continuariam a reproduzir-se. A explosão não os afetara muito, pois eles não eram sensíveis a interrupções e recomeços. Nunca cometeriam suicídio, como *Siegfried von Kleist, ao volante do ônibus, pretendia, com uma brusca parada.

Foram simplesmente transferidos de uma moradia para outra. Voaram pelo ar, levando um bocado de seu velho ambiente junto, e caíram na água de novo. Muitos deles, inclusive, prosperaram muito, como consequência daquela explosão, alimentando-se do que sobrara da vaca, dos ratos, dos marujos e de outras formas superiores de vida.

Citou Mandarax:

É maravilhoso ver com quão pouco a natureza se satisfaz.

Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592)

A detonação da dagonite, filha do glacco, descendente direto da nobre dinamite, causou no estuário um maremoto de mais ou menos seis metros de altura, que arrastou o ônibus do cais para dentro do mar e afogou *Siegfried von Kleist, que, de qualquer modo, queria morrer.

O mais importante: cortou o cordão umbilical de náilon branco que ligava o futuro da humanidade ao continente.

O maremoto carregou o *Bahía de Darwin* um quilômetro para dentro do mar e depois o depositou mansamente em cima de um banco de areia. O navio estava iluminado não apenas pelo luar, mas também pelos pálidos e rápidos clarões que surgiam por todo o céu de Guaiaquil.

O capitão chegou à ponte. Ligou o dois motores a diesel lá embaixo na escuridão. Acionou os propulsores e o navio afastou-se do banco de areia. Estava livre.

O capitão perscrutou o oceano à frente.

Citou Mandarax:

> *O navio, distante da terra, seguiu seu curso, silencioso e tranquilo, como um pequeno planeta.*
>
> Joseph Conrad (1857-1924)

E o *Bahía de Darwin* não era um navio qualquer. No que dizia respeito à humanidade, era a nova arca de Noé.

LIVRO DOIS

E
Ficou
Assim

1

O navio tornou-se então um ponto no horizonte. Não tinha mapas, compassos ou luzes, mas mesmo assim seguia em frente em sua jornada, singrando o oceano frio e profundo, à velocidade máxima. Na opinião do resto da humanidade, ele nem existia mais. Na opinião dela, fora o *Bahía de Darwin* e não o *San Mateo* que voara em pedaços.

Era um navio-fantasma, invisível do continente, carregando os genes do capitão e de sete de seus passageiros para o oeste, em direção a uma aventura que até então durara um milhão de anos.

Eu era o fantasma de um navio-fantasma. Sou filho de um escritor de ficção científica, dono de um cérebro gigante, chamado Kilgore Trout.

Fui desertor da Marinha dos Estados Unidos.

Foi-me concedido asilo político, depois cidadania, na Suécia, onde me tornei soldador profissional, trabalhando no porto de Malmö. Um belo dia, fui decapitado por uma chapa de aço que, sem dor, me arrancou fora a cabeça, enquanto eu trabalhava no interior do *Bahía de Darwin.* Naquela época, eu meu recusei a entrar no túnel azul que leva ao além-túmulo.

Sempre tive o poder de me materializar, a hora que bem entendesse, mas só fiz isso uma vez, pouco depois da minha morte — durante alguns úmidos e tempestuosos momentos, em meio a uma tormenta que surpreendeu o navio no Atlântico Norte, em sua viagem de Malmö a Guaiaquil. Eu me materializara no posto de vigia e um sueco, membro da tripulação, me viu lá em cima. Ele estava meio bêbado. Meu corpo decapitado estava de frente para a popa do navio e meus braços estavam estendidos para cima. E eu estava segurando minha cabeça decapitada entre as mãos, como se fosse uma bola de basquete.

• • •

Desse modo, eu estava invisível ali, ao lado do capitão Adolf von Kleist, na ponte do *Bahía de Darwin,* enquanto esperávamos o fim de nossa primeira noite em mar aberto, desde que saímos tão abruptamente de Guaiaquil. O capitão passara acordado a noite inteira e agora estava sóbrio, mas com uma terrível dor de cabeça, que descreveu a Mary Hepburn como “... um parafuso dourado enterrado entre meus olhos”.

E guardava, também, alguns outros souvenirs do deboche da noite passada — contusões e arranhões por todo o corpo, consequência das diversas vezes que caíra, tentando chegar ao teto do ônibus. Jamais teria ficado tão bêbado se soubesse que toda aquela responsabilidade viria a lhe cair nos ombros, e já explicara isso a Mary, que também passara a noite em claro — cuidando de *James Wait no convés principal, atrás dos camarotes dos oficiais.

*Wait fora posto ali, com a blusa de Mary como travesseiro, porque o resto do navio estava todo às escuras. Pelo menos ali, eram iluminados pela luz das estrelas, depois que desapareceu o luar. O plano era levá-lo para um camarote assim que o sol raiasse, para que não fritasse vivo ali, em cima do aço nu.

O resto do pessoal se encontrava no convés de baixo. Selena MacIntosh estava no salão principal, dormindo com a cabeça em cima de sua cadela, assim como as seis meninas Kanka-bono, que se usavam como travesseiro. Hisako estava no banheiro, onde dormira sentada no sanitário com os braços e a cabeça apoiados na pia.

• • •

Mandarax, que Mary entregara ao capitão, estava dentro de uma gaveta, perto do leme. Esta era a única gaveta do navio que tinha alguma coisa dentro. Mandarax ouvira tudo que se falara por ali, durante a noite, e traduzira tudo para o kirghiz, pois alguém, na confusão, o programara para isso. Traduziu, também, o plano bolado pelo capitão, que era o seguinte: iriam diretamente para a ilha de Baltra, onde havia um pequeno porto, um pequeno aeroporto e um pequeno hospital. Lá havia também uma poderosa estação de rádio. Assim, poderiam descobrir o que foram as duas tremendas explosões e o que se passava pelo resto do mundo, caso estivessem mesmo sendo bombardeados por uma chuva de meteoros ou, como sugerira Mary, a Terceira Guerra Mundial houvesse começado.

Bem, esse plano podia mesmo ser traduzido em kirghiz, ou em outra língua qualquer que ninguém entendesse, pois o navio estava indo em um curso tal que passaria muito longe de Baltra ou de qualquer outra das Ilhas Galápagos.

Só a tal ignorância do capitão já seria mais que suficiente para desviar o navio de curso. Mas, para piorar ainda mais as coisas, na noite anterior, enquanto estava bêbado, ele não parara de virar o leme para um lado e para o outro, tentando escapar da queda dos meteoros. Seu cérebro gigante, lembrem-se, fazia-o acreditar que estavam mesmo sendo atingidos por meteoros. Cada vez que via uma estrela cadente, pensava que iá cair em cima do navio, e desviava o curso, evitando-a.

Quer dizer, quando o sol, finalmente, surgiu, eles poderiam estar, graças ao cérebro gigante do capitão, vagando, literalmente, em qualquer lugar do mundo. E iam em direção ao primeiro lugar que lhes aparecesse pela frente.

• • •

Enquanto isso, Mary Hepburn, meio acordada, meio dormindo, ao lado de *James Wait, estava fazendo o que as pessoas, hoje, devido ao pequeno tamanho de seus cérebros, não fazem mais. Recordando acontecimentos passados.

Era uma viagem, novamente. Estava dentro de um saco de dormir. Estava acordando, junto com a aurora, devido ao cantar de um pássaro. Estava acampada em um parque estadual de Indiana — um museu vivo, um pedaço do que aquela área fora um dia, antes de os europeus decretarem que nenhuma planta ou animal seriam tolerados, caso não fossem previamente selecionados e definidos como comestível pelos humanos. Quando a jovem Mary pôs a cabeça para fora de seu casulo, viu troncos apodrecidos e uma pequena queda-d'água. Estava deitada sobre éons de matéria morta e descartável. Havia bastante comida por ali, caso pudesse comer microrganismos ou folhas. Mas, certamente, não havia por ali nenhum banquete para um ser humano de um milhão e trinta anos atrás.

Era princípio de junho. O ar estava perfumado.

O canto do pássaro vinha de mais ou menos uns cinquenta metros adiante. Mary gostou de ser despertada daquele jeito, pois queria mesmo levantar cedo. E imaginava que seu saco de dormir fosse um casulo, de onde sairia sinuosa e voluptuosamente, como fazia agora, adulta vivaz que era.

Que alegria!

Que satisfação!

Era perfeito. Sua companheira ainda dormia a sono solto.

Levantou-se, então, e foi em direção ao trinado, para ver se encontrava o pássaro. Havia uma espessa vegetação à sua frente. Afastou-a e, em vez de um pássaro, viu um homem, alto e magro, em roupas de marinheiro. Fora esse homem que tinha imitado o canto do pássaro. Era Roy, seu futuro marido.

• • •

Mary estava perturbada e desorientada. Uma roupa de marinheiro, ali, tão longe do mar, era um detalhe particularmente bizarro. Achou que ele era um intruso ali e, talvez, devesse ter medo dele. Mas, se esse sujeito tão esquisito fosse correr atrás dela, primeiro teria que atravessar toda aquela vegetação, cheia de

espinhos, que os separava. Dormira com as roupas, por isso, estava decente, apenas sem as botas.

Ele a ouvira chegar. Tinha ouvidos muito bons. Seu pai, também. Era dote de família. E falou primeiro.

— Olá — disse ele.

— Ola — respondeu Mary.

Diria, mais tarde, comentando sobre aquele encontro, que se sentia a única criatura viva no Jardim do Éden e, então, dera com essa criatura vestida de marinheiro, que agia como se fosse dono do lugar. E Roy, por sua vez, diria que era ela quem agia como se fosse dona de tudo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Mary.

— Eu não sabia que pessoas podiam dormir nesta parte do parque — respondeu ele.

E tinha razão sobre aquilo, Mary sabia. Ela e sua amiga tinham violado as regras do museu vivo. Estavam numa área onde só se permitia a presença de animais.

— Você é marinheiro? — perguntou Mary.

E ele respondeu que sim, que era — ou tinha sido até recentemente. Acabara de se desligar da Marinha e estava viajando de carona pelo país, antes de ir para casa. Descobrira que as pessoas sempre lhe davam carona quando viam seu uniforme.

• • •

Hoje em dia não faria sentido algum alguém perguntar, como fizera Mary a Roy: “O que está fazendo aqui?” As razões para se estar em qualquer lugar, hoje, são tão simples e óbvias! Ninguém mais tem uma história para contar, como aquela que Roy tinha: Que fora desligado em São Francisco, pegara seu soldo, comprara um saco de dormir e fora, de carona, até o Grande Cânion e ao Parque Nacional de Yellowstone, além de outros lugares que sempre quisera conhecer. Era especialmente fascinado pelos pássaros, e podia falar com eles nas suas próprias línguas.

Ouvira, então, no rádio, que um casal de pica-paus de bico de marfim, que se acreditava extinto há muito tempo, fora avistado neste pequeno parque estadual de Indiana. E viera direto até ali. Mas a notícia não passara de alarme falso. Esses grandes e belos habitantes das florestas primitivas estavam mesmo extintos, desde que seres humanos haviam destruído todos os seus habitats naturais. Já não havia mais madeira, paz e tranquilidade suficientes para eles.

— Eles precisavam muito de paz e tranquilidade — disse Roy. — E eu também. E você também, acho. E sinto muito se a perturbei. Afinal, não fiz nada que um pássaro de verdade não faria.

Alguma coisa se acendeu em seu cérebro gigante, os joelhos de Mary tremeram e seu estômago esfriou de repente. Estava apaixonada por aquele homem.

Não se fazem mais memórias como essa, hoje em dia.

2

*James Wait interrompeu as divagações de Mary Hepburn com essas palavras:

— Eu a amo tanto. Por favor, case comigo. Sinto-me só. Estou com medo.

— Poupe suas forças, Sr. Flemming — disse Mary. Ele lhe propusera casamento durante a noite inteira.

— Dê-me sua mão — pediu ele.

— Toda vez que faço isso, o senhor não a larga — ela respondeu.

— Prometo que largo — disse ele.

Então, Mary lhe deu a mão, e ele a agarrou tenazmente.

*Wait não estava experimentando nenhuma visão, do passado ou do futuro. Era, naquele momento, pensou Mary, pouco mais que um coração falhando, assim como Hisako Hiroguchi, lá no banheiro, era pouco mais que um feto e uma placenta.

Hisako não tinha outra razão para viver que não fosse sua futura criança, pensara Mary.

• • •

As pessoas, hoje, ainda têm soluços, como sempre tiveram, e ainda acham muito engraçado quando alguém peida. E ainda procuram consolar aquelas que sofrem com um tom amoroso de voz. O tom de voz que Mary usava para consolar *Wait ainda hoje é muito ouvido. Com ou sem palavras, este tom é exatamente o que uma pessoa doente deseja ouvir, e o que *Wait queria ouvir, há um milhão de anos.

Mary o confortava com muitas palavras, mas só o tom de sua voz bastava.

— Nós todos o amamos. Você não está sozinho. Tudo vai dar certo — e assim por diante.

• • •

Nenhum confortador de hoje, é claro, teve uma vida amorosa tão complicada quanto a de Mary Hepburn, assim como nenhum sofredor de hoje, por sua vez, teve uma vida amorosa tão atribulada quanto *James Wait. A crise, em qualquer história de amor humana hoje em dia, seria a seguinte: A pessoa amada está no

cio, ou não? Os homens e as mulheres, hoje, só se interessam um pelo outro, e pelos talos em suas nadadeiras, duas vezes por ano — ou, em épocas de pouca pesca, só uma vez por ano. Isso para se ter uma ideia do quanto a vida deles depende de peixe.

O senso comum de Mary Hepburn e de *James Wait poderia ter sido posto de lado pelo amor, dadas as circunstâncias, a qualquer momento.

Lá no convés, pouco antes de o sol surgir no horizonte, *Wait estava verdadeiramente apaixonado por Mary, e ela por ele — ou melhor, pelo que achava que ele era. Durante toda a noite, ela o tratara como “Sr. Flemming”, e ele não lhe pedira para ser chamado pelo primeiro nome. Por quê? Ora, porque ele, simplesmente, não lembrava qual era o primeiro nome que estava usando na ocasião.

— Eu a farei muito rica — disse Wait.

— Ora, ora, vamos! — retrucou Mary.

— Interesses comuns, sabe? — ele falou.

— Poupe suas forças, Sr. Flemming — ela comentou.

— Por favor, case-se comigo! — pediu ele.

— Vamos conversar sobre isso quando chegarmos a Baltra — propôs Mary.

Ela queria fazer com que Baltra se tornasse, para ele, um motivo para viver. Murmurava para ele, durante toda a noite, todas as coisas boas que os esperavam em Baltra, como se fosse uma espécie de paraíso. Dizia que no porto santos e anjos os esperavam para recebê-los com todo tipo de comida e remédios.

Mas ele sabia que estava morrendo.

— Você vai ser uma viúva muito rica — ele afirmou.

— Não vamos falar sobre isso, agora — pediu Mary.

Quanto a toda a riqueza que ela iria herdar, tecnicamente falando, pois viria a se tornar sua esposa e herdeira, a situação era a seguinte: nem os cérebros gigantes dos maiores detetives do mundo conseguiriam achar o menor traço dela. Em cada lugar que estivera, *Wait inventara uma personagem que jamais existira, cuja riqueza aumentava a olhos vistos, embora o planeta ficasse cada vez mais pobre. Riqueza esta garantida pelos governos dos Estados Unidos e do Canadá. Sua poupança em Guadalajara, México, porém, que era em pesos, já havia desaparecido.

Se sua riqueza continuasse a crescer naquela velocidade, o testamento de *Wait acabaria encampando todo o universo — galáxias, buracos negros, cometas, nuvens de poeira, os meteoros do capitão e matéria interestelar de toda espécie — simplesmente, todas as coisas.

E se a população do mundo continuasse a aumentar na proporção que vinha aumentando, ia acabar ultrapassando até a fortuna de *James Wait.

Que impossíveis sonhos de grandeza o ser humano costumava ter, ainda ontem, há um milhão de anos!

3

A propósito, *James Wait chegara até a se reproduzir. Ele não apenas mandara aquele negociante de antiguidades túnel azul adentro. Tornara possível, também, o nascimento de um herdeiro. Pelos padrões darwinianos, tanto como assassino quanto como genitor, até que ele não se dera mal.

Tornara-se genitor quando tinha apenas 16 anos de idade, a idade em que o ser humano, há um milhão de anos, já podia se reproduzir.

Ainda estava em Midland City, Ohio, e era uma tarde quente de julho. Ele estava aparando o jardim de um bem-sucedido negociante de automóveis e dono de uma cadeia de restaurantes locais chamado Dwayne Hoover, que era casado, mas não tinha filhos. O Sr. Hoover estava em Cincinnati, a negócios, e a Sra. Hoover, a quem *Wait nunca vira, apesar de já ter aparado aquele jardim tantas vezes, estava em casa. Era uma reclusa pois, como *Wait ouvira falar, tivera muitos problemas com as bebidas, e seu médico a mantinha em intenso tratamento, à base de drogas. Ou seja, seu cérebro gigante simplesmente se tornara errático demais para sair por aí, à vontade.

Naquela época, *Wait era bonitão. Seu pai e sua mãe, aliás, também tinham sido. Provinha de uma família bonita. Apesar do calor que fazia, não queria tirar a camisa — porque tinha vergonha de expor as cicatrizes em seu corpo causadas pelas surras que levara de vários pais adotivos que tivera. Mais tarde, quando já era um prostituto na ilha de Manhattan, seus clientes achavam aquelas cicatrizes, feitas por pontas de cigarro, fivelas de cinto e cabides de roupa, muito excitantes.

*Wait não estava na verdade pensando em sexo, naquele momento. Acabara de ter a ideia de se mandar para Manhattan e não queria fazer nada que desse à policia uma desculpa para trancafiá-lo. Era bem conhecido pela polícia, que sempre o detinha quando havia eventuais assaltos pelas redondezas, embora nunca tivesse de fato cometido um crime. A polícia estava sempre de olho nele. Diziam-lhe coisas assim: “Mais cedo ou mais tarde, filho, você vai escorregar.”

Aí, então, a Sra. Hoover apareceu na porta da frente, vestida apenas com um roupão de banho. Havia uma piscina atrás da casa. O rosto dela estava cheio de rugas e seus dentes em péssimo estado, mas ainda possuía um belo corpo. Perguntou a ele se não gostaria de entrar e tomar uma limonada, ou algo parecido.

Quando deu por si, *Wait estava tendo relações sexuais com ela, que, entre gemidos e arranhões em suas costas, murmurava em seus ouvidos que eles eram dois de uma mesma espécie, ambos perdidos. E beijava as cicatrizes dele.

Bem, a Sra. Hoover veio a conceber um filho, dali a nove meses, o qual o Sr. Hoover pensava ser seu. Era um garoto bonito, que cresceria e viria a ser tornar um bom músico e dançarino, tal como *Wait.

• • •

*Wait soube a respeito da criança quando já estava em Manhattan, mas nunca conseguiu pensar nele como seu filho. Passava anos sem pensar nisso. Então, assim de repente, seu cérebro gigante lhe lembrava que, em algum lugar do mundo, estava este jovem, passeando por aí, que não estaria nesse mundo se não fosse por ele. Esse pensamento o deixava todo arrepiado. Fora uma consequência grande demais para um simples acidente.

E para que quereria um filho, naqueles dias? Era a última coisa em que pensava.

• • •

A idade em que o macho humano já tem condições de gerar filhos, hoje, é 6 anos, mais ou menos. Quando um menino de 6 anos encontra uma fêmea que está no cio, nada nem ninguém consegue impedi-lo de manter relações sexuais com ela.

E eu fico até com pena desses garotos. Ainda me lembro como eu era, quando tinha 16 anos. Era fogo ficar sexualmente excitado. Naqueles tempos, como agora, um orgasmo não adiantava nada! Dez minutos depois de a gente ter transado uma garota, já queria outra. E ainda por cima éramos obrigados a fazer trabalhos de casa!

4

Os passageiros do *Bahía de Darwin* ainda não estavam sentindo muita fome. Os intestinos de todos eles, inclusive o de *Kazakh, ainda estavam digerindo as últimas moléculas do que tinham comido no dia anterior. Ninguém ainda estava comendo partes do corpo deste ou daquele, ou seja, o esquema de sobrevivência das tartarugas das Ilhas Galápagos. As meninas Kanka-bono já estavam acostumadas a passar fome. Para os outros, seria a primeira vez.

E as únicas pessoas que tinham que manter suas forças, sem poder dormir a hora que bem entendessem, eram o capitão e Mary Hepburn. As Kanka-bono não sabiam nada sobre o navio, ou o oceano, e não entendiam outra linguagem que não fosse o kanka-bono. Hisako estava em estado de catatonia. Quer dizer, só mesmo o capitão e Mary poderiam cuidar de ambos, do navio e de *Wait.

Durante a primeira noite, ambos concordaram que Mary navegaria durante o dia, quando poderia ver, sem medo de se enganar, em que direção ficava o leste, de onde haviam fugido, e onde era o oeste, onde supostamente ficavam a paz e o conforto da ilha de Baltra. O capitão navegaria durante a noite, à luz das estrelas.

E quando um ou outro não estivessem no leme, cuidariam de *Wait e, se possível, dormiriam um pouco. Era, certamente, uma responsabilidade muito cansativa para ambos. Mas, segundo os cálculos do capitão, isso duraria pouco, pois Baltra devia estar a menos de quarenta horas de viagem.

Se tivessem alcançado Baltra, coisa que nunca conseguiram, teriam-na encontrado devastada e deserta. A dagonite fora lá também.

• • •

Naqueles tempos, os seres humanos costumavam ser tão prolíficos que explosões como aquelas tinham pouca, ou mesmo nenhuma consequência biológica sobre eles. Mesmo no final de cada guerra, ainda havia um bocado de gente por ali. Bebês nasciam com tanta facilidade que os mais sérios esforços para reduzir a população, através da violência, nunca davam certo. Aquelas guerras, à exceção do ataque nuclear a Hiroshima e Nagasaki, não causavam mais desequilíbrio na espécie que aquele que o *Bahía de Darwin* estava causando agora, singrando o oceano.

A humanidade tinha a habilidade de se repor tão rapidamente, através dos bebês, que nasciam sem parar, que muita gente até considerava aquelas explosões um espetáculo pirotécnico, formas teatrais de se chamar a atenção, nada mais que isso.

Entretanto, o que a humanidade estava a ponto de perder, agora, à exceção daquela pequena colônia em Santa Rosalia, era algo que aquele oceano jamais perderia, pois era feito de água: a capacidade de se recuperar.

No que dizia respeito à humanidade, todas as feridas viriam a se tornar permanentes. E as explosões não seriam mais encaradas como mero espetáculo pirotécnico.

• • •

Se a humanidade tivesse continuado a se recuperar através das cópulas, como antes, então a história que estou contando sobre a colônia humana de Santa Rosalia seria tragicômica, com o superficial e incompetente capitão Adolf von Kleist estrelando. E teriam se passado meses, em vez de um milhão de anos, porque os colonizadores não teriam, afinal de contas, se tornado colonizadores. Seriam apenas pessoas perdidas no oceano, que dentro em pouco seriam localizadas e resgatadas.

Entre eles se encontraria um capitão envergonhado, único responsável pelo naufrágio.

Depois de apenas uma noite no mar, entretanto, o capitão ainda conseguia pensar que tudo estava indo bem. Logo seria a hora de Mary o render no leme, ocasião em que ele lhe daria as seguintes instruções: “Oriente-se sempre pelo sol, de manhã e à tarde.” E o capitão ainda tentava manter sua autoridade ante os passageiros. Afinal, todos o tinham visto bêbado e cambaleante. Assim que chegassem a Baltra, pensava, já teriam se esquecido de sua bebedeira e diriam a todos que ele salvara suas vidas.

Esta era outra coisa que as pessoas faziam naqueles tempos, e que hoje não fazem mais: visualizar coisas que ainda não tinham acontecido, e que talvez nem acontecessem. Minha mãe era muito boa nisto. Achava que algum dia meu pai ia parar de escrever ficção científica e, então, um dia escrever algo sobre o qual todo mundo estivesse interessado em ler. E nós nos mudaríamos para uma nova casa, em uma bela cidade, teríamos belas roupas, coisas assim. Ela me fazia ficar imaginando por que Deus se dera ao trabalho de criar a realidade palpável, pois parecia que ninguém gostava dela.

Citou Mandarax:

A imaginação é tão eficiente quanto muitas viagens — e bem mais barata!

George William Curtis (1824-1892)

Portanto, ali estava o capitão, seminu, na ponte do *Bahía de Darwin.* Em sua imaginação, porém, estava na ilha de Manhattan, onde se encontrava a maior parte de seu dinheiro e de seus amigos. Pretendia voltar para lá, de Baltra, de uma maneira ou de outra, e comprar um belo apartamento na Park Avenue. Ao diabo com o Equador!

• • •

A realidade intrometeu-se em seus pensamentos. O sol estava ficando bem forte. Aliás, tinha alguma coisa errada com aquele sol. A noite inteira o capitão pensara estar navegando em direção ao oeste, o que queria dizer que o sol devia ter nascido atrás do navio. E, realmente, ele estava lá atrás, só que muito para a direita. Então, ele foi virando o leme, até colocar o sol na posição em que achava que devia estar, ou seja, bem à sua esquerda. Seu cérebro gigante, que era o único responsável pelo erro que acabara de cometer, jurava por tudo quanto era mais sagrado que tudo estava correndo bem, que fora um errinho de nada, só porque as estrelas estavam meio ocultas pela bruma da manhã. Seu cérebro gigante também queria conquistar o respeito de si mesmo, assim como da tripulação. Seu cérebro, afinal, tinha vida própria, e dia viria em que o capitão teria vontade de arrancá-lo da cabeça e fazê-lo em picadinhos, por tê-lo enganado.

Mas esse dia só iria chegar dali a uma semana.

Ainda confiava no velho cérebro quando foi à popa ver como estava passando “Willard Flemming”, e ajudar Mary a arrastá-lo para a sombra. Não pus um asterisco na frente do nome de Willard Flemming porque tal personagem não existia — portanto, não podia morrer.

E o capitão estava tão desinteressado em Mary como pessoa que ele nem mesmo sabia seu sobrenome. Ele achava que era Kaplan, o nome que estava gravado em sua jaqueta, e que agora estava sendo usada por *Wait.

*Wait também achava que o sobrenome dela era Kaplan, embora Mary sempre lhe dissesse que não. Durante a noite, ele lhe disse:

— Vocês, judeus, sabem mesmo como sobreviver, não?

E Mary respondera:

— Você também é um sobrevivente, Willard.

— Bem — disse ele —, eu também pensava assim, Sra. Kaplan. Agora já não tenho tanta certeza. Acho que qualquer pessoa que ainda não esteja morta é

um sobrevivente.

— Ora, ora — disse Mary —, vamos falar de coisas agradáveis. Vamos falar sobre Baltra.

Mas o suprimento de sangue para o cérebro gigante dele deve ter falhado momentaneamente, porque *Wait continuou a seguir sua linha de pensamento. Até deu um sorriso.

— Existem pessoas que vivem dizendo por aí que são grandes sobreviventes, como se isso fosse grande coisa. Mas o único tipo de pessoa que não pode dizer isso é um cadáver.

— Vamos, vamos... — dizia Mary.

• • •

Quando, logo depois que o sol surgiu, o capitão apareceu na frente de *Wait e Mary, esta acabara de consentir em se casar com ele. *Wait a convencera na conversa. Era como se ele tivesse suplicado por água a noite inteira, até que, finalmente, ela resolveu dar-lhe. Se ele queria tanto se casar, e isso era tudo o que Mary podia fazer por ele, resolvera aquiescer.

Não esperava, entretanto, que a cerimônia fosse acontecer tão rapidamente. Aliás, nem ao menos esperava que o casamento viesse mesmo a se consumar. Sem dúvida, gostara de tudo o que *Wait lhe dissera a seu respeito. Durante a noite, Mary descobrira que ele também era um entusiasta de esquiar na neve. *Wait lhe garantira que nunca se sentia tão feliz como quando estava esquiando, com muita neve ao seu redor, lagos congelados e florestas. Na verdade, nunca esquiara em sua vida, mas uma vez casara-se com, e arruinara, uma viúva cujo marido fora dono de uma estação de esqui nas Montanhas Brancas, em New Hampshire. Cortejara-a durante a primavera e a tornara uma pobretona antes que o outono chegasse.

Mary não estava se comprometendo com um ser humano. Seu noivo não passava de um *pastiche.*

Não que importasse muito com quem ficasse noiva, lhe dizia seu cérebro gigante, pois certamente não poderiam se casar antes de chegar a Baltra, e “Willard Flemming”, caso ainda estivesse vivo até lá, teria que entrar em tratamento intensivo quase que imediatamente. Tinha bastante tempo, ela pensava, para fugir ao compromisso.

Por isso, não levou muito a sério quando *Wait disse ao capitão:

— Tenho ótimos notícias. A Sra. Kaplan vai se casar comigo. Sou o homem mais sortudo desse mundo!

O destino pregou então uma peça em Mary Hepburn, quase idêntica àquela que me pregara, quando fui decapitado.

— Vocês estão com sorte — disse o capitão. — Como capitão desse navio, em águas internacionais, estou legalmente autorizado a casá-los. Queridos noivos, estamos aqui reunidos, aos olhos de Deus... — começou ele, e dois minutos depois proclamara “Mary Kaplan” e “Willard Flemming” marido e mulher.

5

Citou Mandarax:

Juras nada mais são que palavras, e palavras, nada mais que vento.

Samuel Butler (1612-1680)

E Mary Hepburn, em Santa Rosalia, sempre se lembraria dessas palavras de Mandarax, assim como de centenas de outras. Mas, com o correr dos anos, passou a levar seu casamento com “Willard Flemming” cada vez mais a sério, mesmo tendo esse seu segundo marido falecido, com um sorriso nos lábios, dois minutos após o capitão tê-los proclamado marido e mulher. Diria à peluda Akiko, quando ela já era velhinha desdentada e encarquilhada: “Agradeço a Deus por ter-me enviado dois homens bons.” Referia-se a Roy e a “Willard Flemming”. Era uma maneira, também, de deixar bem claro que não pensava muito do capitão, que, então, também já estava bem velho, e era pai ou avô de toda a população jovem da ilha, à exceção de Akiko.

• • •

Akiko era a única jovem da colônia que sempre queria ouvir histórias, particularmente as de amor, sobre como era a vida no continente. E Mary sempre pedia desculpas a ela por não ter muitas histórias para contar. Seus pais, dizia, haviam sido muito apaixonados um pelo outro, e Akiko ficava deliciada em ouvir como eles ainda se abraçavam e beijavam, mesmo já próximos do fim.

Mary a fizera rir com a história de um ridículo caso de amor que tivera, se é que se poderia chamá-lo assim, com um viúvo chamado Robert Wojciehowitz, chefe do Departamento de Inglês da Universidade de Ilium, antes de esta ser fechada. Fora a única pessoa, além de Roy e de “Willard Flemming”, que lhe propusera casamento.

A história era a seguinte:

Robert Wojciehowitz começara a telefonar para ela e marcar encontros duas semanas após o enterro de Roy. Mary não aceitara, é claro, e lhe dissera que ainda era muito cedo para começar a sair com alguém.

Fizera tudo o que podia para desencorajá-lo mas, uma tarde, ele veio visitá-la, embora ela tivesse deixado bem claro que queria ficar sozinha. Chegara no momento em que Mary estava aparando a grama do jardim. Obrigara-a a desligar o aparador elétrico e lhe fez uma proposta de casamento.

Mary descrevia o carro dele para Akiko, que ria muito, embora nunca tivesse visto, ou viesse a ver, um automóvel. Robert Wojciehowitz tinha um Jaguar que já fora muito bonito, mas que agora estava com a pintura e os bancos inteiramente gastos. Sua esposa lhe deixara o carro de presente, em seu leito de morte. O nome dela era *Doris, um nome que Akiko viria a dar a uma de suas peludas filhas, só por causa daquela história.

*Doris Wojciehowitz herdara uma certa quantia, e comprara o Jaguar para o marido como uma forma de recompensá-lo por ter sido sempre tão bom. Tinham um filho, já crescido, chamado Joseph, que era um “garotão” e que destruíra o carro, enquanto sua mãe ainda vivia. Joseph fora mandado para a cadeia por um ano — como punição por dirigir embriagado.

Aí está ele, novamente! Nosso amigo, encurtador de cérebros, o álcool.

A proposta de casamento de Robert fora feita no jardim mais bem cuidado daquela região. Todos os outros jardins das redondezas estavam sendo invadidos pelas ervas daninhas, pois todo mundo se mudara. E durante todo o tempo que Robert levou para fazer a proposta, um velho cachorro ficou latindo para ele, fingindo ser perigoso. Era Donald, o cachorro que dera tanta alegria a Roy nos últimos dias de sua vida. Naqueles tempos, até os cachorros tinham nome. E Donald era inofensivo. Nunca mordera ninguém. Só o que queria era que alguém lhe atirasse um pedaço de pau, para que pudesse ir correndo atrás e trazê-lo de volta, e coisas assim. Donald não era muito esperto, isso para dizer o mínimo. Certamente, jamais teria escrito a “Nona Sinfonia” de Beethoven.

Quando estava dormindo, geralmente as pernas de Donald tremiam. Isso porque ele sempre sonhava que estava correndo atrás dos pauzinhos.

Robert tinha medo de cachorros — porque ele e sua mãe haviam sido atacados, um dia, por um doberman, quando ele tinha apenas cinco anos. Só conseguia ficar perto de cachorros se tivesse alguém junto, para controlar o animal. Porém, sempre que se via sozinho com um, não importava de que tamanho fosse, Robert suava e tremia feito vara verde, e seu cabelo ficava todo arrepiado. Tomava todo o cuidado que podia para evitar tais situações.

Mas Mary ficara tão surpresa com sua proposta de casamento que começou a chorar, coisa que, hoje, ninguém mais faz. Estava tão embaraçada e confusa que pediu mil desculpas a ele e correu para dentro de casa. Não queria se casar com mais ninguém, além de Roy. Ainda que este estivesse morto, não queria mais casar.

Quer dizer, Robert ficou sozinho ali. Só ele e o cachorro.

Se o cérebro gigante dele fosse uma entidade bondosa, o faria caminhar, devagarinho, até seu carro e falar com Donald, de maneira brusca, e enxotá-lo para casa, ou algo parecido. Entretanto, fez com que ele saísse correndo. E seu cérebro era tão maldoso que fez com que ele passasse direto pelo carro, com Donald correndo e latindo bem atrás. Então, Robert cruzou a rua e subiu, às pressas, em uma macieira, no quintal de uma casa abandonada, que pertencera a uma família que se mudara para o Alasca.

Donald sentou-se aos pés da árvore e ficou latindo para Robert.

E Robert ficou lá em cima durante toda uma hora, com medo de descer, até que Mary, estranhando o fato de Donald ficar latindo sem parar, foi até lá e o salvou.

Quando desceu da árvore, Robert sentia-se tão nauseado pelo medo que vomitou. Após ter sujado suas calças e seus sapatos com o vômito, disse, enraivecido: “Não sou homem! Simplesmente, não sou homem! Nunca mais vou incomodar você. Nunca mais vou incomodar mulher nenhuma!”

E eu reconto este fato, a esta altura dos acontecimentos, porque o capitão Adolf von Kleist viria a se sentir da mesma forma, após ter singrado o oceano por cinco dias e cinco noites e não ter conseguido achar nenhuma ilha.

Estava muito ao norte — muito, mas muito mesmo, ao norte. Todos *nós* estávamos muito ao norte. É claro, eu não estava com fome, nem James Wait, que já era um cadáver, trancado no refrigerador do navio. A cozinha, mesmo sem lâmpadas, ainda podia ser iluminada, embora precariamente, pelas chamas dos fogões. Quente e fria.

E os encanamentos também estavam funcionando. Tinha um bocado de água em todas as torneiras, quente e fria.

Quer dizer, ninguém estava com sede. Mas todo mundo estava morrendo de fome. Kazakh, a cadela de Selena, tinha desaparecido, e eu não coloquei um asterisco na frente de seu nome porque ela já estava morta. As Kanka-bono a haviam raptado, enquanto Selena dormia, e esganado e estripado, sem usar nenhum outro aparato que não suas próprias mãos, dentes e unhas. Cozinharam-na em um dos fogões e ninguém ainda sabia que tinham feito aquilo.

Bem, a cadela também estava morrendo de fome. Quando a mataram, era só pele e osso.

Se o animal tivesse chegado a Santa Rosalia, não teria muito futuro — mesmo que houvesse um cachorro por lá. Não tinha mais seus órgãos sexuais, lembram? Tudo que poderia fazer, se tivesse chegado lá, seria mostrar à peluda Akiko, que ainda não nascera, como era um cachorro. E, afinal, Kazakh não teria, mesmo, vivido tempo suficiente para que as crianças da ilha brincassem

com ela, vissem-na abanar a cauda, esse tipo de coisas. Não iriam nem ouvi-la latir, pois Kazakh nunca latia.

6

Bem, para que nenhum de vocês chore pela morte de Kazakh, torno a dizer: ela não iria, mesmo, compor a “Nona Sinfonia” de Beethoven.

Digo o mesmo com respeito à morte de James Wait:

— Bem... ele não iria, mesmo, compor a “Nona Sinfonia” de Beethoven.

Este seco comentário, que demonstra bem quão pouco conseguimos nos realizar na vida, por mais que lutemos e por mais tempo que vivamos, não é invenção minha. A primeira vez que eu o ouvi, foi durante um funeral, na Suécia, quando ainda estava vivo. O cadáver, naquele ritual de passagem, era o de um obtuso e detestado mestre de obras do porto chamado Per Olaf Rosenquist. Morrera jovem. Pelo menos, naqueles tempos, ainda era considerado jovem. Tal e qual James Wait, herdara um problema cardíaco dos pais. Fui ao enterro com um colega de trabalho chamado Arvid Boström. Não que importe muito, hoje, qual era o nome das pessoas há um milhão de anos. No momento em que saímos da igreja, Boström me disse: “Bem... ele não ia, mesmo, compor a ‘Nona Sinfonia’ de Beethoven”.

Perguntei a ele se esse comentário era de sua autoria e ele disse que não, que o ouvira de seu avô, que era alemão. Ele era o oficial encarregado de enterrar os mortos na Frente Oeste, durante a Primeira Guerra Mundial. Era comum que os soldados calouros naquele tipo de serviço ficassem filosofando a respeito deste ou daquele cadáver, nos rostos em que iriam jogar terra, especulando o que poderiam ter feito, caso não tivessem morrido tão jovens. Um veterano, por outro lado, podia fazer os mais cínicos comentários para esses novatos. Um deles era: “Não se preocupe, rapaz. Ele não ia, mesmo, compor a ‘Nona Sinfonia’ de Beethoven.”

• • •

Eu mesmo fora enterrado bem jovem, em Malmö, a apenas seis metros de onde estava Per Olaf Rosenquist, e Hjalmar Arvid Boström, na época, fez o seguinte comentário a respeito de minha pessoa: “Ora, bem... ele não ia, mesmo, compor a ‘Nona Sinfonia’ de Beethoven.”

Por isso, lembrei-me desse comentário infame quando o capitão Von Kleist consolava Mary pela morte daquele que ambos acreditavam ser Willard Flemming. Estavam no mar há apenas doze horas, e o capitão ainda se sentia muito superior a ela. Aliás, a todo mundo.

Disse-lhe, então, enquanto lhe ensinava como manter o leme na direção certa:

— Que perda de tempo, gastar lágrimas por causa de um ilustre desconhecido. Pelo que você me contou, ele já nem trabalhava mais. Que há para chorar, então?

Aquela poderia ter sido uma boa hora para eu revelar minha presença, dizendo: "Certamente ele não iria mesmo compor a 'Nona Sinfonia' de Beethoven."

Então o capitão fez uma espécie de brincadeira. Só que, quando falou, não parecia estar brincando.

— Como capitão desse navio ordeno-lhes que chorem apenas quando valer a pena. E agora, não vale.

— Ele era meu marido — replicou Mary. — Eu decidi seguir em frente com aquela cerimônia que você levou tão a sério. Pode rir, se quiser.

Wait, naquela hora, ainda estava deitado no convés. Ainda não o tinham posto no refrigerador.

— Ele deu muito ao mundo, e ainda tinha muito para dar, se pudéssemos ter salvo sua vida — disse Mary.

— O que este sujeito deu de tão maravilhoso ao mundo? — perguntou o capitão.

— Ele conhecia mais sobre moinhos de vento do que qualquer outra pessoa — respondeu Mary. — Disse que poderíamos aposentar as minas de carvão e urânio... que, apenas com moinhos, poderíamos tornar o lugar mais frio do mundo tão quente quanto Miami. E era compositor, também.

— Mesmo! — exclamou o capitão.

— Mesmo — concordou Mary. — Escreveu duas sinfonias.

Que piada! Depois de tudo que contei a respeito de James Wait, e às portas da morte, ele ainda encontrara forças para mentir a Mary, afirmando-lhe ter composto duas sinfonias. E Mary afirmava que, assim que voltasse à América, iria até Moose Jaw procurar aquelas duas sinfonias que, é claro, nunca haviam sido executadas, e tentaria fazer com que alguma orquestra as tocasse. Se voltasse, lógico, não teria encontrado nada. James Wait não compôs, mesmo, a "Nona Sinfonia" de Beethoven, nem sinfonia alguma.

— Willard era um homem tão modesto — completou Mary.

— É, parece que era mesmo — disse o capitão.

• • •

Cento e oito horas depois, o capitão se veria em competição direta com aquele modesto modelo de perfeição que era Wait.

— Se pelo menos Willard estivesse vivo — disse Mary —, ele saberia exatamente o que fazer.

O capitão já havia perdido completamente o respeito por si mesmo, e embora ainda tivesse trinta anos de vida pela frente, nunca mais o recuperaria. Que tal isso como tragédia? Ficava sem saber onde enfiar a cara, ante as zombarias de Mary.

— Estou aberto a sugestões — disse. — Só me diga o que o maravilhoso Willard teria feito, e terei prazer em fazer igual.

Neste ponto já tinha despido o cérebro e navegava guiado apenas pelo sexto sentido, rodando o leme de um lado para o outro. Se tivesse avistado uma ilha do tamanho de um lenço de bolso, teria se ajoelhado e dado graças a Deus. E, outra vez, o sol, bem à sua frente, ou à sua esquerda, ou à sua direita, ou atrás dele, estava se pondo.

No convés inferior, Selena MacIntosh chamava sua cadela:

— Kaazaaaaakh! Kaaazaaaa... aaakh! Alguém viu minha cachorrinha?

E Mary gritava em resposta:

— Aqui em cima ela não está!

E, então, tentando imaginar o que Willard teria feito, teve a ideia de que, talvez, Mandarax, que só era usado como relógio ou como tradutor, poderia também servir de rádio. E disse ao capitão para tentar usá-lo para pedir ajuda.

O capitão não sabia que o instrumento era um Mandarax. Pensava que era um Gokubi. Tinha, afinal, um Gokubi em sua casa, lá em Quito. Seu irmão o dera a ele, no Natal anterior, mas, na ocasião, o capitão não conseguira achar nenhuma utilidade para o objeto. Para ele, era apenas mais um brinquedo, e só sabia uma coisa a seu respeito: que, certamente, não era um rádio.

Agora, pesava entre as mãos o que achava ser um Gokubi, e disse a Mary:

— Daria meu braço para que esta merda fosse um rádio! Garanto a vocês que nem São Willard Flemming poderia mandar ou receber qualquer mensagem com isso.

— Acho que já é hora de você parar de ter tanta certeza sobre tudo! — gritou Mary.

— Também pensei nisso — concordou o capitão.

— Então, envie um SOS — disse Mary. — Que mal isso pode fazer?

— Nenhum — concordou de novo o capitão. — Sra. Flemming, a senhora tem toda a razão. Certamente, mal não pode fazer. — Falou, então, ao pequeno

microfone do Mandarax, dizendo a palavra que, internacionalmente, significava que um navio estava em perigo, há um milhão de anos. — Mayday! Mayday! Mayday!

Olhava, então, para a diminuta tela do computador, para que ele e Mary pudessem ver, caso aparecesse ali alguma mensagem. Tudo que conseguiu, porém, foi alcançar um certo programa na memória de Mandarax, que um Gokubi não tinha, cheio de frases de homens famosos sobre qualquer tipo de assunto, incluindo o mês de maio. Na telinha apareceram as seguintes palavras:

No depravado maio, arbustos e castanheiros, floreando Judas.
A ser deglutido, dividido, consumido,
Entre murmúrios...

T. S. Eliot (1888-1965)

7

Por um momento, Mary e o capitão acreditaram ter conseguido contato com o mundo, lá no continente, embora nenhuma resposta a um SOS pudesse chegar tão rápido, nem de forma assim tão literária.

Então, o capitão chamou de novo:

— Mayday! Mayday! Aqui é o *Bahía de Darwin* chamando, posição ignorada. Estão me ouvindo, câmbio?

E Mandarax replicou:

No ano que vem, maio será ótimo, como se nem fosse maio:
Mas, até então, já seremos vinte e quatro.

A. E. Housman (1859-1936)

Ficou evidente, então, que a palavra *maio* estava em algum lugar na memória do computador. O capitão ficou sem saber o que dizer. Ainda achava que o instrumento era um Gokubi, talvez um pouquinho mais sofisticado que aquele que tinha em casa. Mal sabia ele! Percebeu que o computador estava fornecendo respostas concernentes ao mês de maio. Tentou, então, junho.

E Mandarax replicou:

Junho já está estourando por aí.

Oscar Hammerstein II (1895-1960)

— Outubro! Outubro! — berrou o capitão.

E Mandarax:

Os céus estavam cinzentos e tristes;
As folhas, crispadas e secas...
As folhas, embranquecidas e secas;
Era noite no solitário outubro
De um ano que mal consigo recordar.

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Bem, assim era Mandarax, que o capitão ainda achava ser um Gokubi. Mary, então, disse que subiria de novo ao posto de vigília, para tentar localizar terra em algum ponto.

Antes de subir, entretanto, fez uma pergunta ao capitão. Pediu a ele que lhe informasse o nome de qualquer ilha que estivesse naquelas redondezas. Era uma coisa que ele vinha fazendo o dia inteiro, mencionar o nome de várias ilhas que, supostamente, estariam logo à sua frente.

— Fique de olho em San Cristóbal, ou talvez Genovesa... depende de quão ao sul estejamos — respondera o capitão.

E mais tarde naquele dia, diria:

— Ah! Já sei onde estamos! Veremos a ilha de Hood a qualquer momento — é o único lugar do mundo onde os albatrozes fazem seus ninhos. Eles são os maiores pássaros do arquipélago.

E outras coisas.

Aliás, esses albatrozes ainda estão por aí, e ainda fazem seus ninhos na ilha de Hood. Suas asas chegam a alcançar dois metros e eles são o que de mais parecido há, hoje, com os antigos aviões.

No final do quinto dia, entretanto, o capitão já não respondia nada quando Mary lhe perguntava sobre o nome de alguma ilha que ele acreditasse estar próxima.

Ela, então, perguntou mais uma vez, e ele respondeu:

— Procure pelo Monte Ararat.

• • •

Quando Mary chegou ao posto de vigília eu estava com ela, e me surpreendeu o fato de ela não se assustar ao ver o que eu vi, no horizonte. A coisa parecia ser um fenômeno elétrico qualquer, embora silencioso — uma espécie de relâmpago, talvez, ou fogo de santelmo.

E aquela velha professora olhava diretamente em sua direção e não dava mostras de achar que fosse algo fora do comum. Compreendi, então, que só eu o estava vendo, e aí entendi o que era: era o túnel azul para o além-túmulo. Veio novamente atrás de mim.

Eu já o vira três vezes, antes: primeiro, no instante em que fui decapitado; depois, no cemitério, em Malmö, quando jogaram terra sueca sobre meu caixão, e Hjalmar Arvid Boström, que certamente também não ia nunca compor a “Nona Sinfonia” de Beethoven fizera o seguinte comentário a meu respeito: “Ora, bem, ele não ia mesmo compor a ‘Nona Sinfonia’ de Beethoven”; e a terceira aparição foi quando eu estava lá no posto de vigília — durante aquela tempestade no

Atlântico Norte, todo molhado, segurando minha cabeça entre as mãos, como se fosse uma bola de basquete.

A pergunta que o túnel azul faz, sempre que aparece, só as pessoas como eu podem responder: será que eu já havia satisfeito minha curiosidade sobre qual o significado da vida? Se tivesse, era só entrar dentro daquela espécie de aspirador de pó. Caso haja mesmo algum tipo de sucção naquele túnel, fracamente iluminado por uma luz azulada, aparentemente não estava perturbando meu pai, o escritor de ficção científica Kilgore Trout, que sempre aparecia na boca do túnel e falava comigo.

• • •

A primeira coisa que meu pai disse desta vez foi:

— E aí, meu filho, já se cansou de navegar na nau dos insensatos? Venha para cá, com o papai. Vire as costas dessa vez, meu filho, e só vai me ver daqui a um milhão de anos.

Um milhão de anos! Meu Deus — um milhão de anos! Ele não estava brincando. Embora tenha sido um péssimo pai, sempre cumprira suas promessas e nunca mentira para mim. Bem, dei um passo em sua direção, mas não consegui dar o segundo. Eu parecia um mergulhão fêmea no início da dança do amor. Como na dança, aquele primeiro e incerto passo era como o bater de um relógio. Logo, o apelo se tornava irresistível. E eu já estava quase hipnotizado por ele. O barulho dos motores do *Bahía de Darwin* ficaram distantes e o convés começou a ficar transparente, e eu podia enxergar o salão principal, onde as meninas Kanka-bono já estavam chupando os ossos de sua irmãzinha Kazakh.

Aquele primeiro passo em direção a meu pai me fez pensar o seguinte a respeito das seis meninas, de Mary Hepburn, de Hisako Hiroguchi e seu feto, lá no lavatório, da cega Selena, do desmoralizado capitão e de James Wait, lá no refrigerador: “Por que devo me importar com esses estranhos, esses escravos do medo e da fome? Que tenho a ver com eles?”

• • •

Quando meu pai percebeu que eu hesitava em dar o segundo passo, insistiu: “Venha, Leon. Não pare.”

“Mas minha pesquisa ainda não acabou”, protestei. Escolhi ser um fantasma porque, assim, podia ler os pensamentos das pessoas, aprender sobre seu passado, atravessar paredes, estar em vários lugares ao mesmo tempo, entender o

porquê das coisas serem de um determinado modo e não de outro, ter acesso a todo o conhecimento humano. “Pai”, pedi, “me dê mais cinco anos.”

“Cinco anos!”, exclamou ele.

Aí, ele zombou de mim, a respeito das três barganhas que eu já havia feito com ele. “Só mais um dia, pai; só mais um mês, pai; só mais seis meses, pai.”

“Mas eu estou aprendendo tanto sobre o que é a vida, como realmente funciona, qual o seu significado, afinal!”, protestei.

“Não minta para mim!”, exclamou ele. “Alguma vez eu menti para você?”

“Não, senhor.”

“Então, não minta para mim.”

“O senhor é alguma espécie de deus, agora?”, perguntei.

“Não”, respondeu ele. “Não sou nada, ainda, além de seu pai, Leon — mas não minta! Nesse tempo todo não fez outra coisa que não acumular informações. Podia estar colecionado bolas de beisebol ou garrafas e seria a mesma coisa. Com toda essa informação dentro de você, podia até ser Mandarax.”

“Só mais cinco aninhos, pai — paizinho, paizão, por favor!” — implorei.

“Não é tempo suficiente para você aprender o que quer. E é por isso, meu filho, que eu lhe dou a minha palavra de honra: se der as costas para mim, agora, só voltarei daqui a um milhão de anos.”

“Leon! Leon! Leon!”, implorava ele. “Quanto mais você aprender sobre as pessoas, mais decepcionado vai ficar. Pensei que já tivesse visto o suficiente, depois de ter lutado naquela guerra sem sentido, insensível e inútil.

“Preciso, mesmo, lhe lembrar que esses animais maravilhosos, sobre os quais você, aparentemente, ainda quer aprender mais e mais, estão, neste exato momento orgulhosos de terem, cada um, sua própria bomba pronta para ser detonada, bombas que vão liquidar com tudo e a todos?

“Preciso lhe lembrar que esse planeta, outrora tão rico e belo, agora, quando visto de cima, parece até as entranhas de Roy Hepburn, quando fizeram a autópsia nele? E que os focos desse câncer, crescendo sem parar, envenenando tudo, são justamente as cidades construídas por seus amados seres humanos?

“Preciso lhe lembrar que esses animais fizeram uma confusão tão grande que nem podem mais oferecer uma vida decente a seus próprios filhos? Que se sentirão felizes se tiver sobrado algo com que possam se alimentar no ano 2000, daqui a apenas quatorze anos?

“Tal e qual as pessoas neste navio, meu filho, eles são guiados por capitães que não têm mapas nem compassos, e que não pensam em outra coisa a não ser manter seu respeito próprio.”

• • •

Como quando ainda estava vivo, ele precisava fazer a barba. Ainda era pálido e magro. Ainda fumava. E a maior razão por eu não ter dado outro passo em sua direção, é claro, era que eu não gostava dele.

Eu fugira de casa com 16 anos só porque tinha vergonha de ser filho dele.

Se fosse um anjo que estivesse ali, em vez de meu pai, talvez eu tivesse mesmo entrado no túnel.

• • •

James Wait fugira de casa porque as pessoas viviam batendo nele. Aliás, ele bem poderia ter sido vítima da Inquisição espanhola, de tão engenhosos que eram os métodos de tortura que seus pais adotivos inventaram para ele. Eu, por outro lado, fugira de meu verdadeiro pai, que jamais encostara um dedo em mim.

Quando eu ainda era jovem demais para entender as coisas, porém, meu pai me tornara seu cúmplice em fazer com que minha mãe nos abandonasse para sempre. Ele sempre conseguia me convencer a concordar com ele, quando não deixava minha mãe nem pensar em viajar, em convidar alguns amigos para o jantar, ir a um cinema ou restaurante, de vez em quando. E eu concordava com meu pai. Então, eu acreditava ser ele o maior escritor do mundo, e me orgulhava disso. Não tínhamos amigos, e nossa casa era a mais pobre das redondezas. Não tínhamos televisão nem carro. Portanto, por que não iria eu defendê-lo? Nunca, antes, ele se vangloriara de si próprio. Naquela época, eu achava uma grande coisa ele não fazer mais nada a não ser escrever e fumar o tempo todo — o tempo todo, mesmo.

Ah, sim! Tinha uma outra coisa a respeito dele da qual eu também sentia orgulho, assim como todo o povo de Cohoes: ele estivera na Marinha dos Estados Unidos.

Quando completei 16 anos, porém, cheguei à mesma conclusão que minha mãe e meus vizinhos já haviam chegado, há muito tempo: que meu pai era um repelente fracassado, que seus trabalhos só apareciam nas piores revistas, que lhe pagavam uma ninharia por eles. E ele era um insulto à própria vida, e só fazia escrever e fumar o tempo todo — o tempo todo, mesmo.

Naquela época, fui reprovado em todas as matérias no colégio, menos em artes. Ninguém era reprovado no colégio, em Cohoes. Era, simplesmente, impossível. Daí, fugi para procurar minha mãe. Mas nunca a achei.

• • •

Meu pai tinha mais de cem livros publicados, e mil contos. Mas em todas as minhas viagens pelo mundo, só encontrei uma pessoa que ouvira falar nele. Encontrar essa pessoa, assim, depois de tantos anos, me deixou tão emocionado que acho que até fiquei um pouco louco, por uns tempos.

Nunca telefonei para meu pai, nem lhe mandei um telegrama ou um cartão-postal. Nem sabia que ele havia morrido, só fui saber quando eu próprio morri e ele apareceu na boca do túnel azul.

Entretanto, eu ainda o respeitava, no único aspecto em que achava que ele devia ter orgulho de si próprio: eu também estivera na Marinha dos Estados Unidos. Era tradição de família.

E, que diabos, eu acabara me tornando um escritor, também, como meu pai, sem nem me passar pela cabeça que poderia, realmente, haver alguém que fosse ler meus escritos. Não existe tal pessoa. Não pode existir.

• • •

Quer dizer, ambos éramos como dois mergulhões na dança do amor, fazendo a única coisa que podíamos fazer, quer alguém estivesse vendo, ou — o que era mais provável — não.

• • •

E agora meu pai me dizia, lá do túnel: “Você é igualzinho à sua mãe.”

“Como assim?”, perguntei.

“Sabe qual era a frase favorita dela?”, perguntou ele.

E eu, claro, sabia. E Mandarax também. Afinal, é a epígrafe deste livro.

• • •

“Você acredita que os seres humanos são animais bonzinhos que, finalmente, resolverão todos os seus problemas e transformarão a Terra em outro Jardim do Éden.”

“Posso vê-la, por favor?”, perguntei. Eu sabia que ela estava em algum lugar do outro lado do túnel, que estava morta. Fora a primeira pergunta que eu fizera a meu pai, depois de minha morte. “Sabe o que aconteceu com mamãe?”. Eu a havia procurado em todos os lugares, antes de me alistar na Marinha dos Estados Unidos.

“É a mãe que está logo ali, atrás de você?”, perguntei. O túnel azul não parava de se mexer, e a cada movimento dele eu podia observar seu interior. E eu

já havia visto aquela mulher lá, na terceira vez em que meu pai me aparecera. Pensei que era minha mãe — mas não tive essa sorte.

"Sou Naomi Tharp, Leon", disse a mulher. Ela era a nossa vizinha que, após a fuga de minha mãe, fez o possível para tomar o lugar dela em meu coração, durante algum tempo. "É a Sra. Tharp" — ela gritou. — "Lembra-se de mim, não, Leon? Venha para cá, venha. Como você costumava vir pela porta da minha cozinha. Vamos, seja um bom garoto. Não quer ficar aí por mais um milhão de anos, quer?"

Dei mais um passo em direção ao túnel. O *Bahía de Darwin* parecia uma teia de aranha. O túnel se tornou tão concreto e real quanto o ônibus que me levava e trazia do trabalho, todo dia, em Malmö.

Mas então, atrás de mim, no posto de vigília do navio, veio o grito ininterrupto de Mary Hepburn. Ela estava gritando alguma coisa, sem parar. Encontrava-se em alguma espécie de agonia, pensei. Não conseguia entender suas palavras, mas, pelo tom, parecia até que ela tinha levado um tiro no estômago.

Eu tinha que saber o que ela estava gritando, por isso, dei dois passos para trás, me virei e olhei para ela. Mary estava rindo e chorando, ao mesmo tempo. Estava debruçada no parapeito e gritava para o capitão, lá embaixo:

— Terra à vista! Terra à vista! Graças a Deus! Terra à vista! Terra à vista!

8

Mary acabara de avistar Santa Rosalia. O capitão, é claro, levou o navio direto para onde ela apontava, esperando que a ilha fosse habitada por pessoas — ou, pelo menos, por animais que ele e os outros pudessem comer.

A questão ainda era a seguinte: será que eu ficaria ali, para ver o rumo dos acontecimentos? O preço que eu teria que pagar para satisfazer minha curiosidade e ver qual seria o destino dos colonos já estava estabelecido: teria que continuar sendo uma alma penada na Terra, sem nenhuma chance de que alguém pagasse minha fiança, por mais um milhão de anos.

Mary Hepburn tomara esta decisão por mim. Aliás, a “Sra. Flemming”, cuja alegria ao gritar aquilo chamou tanto minha atenção que, quando olhei de novo, o túnel não estava mais lá.

• • •

Eu, agora, já completei minha sentença de um milhão de anos. Paguei totalmente meu débito à sociedade, ou seja lá o que for. O túnel deve aparecer de novo, a qualquer momento. E, é claro, desta vez não vou hesitar em entrar. Não acontece mais nada por aqui que eu já não tenha visto ou ouvido antes. Ninguém por aqui, isto eu tenho certeza, vai compor a “Nona Sinfonia” de Beethoven — nem dizer uma mentira, nem começar a Terceira Guerra Mundial.

Minha mãe estava certa: mesmo nos tempos mais negros, ainda havia esperança para a humanidade.

• • •

Na tarde de segunda-feira, dia 1º de dezembro de 1986, o capitão Adolf von Kleist, cujo navio não tinha nem uma âncora em condições de uso, intencionalmente encalhou o *Bahía de Darwin* em um banco de lava endurecida, bem próximo à praia. Ele achava que o navio poderia se libertar dali, como já fizera antes, em Guaiaquil, quando tivessem de navegar outra vez.

Quando ele planejava navegar outra vez? Assim que as despensas estivessem cheias de ovos, iguanas, pinguins, cormorões, mergulhões, e qualquer outra coisa comestível. Quando tivesse um suprimento de comida tão grande quanto o de

combustível e água, voltaria ao mar de novo e retornaria, calmamente, para o continente, procurando por um porto pacífico onde pudesse atracar. Ia redescobrir o continente sul-americano.

Desligou, então, os dois fiéis motores. E isto decretou o fim da fidelidade deles. Por razões que o capitão nunca soube precisar, os motores nunca mais funcionaram.

Quer dizer, logo os fogões e o refrigerador também não funcionariam — assim que as baterias pifassem.

• • •

Ainda haviam uns dez metros daquela corda de náilon, daquele cordão umbilical branco, jogados no convés. Com ela, o capitão e Mary desembarcaram na ilha e foram à cata de ovos e de pequenos animais, que não demonstravam ter medo deles. Usavam a blusa de Mary e a camisa nova de James Wait, ainda com a etiqueta do preço presa ao bolso, como saca para carregar a pilhagem.

Esganaram mergulhões. Pegaram iguanas terrestres pelas caudas e bateram com eles na lava até matá-los. E foi justamente durante essa carnificina que Mary escorregou e se arranhou, e então, um tentilhão-vampiro experimentou, pela primeira vez, sangue humano.

• • •

Os dois assassinos deixaram em paz os iguanas marinhos, porque achavam que não eram comestíveis. Levariam dois anos até descobrir que uma certa espécie de algas marinhas, parcialmente digeridas pelo estômago dos iguanas, eram não apenas um alimento delicioso, quando cozidas, como também um remédio para as deficiências minerais e vitaminosas que os vinha incomodando, até então. Isto completaria sua dieta. Além do mais, algumas podiam digerir esta espécie de purê mais facilmente que outras, e isto as tornava saudáveis e bonitas — ou seja, mais desejáveis como parceiros sexuais. Então, a lei da seleção natural entrou em ação e o resultado, um milhão de anos depois, foi que, agora, os seres humanos também podem digerir aquelas algas diretamente da fonte, sem a intervenção dos iguanas marinhos.

E isso foi muito bom, para ambas as espécies.

As pessoas, entretanto, ainda matam os peixes e, em épocas de carência, comem os mergulhões, que ainda não aprenderam a ter medo delas.

Eu poderia ficar aqui por mais um milhão de anos e ainda não seria tempo suficiente, tenho certeza, para que os mergulhões se dessem conta que as pessoas

são muito perigosas. E, como já disse, eles ainda dançam a dança na época do seu acasalamento.

• • •

Naquela noite, o pessoal fez a maior festa no *Bahía de Darwin.* Comeram no convés principal, sendo que o capitão era o cozinheiro-chefe.

Haviam iguanas terrestres assados recheados com peixes. Mergulhões assados recheados com seus próprios ovos e dourados com banha de pinguim. Tudo estava delicioso. E todo mundo feliz, outra vez.

E, à primeira luz da manhã seguinte, o capitão e Mary voltaram à ilha, levando as Kanka-bono junto. Todos mataram tudo que puderam encontrar pela frente, amontoando cadáver sobre cadáver, até que o refrigerador do navio, além de James Wait, estava lotado com ovos, pássaros, iguanas, pinguins e outros bichos, bastante para durar um mês, se necessário. Agora tinham não apenas uma grande quantidade de combustível e água, mas também comida à vontade. E, diga-se de passagem, comida da melhor qualidade.

Então, o capitão tentou dar a partida nos motores. Queria levar o navio em direção a leste a toda velocidade possível. Sem dúvida, não poderia deixar de dar de cara com, pelo menos, um continente, fosse lá a América do Sul, Central ou do Norte. E o capitão disse a Mary, seu senso de humor retornando:

— ... a não ser que tenhamos a má sorte de cruzar o Canal do Panamá. Mas, se isso acontecer, garanto a você que ainda chegamos à Europa, ou à Asia.

E riu às bandeiras despregadas. Afinal de contas, tudo ia acabar bem.

Só que os motores não pegaram, de jeito algum.

9

Quando o *Bahía de Darwin* finalmente naufragou no sereno oceano, o que se deu em setembro de 1996, todo mundo, menos o capitão, o chamava pelo carinhoso apelido, cunhado por Mary, de “a *Grande Persiana*.”

Este nome disparatado fora extraído de uma canção que Mary aprendera de Mandarax, que era assim:

> *O melhor navio para uma viagem no oceano*
> *Era a* Grande Persiana.
> *As velas batidas pelo vento não assustavam a tripulação,*
> *Nem incomodavam o capitão.*
> *O homem do leme fora ensinado*
> *A sentir desprezo pela violenta tempestade,*
> *E, geralmente, quando o tempo melhorava*
> *Descobria-se que ele estivera*
> *Escondido em seu camarote.*
>
> Charles Carryl (1842-1920)

Hisako Hiroguchi, sua peluda filha Akiko e Selena MacIntosh, todas chamavam o navio de “a *Grande Persiana*”, e as mulheres Kanka-bono também. Elas adoravam o som dessas palavras, mesmo sem entender o que significavam. E quando dessem à luz seus filhos, coisa que ainda não tinham feito, diriam a eles que tinham vindo do continente num grande barco, chamado “a *Grande Persiana*”.

Akiko, fluente em kanka-bono, assim como em inglês e japonês, era a única não Kanka-bono que podia conversar com as Kanka-bono, e nunca conseguira encontrar uma maneira satisfatória de traduzir estas palavras para a língua kanka-bono: “a *Grande Persiana*”.

As Kanka-bono, portanto, não podiam compreender as palavras, muito menos seu conteúdo cômico, assim como nenhum humano hoje entenderia, se estivesse tomando um banho de sol na praia e eu chegasse peno dele, de mansinho, e lhe sussurrasse ao ouvido: “a *Grande Persiana.*”

• • •

Foi logo depois que a *Grande Persiana* afundou que Mary começou seu programa de inseminação artificial. Contava, então, com 61 anos. Era a única parceira sexual do capitão, que estava com 66 anos e cujo ardor sexual já não era mais tão intenso. Ademais, ele estava decidido a não se reproduzir, com medo de passar a doença de Huntington a seus descendentes. E também porque era um tremendo racista, quer dizer, não sentia nenhuma atração nem por Hisako Hiroguchi nem por sua filha peluda, Akiko. E menos ainda pelas mulheres Kanka-bono, que estavam destinadas a carregar na barriga seus filhos.

Lembrem-se: essas pessoas esperavam ser resgatadas a qualquer momento e não tinham nenhum meio de saber que eram a última esperança da raça humana. Quer dizer, levaram a cabo todos aqueles jogos sexuais apenas como passatempo, para ter algum prazer, para pegarem no sono, ou fossem lá quais fossem os motivos. Todos sabiam que Santa Rosalia não era um lugar adequado para se criar crianças. Aliás, seria até uma irresponsabilidade da parte deles, considerando-se o fato de que crianças exigiam um determinado tipo de alimentação, muito mais complexa que a sua.

E Mary sabia disso, é claro, tanto quanto os outros, na época em que a *Grande Persiana* foi se juntar à frota de submarinos equatorianos lá no fundo do mar. Seria uma tragédia, caso alguma criança viesse a nascer ali.

Sua alma continuou a sentir aquilo, mas seu cérebro gigante começou a pensar, assim como quem não quer nada, que o esperma que às vezes o capitão jogava dentro dela bem poderia ser utilizado para fecundar uma mulher fértil — e, claro, com algum possível resultado positivo, ou seja, a gravidez. Akiko, que então tinha 10 anos, ainda não ovulara. Mas as Kanka-bono, que contavam entre 15 e 19 anos, certamente sim.

• • •

O cérebro gigante de Mary lhe disse aquilo que frequentemente ela dizia a seus alunos: que não havia por que, talvez até fosse uma coisa muito boa, as pessoas não terem os mais variados tipos de ideias, não importando quão impossíveis, inviáveis ou mesmo loucas elas pudessem parecer. Por isso, Mary garantia a si própria, lá em Santa Rosalia, assim como garantia a seus alunos em Ilium, que jogos mentais, mesmo com as ideias mais disparatadas, já haviam levado a muitas das mais significativas descobertas científicas naqueles — como ela os chamava, há um milhão de anos — “tempos modernos”.

Mary consultou Mandarax a respeito da curiosidade.

E Mandarax disse:

A curiosidade é uma das características mais permanentes e positivas de uma mente fértil.

Samuel Johnson (1709-1784)

O que Mandarax não lhe disse, porém, e seu cérebro gigante, é claro, também não ia dizer, é que, se ela persistisse em ter ideias a respeito de um novo experimento com chances de dar certo, seu cérebro gigante faria de sua vida um inferno, até que, finalmente, ela resolvesse levar a cabo suas ideias.

Este, na minha opinião, era o aspecto mais diabólico daqueles velhos cérebros: diziam, com efeito, a seus donos: "Eis aí uma coisa doida que, provavelmente, vai dar certo. Só que a gente não vai tentar, é claro. Mas é divertido pensar nisso, não?"

Então, como se estivesse em transe, a pessoa levava mesmo a ideia a cabo — foi assim que fizeram os escravos lutar entre si até a morte, no Coliseu, queimaram pessoas vivas em praça pública, acusando-as de terem opiniões não muito populares por ali, construíram enormes edifícios, cujo único propósito era levar vários de seus construtores à morte, explodiram cidades inteiras, e assim por diante.

• • •

Deveria haver, mas não havia, um aviso na memória de Mandarax: "Nesta era de cérebros gigantes, qualquer coisa que porventura possa ser feita será mesmo feita — por isso, mandem brasa."

O mais próximo que Mandarax podia dizer parecido com isso era uma frase de Thomas Carlyle (1795-1881):

Qualquer espécie de dúvida só pode ser sanada através da ação.

• • •

As dúvidas que Mary tinha sobre se uma mulher poderia ou não ser engravidada por outra, em uma ilha deserta, sem nenhuma assistência técnica, levou-a a agir. Quase como que em transe, foi visitar o acampamento das Kanka-bono, do outro lado da cratera, levando Akiko junto, como intérprete.

E agora eu estou me lembrando de meu pai, quando ainda estava vivo, quando ainda era um escritor fracassado, lá em Cohoes. Sempre sonhara em

vender alguma ideia sua para o cinema, para não ter que procurar um emprego qualquer e para que pudéssemos contratar uma empregada.

Mas não importava o quanto ele acenasse com seus escritos para o cinema. As cenas cruciais, em cada um de seus roteiros, eram eventos que ninguém, em seu juízo perfeito, quereria filmar — não se quisessem fazer um filme popular.

E, vejam só, eu mesmo estou contando uma história cuja cena crucial jamais seria incluída num filme popular, há um milhão de anos. Nela, Mary Hepburn, como que hipnotizada, introduzia o dedo indicador em sua vagina e, de lá, retirava um pouco do esperma do capitão. Então enterrava o dedo impregnado com o líquido da vida nas vaginas das Kanka-bono, engravidando-as.

Mais tarde, Mary inventaria uma piada a respeito das atitudes inexplicáveis e irresponsáveis, das liberdades totalmente disparatadas que tomara com aquelas mulheres. Entretanto, não estava mais falando com o único colono que poderia ter entendido a piada, o capitão, e por isso teve de guardá-la para si mesma. Se articulada, a piada ficaria mais ou menos assim:

“Se eu tivesse pensado em fazer uma coisa como essa quando lecionava lá em Ilium, eu agora estaria numa prisão em Nova Iorque e não perdida nesta ilha de Santa Rosalia esquecida por Deus.”

10

Quando naufragou, o navio levou os ossos de James Wait junto com ele, misturados aos ossos de répteis e pássaros cujas espécies ainda existem. Só os semelhantes a James Wait já não existem mais. Estão extintos há muito tempo.

Evidentemente, ele era uma espécie de macaco macho — que caminhava ereto, tinha um cérebro extraordinariamente grande, cujo propósito, presume-se, era controlar os movimentos de suas mãos, de articulações bastante complexas. Talvez sua espécie houvesse dominado o fogo. Talvez usasse ferramentas.

E talvez tenha tido um vocabulário de doze ou mais palavras.

• • •

Quando o navio naufragou, o capitão era o dono da única barba na ilha. Um ano depois, seu filho, Kamikaze, viria a nascer. E treze anos depois a dele seria a segunda barba na ilha.

Citou Mandarax:

> *Era uma vez um velho barbudo,*
> *Que dizia: "É tal e qual eu temia!*
> *Duas corujas e uma galinha,*
> *Quatro cotovias e um pardal,*
> *Construíram seus ninhos em minha barba."*
>
> Edward Lear (1812-1888)

Na época em que o navio naufragou, quando a colônia já tinha dez anos, o capitão havia se tornado uma pessoa muito chata, sem muito em que pensar. Passava a maior parte do seu tempo junto à única fonte d'água potável da ilha, na base da cratera. Quando as pessoas iam pegar água, recebia-as como se fosse o mestre da fonte, aquele que conservava e benzia a água. Comentava com as Kanka-bono, que não entendiam patavina do que ele dizia, como a fonte estava se sentindo naquele determinado dia: "... muito nervosa, hoje", ou "... muito alegre, hoje", ou "... muito preguiçosa, hoje", e por aí afora.

A fonte, na verdade, estava sempre da mesma maneira, ou seja, como sempre estivera há milhares e milhares de anos, antes dos primeiros colonos humanos ali chegarem. E continuaria assim, muito embora, hoje, os humanos já não precisem mais dela tanto como naqueles tempos. Seu funcionamento era simples, não se precisava de nenhum graduado da Academia Naval dos Estados Unidos para entendê-lo: a cratera era um buraco enorme, que acumulara água de chuva durante muitíssimo tempo. A água ficava acumulada em suas reentrâncias, o que impedia que os raios de sol incidissem diretamente sobre ela. Havia uma pequena fenda, na base da cratera, de onde se originava a fonte.

De maneira alguma, nem com todo o tempo livre que tinha, o capitão conseguiria mudar alguma coisa no funcionamento daquela fonte. A água jorrava de maneira satisfatória, e acumulava-se em reentrância natural dez centímetros abaixo. A reentrância era mais ou menos do tamanho da pia no lavatório principal do *Grande Persiana*. Se, por qualquer razão, viesse a se esvaziar, estaria cheia novamente, sem nenhuma ajuda do capitão, em vinte e três minutos e onze segundos, segundo cálculos do Mandarax.

Como poderei descrever os anos de declínio do capitão? Devo começar dizendo que ele, cada vez mais, sentia um tranquilo desespero apoderar-se dele. Mas, claro, não precisava, necessariamente, ser um náufrago em Santa Rosalia para que se sentisse assim.

Citou Mandarax:

A massa humana leva uma vida igual a um tranquilo desespero.

Henry David Thoreau (1817-1862)

E por que esse tranquilo desespero era tão comum naqueles tempos, especialmente entre os homens? Mais uma vez, aponto o único verdadeiro vilão de minha história: o enorme cérebro humano.

• • •

Hoje em dia, ninguém mais sente desespero. A massa humana vivia em estado de tranquilo desespero, há um milhão de anos, porque aqueles computadores infernais dentro de nossas cabeças eram incapazes de parar e descansar um pouco; estavam sempre exigindo novos problemas, maiores e mais complexos, que nem sempre a vida tinha condições de lhes oferecer. Nesse caso, então, eles o inventavam.

• • •

Já descrevi quase todos os eventos e circunstâncias cruciais, na minha opinião, para a milagrosa sobrevivência da espécie humana até hoje. Penso sempre nos colonos como se fossem uma espécie de chave, com mil e uma portas cerradas à sua frente. Até que um dia chegaram à última porta, que se abria para a felicidade perfeita.

Uma dessas chaves, sem dúvida, era a falta de ferramentas manuais em Santa Rosalia, salvo o osso, pedras, entranhas de peixe — e de pássaros.

Se o capitão tivesse qualquer tipo de ferramenta em seu poder, como uma chave de fenda, um alicate, ou coisa que o valha, certamente teria encontrado uma maneira, em nome da ciência e do progresso, de modificar a fonte natural, ou de fazê-la jorrar toda a água acumulada durante todos aqueles anos na cratera em apenas uma semana, ou duas.

• • •

Quanto ao equilíbrio estabelecido pelos colonos entre eles e seu suprimento de alimentos, devo dizer que isso também se deu por pura sorte, não por inteligência.

A Natureza escolhera ser generosa por aquelas bandas. Por isso, tinha um enorme estoque de comida, ali. Os pássaros das outras ilhas estavam se reproduzindo sem parar, por isso, vários emigrantes foram para Santa Rosalia, encher os ninhos deixados vazios por aqueles que os humanos comiam. Com os iguanas marinhos, entretanto, não havia o mesmo tipo de esquema, pois eles não conseguiam nadar longas distâncias. No entanto, esses animais tinham um aspecto tão repulsivo e as algas em seus intestinos eram consumidas por tão poucas pessoas, que só mesmo em épocas de falta de qualquer outro tipo de comida eles eram procurados.

O prato preferido de todos os colonos era ovo cozido, que eles deixavam durante horas em cima de uma pedra, cozinhando ao calor do sol. Não havia fogo em Santa Rosalia. O outro prato predileto era peixe frito. Um outro, uma ave qualquer, cozida. Por último, vinha a alga marinha, parcialmente digerida pelo estômago dos iguanas marinhos.

De fato, a Natureza era tão boa para eles que havia até uma outra reserva de comida por ali, que poderia ser usada a qualquer momento, mas que os colonos preferiam ignorar, enquanto pudessem. A praia estava apinhada de focas e leões-marinhos de todas as idades, nenhum deles feroz, exceto os machos, na época de acasalamento. Nessa época eles ficavam pulando de um lado para outro, olhando de soslaio para os humanos. E eles eram um bocado gostosos, quando assados.

• • •

O fato de os colonos terem matado todos os iguanas terrestres logo que ali chegaram poderia ter sido fatal — mas acabou por não se tornar nem um pouco desatroso, afinal de contas. Poderia ter sido. Mas não foi. Nunca houve grandes tartarugas em Santa Rosalia. E se houvesse, os humanos as teriam exterminado também. Mas isto não teria importado muito.

Entretanto, em outras partes do mundo, como na África, por exemplo, as pessoas estavam morrendo aos milhões por pura falta de sorte. Não chovia anos a fio, isto quando sempre havia chovido bastante por lá. Agora, porém, parecia até que nunca mais iria cair uma gota de chuva sequer do céu.

Pelo menos os africanos tinham parado de se reproduzir. E isto foi uma coisa muito boa e de grande ajuda para os sobreviventes, pelo menos durante algum tempo. Assim, cada pessoa que morria era uma a menos para se alimentar.

• • •

O capitão não se deu conta da gravidez das Kanka-bono até mais ou menos um mês antes da primeira delas dar à luz — dar à luz, aliás, ao primeiro ser humano nativo da ilha, que veio a ser conhecido pelo apelido que Akiko lhe dera, expressando sua alegria ao perceber que era macho: “Kamikaze.” Que em japonês quer dizer vento sagrado.

• • •

Os colonos originais nunca vieram a se constituir em uma família que incluísse a todos. As gerações subsequentes, entretanto, após a morte do último dos colonos originais, vieram a se tornar uma família unida. Tinham uma língua em comum, uma religião em comum e algumas brincadeiras danças e canções em comum. Tudo de origem Kanka-bono. E Kamikaze, quando também veio a se tornar um homem muito velho, transformou-se em algo que o capitão nunca fora: um venerado patriarca. E Akiko, uma venerável matriarca.

Acontecera muito rápido — aquela formação de uma família humana, proveniente de experiências genéticas tão díspares. E era bonito de se ver. Quase fez com que eu sentisse amor pelas pessoas, mesmo como costumavam ser, cérebros gigantes e tudo o mais.

11

O capitão só descobriu que uma das Kanka-bono, a primeira fertilizada por Mary, estava grávida, quando já era tarde demais. Ninguém ia dizer isso a ele, é claro. E as Kanka-bono o odiavam tanto, especialmente por razões raciais, que ele quase nunca as via. Elas só iam à cratera buscar água bem tarde da noite, evitando encontrar-se com ele. E elas continuariam a odiá-lo daquele jeito até o fim de sua vida, mesmo sendo ele o pai das crianças que elas tanto amavam.

Um mês antes de Kamikaze nascer, certa noite, o capitão não estava conseguindo pegar no sono, sobre o colchão de penas de Mary. Seu cérebro gigante lhe dizia para ir até a fonte e descobrir de onde vinha toda aquela água para, assim, tomar para si o controle sobre aquilo de que ninguém reclamava, na ilha: o fluxo de água da fonte.

A propósito, esse fluxo era quase uma obra de engenharia, um projeto quase tão complexo quanto a construção da Grande Pirâmide de Quéops ou do Canal do Panamá.

Então, o capitão levantou-se e foi dar um passeio, no meio da noite. A lua cheia brilhava no céu. Quando chegou à fonte, viu que as seis Kanka-bono estavam lá, brincando com a água, molhando-se umas às outras. Estavam todas felizes e contentes, é claro, pois logo iam dar à luz seus filhos.

Pararam de brincar assim que avistaram o capitão. Sempre acharam que ele fosse mau. Acontece que, para desespero do capitão, ele estava completamente nu. Não esperava encontrar ninguém, àquela hora, e não se preocupara em cobrir-se com sua capa de pele de iguana. Agora, depois de dez anos, as Kanka-bono estava vendo, pela primeira vez, seu pênis. Começaram a rir e não conseguiram mais parar.

• • •

O capitão voltou correndo à cabana, onde Mary estava dormindo a sono solto. Pensara, também, ter reparado, em uma das mulheres, uma espécie de tumor, ou parasita, ou infecção qualquer, na barriga. Achou então que, a despeito de sua alegria, ela logo estaria morta.

Mencionou isso a Mary na manhã seguinte, e ela deu um estranho sorriso.

— Acha que é coisa para se rir? — ele perguntou.

— Eu estava rindo? — disse Mary. — Meu Deus! Claro que não é nada para se rir.

— Um tumor grande daquele jeito, só pode ser grave — disse o capitão.

— Concordo plenamente — disse Mary. — Vamos ter de esperar, para ver o que é. Que mais podemos fazer?

— Ela estava tão feliz — ponderou o capitão. — Nem parecia se importar com aquele tumor.

— Como você sempre diz — retrucou Mary —, elas não são como a gente. Seus pensamentos são muito primitivos. Não têm malícia. Acham que não podem mesmo mudar nada, por isso aceitam as coisas do jeito como elas se apresentam.

Mandarax estava na cama, com ela. Mary e a peluda Akiko, que só tinha dez anos, eram os únicos colonos que se divertiam com o computador. Se não fosse por elas, o capitão, Hisako, ou Selena, que já estavam fartos dos comentários sarcásticos da máquina, já o teriam atirado no oceano há muito tempo.

De fato, o capitão sentira-se pessoalmente insultado por ele desde que surgira com aquele poema sobre o ridículo capitão do *Grande Persiana.*

Mary, então, tirou do instrumento o seguinte comentário a respeito da suposta ignorância da Kanka-bono que estava tão feliz, apesar do caroço em sua barriga:

> *A mais feliz das vidas consiste na ignorância,*
> *Antes da pessoa aprender a alegrar-se ou a entristecer-se.*
>
> Sófocles (496-406 a.C.)

Mary estava brincando com os sentimentos e a inteligência dele de uma tal forma que eu, como colega de sexo do capitão, achava ser mesquinha e mal-intencionada. Se eu tivesse sido mulher, talvez não pensasse assim. Se tivesse sido mulher, provavelmente estaria me deliciando com o fato de Mary Hepburn estar se rejubilando pelo papel tão limitado que os machos humanos tinham no processo de evolução, naqueles tempos. E que, aliás, ainda têm, hoje. Isto não mudou em nada. Ainda existem esses machos imbecis que só servem para encher as fêmeas com seu esperma na época do acasalamento.

A brincadeira de Mary, aliás, já estava se tornando maldosa e nojenta. Depois do nascimento de Kamikaze, assim que ficou sabendo que ele era seu filho, o capitão, com toda razão, insistiu em que deveria ter sido consultado sobre o assunto.

Ao que Mary replicava:

— Você não foi obrigado a carregar aquela criança na barriga durante nove meses, nem teve de aguentar, entre suas pernas, a força que ela fazia para sair. Não pode amamentá-la, mesmo que quisesse, coisa que eu duvido muito. E ninguém está esperando que você ajude a criá-la. Esperamos, isso sim, é que você se afaste dela!

— Mesmo assim... — começou o capitão.

— Oh, meu Deus! — exclamou Mary. — Se nós pudéssemos ter feito o bebê com saliva de iguana acha que não o teríamos feito sem perturbar Sua Majestade?

12

Após Mary ter dito aquilo ao capitão, de maneira nenhuma o relacionamento entre eles poderia voltar a ser o mesmo. Há um milhão de anos havia um bocado de teorias sobre como impedir a separação de um casal. E existia, pelo menos, uma maneira pela qual Mary poderia ter continuado o seu relacionamento com o capitão, caso realmente quisesse.

Poderia ter dito a ele que as Kanka-bono haviam copulado com leões-marinhos e focas machos. Ele teria acreditado neste disparate, não só porque tinha uma péssima opinião a respeito da moral das mulheres, mas também porque jamais poderia sequer suspeitar que aquilo fora fruto de uma inseminação artificial. Não teria achado aquilo possível, embora, hoje, seja um procedimento muito comum, e tão fácil quanto roubar doce de uma criança.

Citou Mandarax:

Alguma coisa existe que não gosta de paredes.

Robert Frost (1874-1963)

Ao que acrescento:

É, mas alguma coisa existe também que adora uma membrana mucosa.

Leon Trotsky Trout (1946-1.001.986)

Quer dizer, Mary poderia ter salvo o relacionamento entre eles com uma mentira, embora ainda tivesse que explicar os olhos azuis de Kamikaze. Aliás, uma pessoa entre dez, hoje, tem os olhos azuis do capitão e seu cabelo louro encaracolado. Às vezes, eu até assusto uma dessas pessoas, sussurrando baixinho em seu ouvido: "*Guten morgen*, Herr von Kleist", ou "*Wie geht's es Ihnen*, Fräulein von Kleist?" É tudo o que sei falar em alemão.

E, hoje em dia, é mais que o suficiente.

• • •

Deveria Mary Hepburn ter salvo seu relacionamento com uma mentira? Esta é uma pergunta que continua sem resposta até hoje. Eles nunca formaram um casal ideal. Não tiveram outra alternativa a não ser ficar juntos, depois que Selena e Hisako se juntaram, para criar Akiko, e que as Kanka-bono se mudaram para o outro lado da cratera, preservando suas crenças, maneiras e atitudes.

Incidentalmente, um dos costumes dos Kanka-bono era manter seus nomes em segredo, para que ninguém que não fosse Kanka-bono os soubesse.

Eu, entretanto, tinha livre acesso a seus segredos, assim como aos de todos os outros, e acredito que não há nenhum mal em dizer que a primeira delas a ter um bebê se chamava Sinka, a segunda, Lor, a terceira, Lira, a quarta, Dirno, a quinta, Nanno e a sexta Keel.

• • •

Depois que Mary se separou do capitão e fez uma cabana e um colchão de penas para si própria, dissera a Akiko que não se sentia mais solitária, agora, do que se sentia quando vivia com ele. Tinha várias e específicas reclamações contra o capitão, coisas que ele próprio poderia ter remediado, se quisesse que o relacionamento entre eles continuasse.

— As duas pessoas têm que zelar por seu relacionamento, na vida a dois — ensinara a Akiko. — Se for uma só a fazê-lo, não vai dar certo. Não adianta, aquela que se esforça sozinha acaba sempre como eu, sentindo-se uma idiota o tempo todo. Eu tive um casamento muito feliz, Akiko, e poderia ter tido outro, se Willard não tivesse morrido — por isso, sei como são essas coisas.

Mary enumerou as quatro falhas do capitão, aquelas sobre as quais ele bem poderia ter feito algo para remediar, mas não fizera:

1. Quando comentava sobre seus planos para o futuro, depois que fossem salvos, nunca a incluía neles.
2. Fazia pouco de Willard Flemming o tempo todo, mesmo sabendo o quanto isto a magoava, duvidando muito que ele tivesse mesmo composto aquelas duas sinfonias ou que soubesse qualquer coisa a respeito de moinhos, ou mesmo que soubesse esquiar.
3. Reclamava demais dos bip-bips que Mandarax fazia sempre que ela apertava seus botões, mesmo sendo ruídos quase imperceptíveis e até sabendo o quanto ela gostava de se educar, memorizar frases famosas, aprender novas línguas, coisas assim.
4. Ele preferia se afogar a dizer uma única vez: “Eu te amo”.

— E esses são apenas os quatro piores aspectos dele — concluiu.

Quer dizer, quando Mary falou ao capitão aquilo sobre a saliva dos iguanas, foi como a taça transbordando com a última gota d'água.

• • •

Eu, particularmente, não acho que a separação deles foi algo assim tão trágico, pois não havia nenhuma criança envolvida, e nenhum dos dois achava que viver sozinho era uma desgraça. Ambos eram, regularmente, visitados por Akiko e, logo após Kamikaze ter alcançado a idade em que já podia se reproduzir, Akiko tinha as criancinhas peludas dela, que sempre levava junto.

• • •

Mary não recebia nenhuma atenção especial por parte das Kanka-bono, embora fosse a responsável pelos filhos delas. Elas, e depois, seus filhos e filhas, tinham-lhe tanto medo quanto tinham do capitão. Achavam que ela também era capaz de fazer muito mal, assim como fazia o bem.

E, dessa forma, vinte anos se passaram. Hisako e Selena, oito anos antes, haviam se suicidado, afogando-se. Akiko era, agora, uma matrona de 39 anos, mãe de sete crianças — dela e de Kamikaze —, dois meninos e cinco meninas. Era fluente em três línguas, sem a ajuda do Mandarax: inglês, japonês e kanka-bono. Seus filhos e filhas, porém, só falavam kanka-bono, exceto por duas palavras em inglês: "Vovô" e "Vovó". Fora assim que ela os ensinara a tratar Mary e o capitão. E era assim que ela própria os tratava.

• • •

Uma manhã, às sete e meia do dia 9 de maio de 2016, segundo cálculos do *Mandarax, Akiko acordou *Mary e disse a ela que achava que devia fazer as pazes com o *capitão, que estava tão doente que, provavelmente, não duraria mais um dia. Akiko o visitara no dia anterior e, vendo o seu estado, mandou seus filhos embora e passou a noite toda cuidando dele, embora não houvesse lá muito que pudesse fazer.

*Mary aquiesceu e foi, embora ela própria já não estivesse, também, em boas condições. Tinha 80 anos — e estava desdentada. Sua espinha estava tão curvada que parecia um ponto de interrogação, graças, segundo *Mandarax, a uma doença terrível chamada osteoporose. E *Mary nem precisava do *Mandarax para saber o que tinha. Os ossos de sua mãe e de sua avó também haviam sido

atacados pela osteoporose, antes de ambas morrerem. Este era um outro defeito hereditário, desconhecido nos dias de hoje.

E o *capitão, *Mandarax garantiu, sofria do mal de Alzheimer. O pobre velho já nem podia mais se aguentar sobre as pernas. Mal sabia onde estava. Teria morrido de fome, há muito tempo, se Akiko não lhe trouxesse comida todo dia e, de um jeito ou de outro, fizesse com que ele engolisse um pouco. Tinha, então, 86 anos.

Citou Mandarax:

> *A última cena,*
> *Que põe fim a essa estranha história,*
> *É uma segunda infância, um mero esquecimento,*
> *Sem dentes, sem olhos, sem gosto, sem nada.*
>
> William Shakespeare (1564-1616)

Então, *Mary, toda curvada, entrou na cabana de penas do capitão, que também já fora sua, um dia. Fazia vinte anos que não botava os pés ali. As penas já haviam sido trocadas muitas vezes, desde que se fora, e também os pedaços de madeira e as pedras que mantinham a cabana em pé. Mas a arquitetura ainda era a mesma, com uma janelinha que dava para o mar, emoldurando o oceano onde o *Grande Persiana* afundara, há muito tempo.

Aliás, o que, finalmente, afundou aquele navio foi o grande acúmulo de água de chuva em seus porões. A água do mar também entrava sem parar, através das fendas abertas no casco pela erosão. Ninguém percebera isso acontecer. Só deram conta quando o navio terminou de uma vez por todas o “Cruzeiro Natural do Século”, atracando, para sempre, em um porto natural, três quilômetros abaixo, no fundo do mar.

13

Era, de fato, uma lúgubre paisagem, aquela descortinada pela janela do *capitão. O fato que me surpreendia era ele ficar um bom tempo ali, todo dia. Foi dentro daquele mesmo oceano que *Hisako Hiroguchi e *Selena MacIntosh entraram, de mãos dadas, procurando, e encontrando, juntas, o túnel azul para o além-túmulo. *Selena, então, contava 48 anos e ainda era fértil. *Hisako tinha 56, e já não ovulava há muito tempo.

Akiko sempre gentia um calafrio quando olhava para a praia. Não conseguia deixar de se sentir responsável pela morte das duas mulheres que a haviam criado — embora *Mandarax lhe assegurasse que fora a intratável, monopolizadora e, provavelmente, hereditária depressão crônica de *Hisako a responsável por suas mortes.

Havia, porém, o fato, lembrava-lhe sempre Akiko, que *Hisako e *Selena se suicidaram logo depois que ela passou a morar sozinha, em sua própria cabana.

Na época, Akiko tinha 28 anos. Kamikaze ainda não alcançara a puberdade; portanto, não tivera nada a ver com as duas mortes. Akiko, simplesmente, gostava de morar sozinha. Já passara da idade em que, geralmente, os jovens saem de casa, e eu lhe dava todo o apoio. Eu via o quanto lhe doía o fato de *Hisako e *Selena sempre se dirigirem a ela como se fosse um bebê, muito depois de ela ter se tornado uma mulher robusta e capaz. E ela ainda conseguiu aturar aquilo durante bastante tempo — porque sempre se sentira muito grata pelo que as duas haviam feito por ela, enquanto criança.

No dia em que saíra de casa, elas ainda estavam cortando a carne de mergulhão assado para ela, podem acreditar nisso?

Durante um mês, depois que Akiko se fora, as duas ainda mantinham seu lugar intacto, na mesa, ainda cortavam a carne para ela e até falavam e brincavam com ela, mesmo não estando mais ali.

Até que um dia acharam que não valia mais a pena viver.

• • •

Apesar de sua doença, *Mary Hepburn ainda era uma mulher independente, quando foi visitar o *capitão em seu leito de morte. Ainda apanhava e preparava

sua própria comida, e mantinha sua cabana bem limpa e asseada. Orgulhava-se disso, e com toda razão. O *capitão era um peso morto para toda a comunidade, ou melhor, para Akiko. *Mary, certamente, não. Sempre dizia aquilo a Akiko. Se, algum dia, viesse a se tornar um estorvo para qualquer pessoa, ia seguir Hisako e Selena, lá no oceano, e se juntar a seu segundo marido.

O contraste entre seus pés e os do *capitão era gritante. Os pés de ambos, certamente, teriam histórias bem diferentes para contar. Os dele eram brancos e macios. Os dela eram tão escuros e curtidos quanto as botas de montanhismo que ela trouxera de Guaiaquil, tanto tempo atrás.

Então, *Mary disse ao homem com quem não falava havia vinte anos:

— Me disseram que você está muito doente.

Na verdade, ele ainda era bem bonito e elegante. Estava sempre limpo, pois Akiko o banhava todos os dias, lavava sua cabeça e penteava sua barba. O sabão que ela usava, fabricado pelas Kanka-bono, consistia de pó de ossos e banha de pinguim.

Um dos aspectos mais exasperantes da doença do *capitão era que seu corpo ainda se encontrava suficientemente capaz de tomar conta de si próprio.

Era muito mais forte que o de *Mary. Era o seu deteriorado cérebro gigante que o fazia ficar tanto tempo na cama, que o fazia lamentar-se e recusar-se a comer, entre outras coisas. Repito: suas condições físicas não eram peculiares a Santa Rosalia. Lá no continente, milhões de velhos se encontravam tão indefesos como bebês, e adultos compassivos, como Akiko, tinham que cuidar deles. Graças aos tubarões e às baleias assassinas, os problemas concernentes à velhice são inimagináveis, hoje.

• • •

— Quem é essa mendiga? — perguntou o *capitão a Akiko. — Odeio mulheres feias! E esta é a velha mais feia que eu já vi!

— É *Mary Hepburn... é a Sra. Flemming, vovô — disse Akiko, com lágrimas nos olhos. — É a vovó.

— Nunca a vi na minha vida — disse o *capitão. — Por favor, tire ela daqui. Vou fechar meus olhos. Quando os abrir de novo, não quero mais vê-la aqui! — Fechou os olhos e começou a contar alto.

Akiko pegou *Mary pelo braço.

— Oh, vovó... eu não tinha ideia que ia ser assim.

E *Mary lhe disse, bem alto:

— Ele não está pior do que sempre foi.

O *capitão continuou contando.

Lá de fora, a meio quilômetro dali, chegou o grito de triunfo de um rapaz e risadas femininas. O grito já era familiar na ilha. Era o costumeiro anúncio de Kamikaze de que agarrara uma fêmea e ia copular com ela. Tinha, então, 19 anos, acabara de se tornar sexualmente ativo e, como único macho viril da ilha, podia copular com quem ou o que quisesse, a qualquer momento. Esse era outro sofrimento que Akiko tinha de suportar — as infidelidades de seu marido. Esta era, mesmo, uma santa mulher.

A fêmea que Kamikaze acabara de agarrar, na fonte, era sua própria tia, Dirno, que já nem tinha mais idade para engravidar. Mas ele não se importava. Ia copular com ela, assim mesmo. Quando era mais jovem, ele já copulara até com focas e leoas-marinhas, até que Akiko o convenceu a não fazer mais aquilo, pelo bem dela própria, se não fosse pelo dele.

Nenhuma foca ou leoa-marinha ficou grávida de Kamikaze, o que, de certo modo, foi uma pena. Se ele tivesse conseguido engravidar uma, a evolução da raça humana poderia ter levado bem menos tempo que um milhão de anos.

Bem, afinal, qual era o motivo da pressa?

• • •

O *capitão abriu os olhos e disse a *Mary:

— Por que ainda não foi embora?

— Oh, não se importe comigo — disse Mary. — Sou apenas a mulher com quem você viveu por dez anos.

Naquele momento, Lira, outra das Kanka-bono, chamou por Akiko, na língua kanka-bono, dizendo que seu filho de 4 anos, Orlon, quebrara um braço e que a presença dela era necessária. Lira não se atrevia a chegar mais perto do que já estava da cabana do *capitão, pois achava que ela estava cheia de magia ruim.

Akiko, então, pediu a *Mary que olhasse o *capitão um pouco, enquanto ia até sua cabana. Prometeu voltar assim que possível.

— Comporte-se — pediu ao *capitão. — Promete?

Ele prometeu, com um grunhido.

• • •

*Mary trouxera *Mandarax com ela, a pedido de Akiko, na esperança de que ele pudesse diagnosticar o que fizera com que o *capitão entrasse em coma profunda na noite anterior.

Mas, assim que viu o instrumento, e antes que *Mary conseguisse fazer a primeira pergunta, o *capitão fez algo totalmente inesperado: tirou o computador da mão dela e ficou de pé, como se não houvesse nada de errado com ele.

— Odeio esse pequeno filho da puta mais do que qualquer coisa no mundo! — disse.

Então, foi cambaleando até a praia e entrou na água, até os joelhos.

A pobre *Mary foi atrás dele, mas, certamente, não estava em condições de segurar um homem tão grande. Viu, sem poder fazer nada, ele jogar *Mandarax na água. O instrumento caiu entre dois recifes e parou a três metros de profundidade. Os recifes, em declive, lembravam o corpo dos iguanas marinhos.

*Mary podia ver *Mandarax lá no fundo. Ali estava ele — o inestimável objeto que ela prometera deixar para Akiko quando morresse. Então, aquela velha senhora mergulhou atrás do computador. Chegou a segurá-lo entre as mãos, mas neste momento apareceu um grande tubarão branco que engoliu a ambos, ela e Mandarax.

• • •

O *capitão estava tendo um lapso de memória, por isso viu a água se tingir de sangue, mas não sabia o que era, nem o que estava acontecendo. Não sabia nem em que parte do mundo se encontrava. O mais alarmante, porém, era que estava sendo atacado por pássaros. Eram apenas os tentilhões-vampiros que estavam voando sobre a água, bicando o sangue que ali se encontrava. Eram os pássaros mais comuns da ilha. Mas, para ele, naquele momento, eram algo novo e terrificante.

Começou a dar tapas neles e a gritar por socorro. Mais e mais tentilhões começaram a chegar, e o *capitão estava tão convencido de que eles queriam matá-lo que se atirou na água, onde foi engolido por um tubarão-martelo. Este animal tinha a cabeça em forma de martelo, com os olhos em cada uma das extremidades, anatomia essa aperfeiçoada pela lei da seleção natural durante milhões e milhões de anos. Era um corpo isento de defeitos, no mecanismo do universo. Não tinha nenhuma parte sua que necessitasse de modificação. E uma coisa de que, sem dúvida, não precisava, era um cérebro maior.

O que iria fazer com um? Compor a “Nona Sinfonia” de Beethoven?

Ou, talvez, escrever estas frases:

Todo o mundo é um palco,
E todos os homens e mulheres, atores.
Têm suas entradas e suas saídas;

E um homem, em seu tempo, vive vários papéis...?

William Shakespeare (1564-1616)

14

Escrevi essas palavras no vácuo — com a ponta do dedo indicador de minha mão esquerda, que também é vácuo. Minha mãe era canhota, e eu também sou. Hoje em dia, não existem mais pessoas canhotas. As pessoas, hoje, exercitam suas nadadeiras em perfeita simetria. Minha mãe era ruiva, assim como Andrew MacIntosh, embora seus respectivos filhos, eu e Selena MacIntosh, não tenhamos herdado essa qualidade — nem o resto da humanidade. E nem poderia. Hoje em dia, não existem mais pessoas ruivas. Pessoalmente, nunca conheci um albino, mas também não existem mais albinos. Entre as focas, de vez em quando, ainda aparece um. Suas peles teriam sido muito cobiçadas pelas damas da sociedade, há um milhão de anos, para serem usadas nas óperas e nas festas de caridade.

• • •

Se eu me incomodo de escrever de maneira tão irreal, vácuo sobre vácuo? Bem — minhas palavras durarão tanto quanto qualquer coisa que meu pai tenha escrito, ou que Beethoven tenha escrito, ou que Darwin tenha escrito. Todos eles escreveram no vácuo e eu, agora, tomo estas palavras emprestadas de Darwin, aqui, na atmosfera perfumada:

O progresso tem sido muito mais constante que o retrocesso.

É verdade. É verdade.

• • •

Quando minha história começou, parecia que a parte terrestre do mecanismo do universo estava em grande perigo, visto que tantas de suas peças, ou seja, as pessoas, já não se encaixavam em lugar algum, e também estavam estragando as peças ao seu redor. Eu diria, então, que o defeito não tinha mais conserto.

Não era verdade!

Graças a certas modificações na anatomia humana, não vejo razão pela qual as partes terrestres do mecanismo não continuem a funcionar para sempre, como

funciona agora.

• • •

Se foi algum ser sobrenatural, ou viajante de alguma espécie de disco-voador, os preferidos de meu pai, que trouxe a harmonia entre a humanidade e a Natureza, eu não o vi fazer isso. Estou preparado para jurar de pés juntos que foi a lei da seleção natural que, sem nenhum tipo de ajuda, o fez.

Foram os melhores pescadores que sobreviveram em maior número nas Ilhas Galápagos. Aqueles que tinham as mãos e os pés mais parecidos com nadadeiras eram os melhores nadadores. Mandíbulas eram um apetrecho muito melhor para agarrar os peixes que mãos. E qualquer pescador que ficasse mais tempo dentro d'água podia, sem dúvida, pegar mais peixes, se tivesse corpo mais aerodinâmico — com um cérebro menor.

• • •

Eis aí, portanto, minha história, exceto por alguns pequenos e insignificantes detalhes que eu possa ter me esquecido de mencionar. Vou mencioná-los agora, sem nenhuma ordem particular, pois preciso escrever depressa. Meu pai e o túnel azul devem aparecer a qualquer momento.

• • •

As pessoas ainda sabem que, cedo ou tarde, irão morrer? Não. Felizmente, em minha humilde opinião, esqueceram-se disso.

• • •

Se eu cheguei a me reproduzir enquanto estive vivo? Engravidei, por puro acidente, uma estudante, em Santa Fé, pouco antes de me alistar na Marinha dos Estados Unidos. Seu pai era o reitor da universidade local, e nós nem ao menos gostávamos muito um do outro. Estávamos só nos divertindo, como os jovens gostam de fazer. Ela abortou, e seu pai pagou a operação. Nem chegamos a saber se ia ser menino ou menina.

Isso, certamente, me ensinou uma lição. Depois disso, sempre me certifiquei de que eu, ou minha parceira, estávamos usando um preservativo qualquer. Nunca cheguei a me casar.

E, agora, não posso deixar de rir, imaginando como seria engraçado se uma pessoa, hoje, antes de fazer amor, tivesse que se equipar com um daqueles

preservativos de um milhão de anos atrás. Imaginem só elas terem de fazer isso sem mãos, só com nadadeiras!

• • •

Se, enquanto estive por aqui, alguma canoa natural ou matéria vegetal de qualquer espécie aportou por aqui, com ou sem passageiros? Não. Se espécimes do continente, qualquer um, chegaram a essas ilhas desde que o *Bahía de Darwin* encalhou? Não.

Bem, eu só estou por aqui há um milhão de anos. Realmente, um período insignificante de tempo.

• • •

Como é que eu fui parar do Vietnã na Suécia?

Depois que atirei naquela velha, lá no Vietnã, que matou meu melhor amigo e meu pior inimigo com uma granada de mão, o que restou de nossa patrulha pôs fogo em seu vilarejo, e eu fui hospitalizado, por "esgotamento nervoso". Fui tratado com muito carinho. Também fui visitado por vários oficiais, que me disseram ser muito importante eu nunca contar para ninguém o que havia acontecido por lá. Só então eu soube que nossa patrulha havia matado cinquenta e nove pessoas por lá, de todas as idades. Alguém tinha se dado ao trabalho de contá-las.

Na noite em que tive alta do hospital, contrai sífilis de uma prostituta de Saigon, enquanto estava bêbado e com a cabeça cheia de maconha. Mas a primeira lesão que tive, resultante daquela doença, que hoje também não existe mais, se deu quando eu estava em Bangcoc, na Tailândia, para onde fui mandado, junto com muitos outros soldados, para descansar e me divertir. "Descansar" e "divertir" era um eufemismo bem conhecido por todos. Significava mais prostitutas, mais drogas e mais álcool. A prostituição, naquela época, era a maior fonte de renda da Tailândia, perdendo só para o arroz.

Depois, passou a ser borracha.

Depois, madeira.

Depois, estanho.

• • •

Eu não queria que o Ministério da Marinha soubesse que eu havia contraído sífilis. Se descobrissem, cancelariam o pagamento do meu soldo mensal durante

o tempo em que eu estivesse sob tratamento. Além do mais, o período de tratamento não seria descontado do tempo que ainda me restava para servir no Vietnã.

Por isso, procurei os serviços de um médico particular em Bangcoc. Um marinheiro meu amigo o recomendara, era um médico sueco que tratava de casos como o meu e que estava fazendo pesquisas na Universidade de Ciências Médicas de lá.

Durante minha primeira visita, ele me fez perguntas a respeito da guerra. E a primeira coisa que eu contei a ele foi sobre o que havia acontecido naquele vilarejo. Ele quis saber como eu me sentia com relação àquilo e eu lhe disse que, para mim, o aspecto mais terrível da experiência era o fato de eu não estar sentindo lá muita coisa.

• • •

— Você costumava chorar, depois daquilo, ou teve problemas de insônia? — perguntou ele.

— Não senhor — eu disse. — De fato, fui hospitalizado porque tudo o que queria fazer era dormir.

Eu não chegara nem perto de chorar. Eu não era um manteiga derretida, um bebê chorão. Não fui capaz de chorar nem depois que a Marinha fez de mim um homem. Nem mesmo quando minha mãe abandonou-nos, meu pai e eu.

Mas, então, aquele sueco de uma figa disse algo que me fez chorar como um bebê — enfim, enfim! E ele ficou tão surpreso quanto eu, quando me viu chorando.

Foi isso o que ele disse:

— Percebi que seu nome é Trout. Por acaso é parente do maravilhoso escritor de ficção científica Kilgore Trout?

Este médico foi a única pessoa que encontrei, fora de Cohoes, em Nova Iorque, que já tinha ouvido falar de meu pai.

Tive que vir até Bangcoc, na Tailândia, até o outro lado do mundo, para saber que, aos olhos de uma pessoa, pelo menos, aquele desesperado escritor não vivera em vão.

• • •

Aquele médico me fez chorar tanto que eu tive de tomar um sedativo. Quando acordei, mais tarde, deitado em um sofá em seu consultório, ele me olhava fixamente. Estávamos sós.

— Sente-se melhor, agora? — perguntou.

— Não — respondi. — Talvez. Não sei ao certo.

— Estive pensando no seu caso, enquanto dormia — disse ele. — Na verdade, existe um ótimo remédio que eu posso lhe dar. Mas a escolha, se vai querer tomá-lo ou não, tem que ser sua. Precisa estar a par de seus efeitos colaterais.

Eu achava que ele estava falando sobre o quão resistentes a antibióticos os organismos da sífilis haviam se tornado, graças às leis da seleção natural. Meu cérebro estava errado, de novo.

Ele disse que tinha amigos que poderiam arranjar para que eu saísse de Bangcoc e fosse para a Suécia, se quisesse tentar asilo político lá.

— Mas eu não falo sueco — disse eu.

— Você aprende — disse ele. — Você aprende, você aprende...

KURT VONNEGUT JR. nasceu em 1922, em Indianópolis, Estados Unidos. Começou ganhando a vida como relações públicas na General Electric e fez mestrado em antropologia antes de se tornar escritor. É casado com Jill Krementz e pai de seis filhos, três dos quais adotivos. Kurt Vonnegut tem outra obra publicada pela Bertrand Brasil — *Bode vermelho*, que também ocupou por muitos meses a lista dos *best-sellers* mais vendidos no mundo inteiro.